

CEDI - P. I. B.
DATA 27 04 / 98
COD PKD74

IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO

DA

ÁREA INDÍGENA APYTEREWA



FUNAI

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

ÍNDICE

	PG
. INTRODUÇÃO.....	01
. IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO.....	05
. HISTÓRIA.....	07
. ÁREA DE PERAMBULAÇÃO E ALGUMAS ALDEIAS ANTIGAS.....	16
. DEMOGRAFIA	
LEVANTAMENTO POPULACIONAL - AGÔSTO DE 1988.....	19
QUADRO DE PARENTESCO POR RESIDÊNCIA.....	26
POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA.....	45
NASCIMENTOS APÓS CONTATO.....	46
MORTES APÓS CONTATO.....	48
PARAKANÃ TRANSFERIDOS PARA ALDEIA MARUDJEWARA.....	49
. ASPECTOS EDUCACIONAIS, LIDERANÇA, CASAMENTO, NASCIMENTO, NOME, RITO DE PASSAGEM, MORTE, FESTAS, DOENÇA E PROCESSO DE CURA.....	50
. CULTURA MATERIAL.....	55
. DESCRIÇÃO DA ALDEIA.....	58
. ASPECTOS DE SAÚDE E SANEAMENTO.....	60
. HÁBITOS ALIMENTARES.....	63



FUNAI

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

	PG
. ATIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA.....	65
. MEIOS DE ACESSO AO POSTO INDÍGENA.....	69
APYTEREWA	
. CARACTERES FISIAGRÁFICOS DA REGIÃO.....	70
(SOLOS, CLIMA, VEGETAÇÃO, FLORA, RELEVO)	
. RECURSOS HUMANOS E INFRA-ESTRUTURA DO.....	73
POSTO INDÍGENA	
. RELAÇÃO INTERÉTNICA.....	77
. HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO RECENTE POR FRENTES.....	82
DE EXPANSÃO NA REGIÃO DA ÁREA INDÍGENA	
APYTEREWA	
. LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO.....	85
. RELAÇÃO DOS MORADORES RIBEIRINHOS.....	97
. INVASÃO DE MADEREIRAS.....	101
. HISTÓRICO DE PROPOSTAS DE DELIMITAÇÕES.....	108
ANTERIORES DE ÁREAS INDÍGENAS VIZINHAS	
À APYTEREWA	
. PROPOSTA DE DELIMITAÇÃO PARA ÁREA INDÍGENA.....	112
APYTEREWA	
. CONCLUSÃO.....	117
. PISTAS DE POUSO.....	120
. ANEXOS.....	123
. BIBLIOGRAFIA E ARQUIVO.....	125

**FUNAI**

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

01.

INTRODUÇÃO

O Grupo de Trabalho destinado a identificar e delimitar a Área Indígena Apyterewa, foi instituído pela Portaria PP.Nº 0760/88 de 28.06.1988, depois retificada pela Portaria PP.0769/88 de 12 de Julho de 1988. Da equipe formada participaram os seguintes técnicos: Tânia Chaves, Antropóloga - DFU-4ª SUER, Coordenadora; Afonso Gerson Farias da Rocha, Técnico Agrimensor -DFU-4ªSUER; Gerson dos Reis Carvalho, Chefe do PIN Apyterewa -ADRA-4ªSUER; José Gomes, Auxiliar de Sertanista, PIN Apyterewa - ADRA-4ª SUER; Haroldo França Rebouças Júnior, Engenheiro Agrônomo -ITERPA-Belém; Antônio Tadeu Gualberto dos Santos, Técnico Agrícola -MIRAD-PF Altamira.

Na mesma época dos trabalhos de delimitação, foi designada pela Ordem de Serviço nº 065/ADRA de 19.07.88, outra equipe com o objetivo de medir a madeira derrubada pelas Madereiras Perachi e Maginco. Essa equipe compôs-se dos servidores: Carlos Vianei Torres da Silva, Chefe do Setor de Desenvolvimento Sócio-Econômico, ADRA - 4ª SUER; Henrique Estevan do Vale Neto, Motorista, ADRA-4ª SUER; Iratan Ferreira dos Santos, Artífice - ADRA - 4ª SUER.

Todos os custos referentes à diárias, passagens e rancho das duas equipes foram financiados pelas Madereiras Perachi e Maginco, para posteriormente serem subtraídas no pagamento de indenização da madeira derrubada.

Alguns componentes do Grupo de Delimitação, Tânia Chaves, Afonso Gerson Farias da Rocha e Haroldo França Rebouças Júnior, deslocaram-se de Belém para Altamira no dia 19.07.88, onde encontraram-se com os outros técnicos desse Grupo de Trabalho. Permaneceram dois dias na Cidade de Altamira a fim de organizarem o desenvolvimento dos trabalhos. Foi realizada uma reunião com os membros das duas equipes



e o Administrador Regional, Sr. Antônio Pereira Neto. Um dos assuntos discutidos foi sobre a reduzida área de interdição para os Parakanã expedida sem um prévio estudo "in loco". A equipe recebeu suas diárias, foi elaborado um Programa de Trabalho de Identificação e Delimitação, pesquisamos os documentos do arquivo da ADRA, encaminhamos cartas ao MIRAD e ao Cartório de Registro de Imóveis solicitando informações de propriedades na Área Indígena.

No dia 21.07.88 as duas equipes partiram de Altamira para a pista de pouso do Posto, divididas em dois aviões das madeiras. Após uma hora de viagem, chegamos à pista, localizadas próxima à Foz do Igarapé Bom Jardim. Desse local, subimos de voadeira pelo Igarapé Bom Jardim até o Posto.

Durante o período em área, foram realizados dois sobrevôos. No primeiro, dia 22.07.88, participaram Tânia Chaves, Afonso Gerson e Gerson dos Reis Carvalho, junto com o piloto e um trabalhador da Perachi, conhecido pelo apelido de "Pé de Cobra". Sobrevoamos no avião da Maginco até a pista de pouso do acampamento do madeireiro Wilson Moreira Torres, onde observamos muitas toras derrubadas ao longo da estrada para escoamento da madeira. Tentamos localizar as cabeceiras do Igarapé Bom Jardim e Rio Bacajá, o que foi impossível, porque os formadores das cabeceiras dos Igarapés ficam fora de visão em sobrevôo. Em seguida percorremos uma grande extensão da Serra do Bacajá, no sentido para o Rio Xingu, onde verificamos ser nesse lado, uma área de floresta virgem sem nenhuma ocupação.

No segundo sobrevôo em 03.08.88, participaram Afonso, Gerson e Vianeí, o piloto e Wilson Moreira Torres. Num avião mono-motor fretado pelo madeireiro Wilson, o objetivo do sobrevôo era localizar geograficamente se a área onde esse madeireiro havia derrubado madeira localizava-se dentro da Área Indígena Apyterewa interdita. Após o sobrevôo ficou confirmado ficar totalmente dentro da Área.

Esses dois sobrevôos não foram suficientes para a equipe conseguir localizar com exatidão os acampamentos das três madeiras, o percurso das estradas, os ramais existentes e o avanço da invasão nos territórios Apyterewa e Araweté. Posteriormente, outros sobrevôos



foram realizados pelo Chefe do PIN Ipixuna e por membros da equipe de cubagem da madeira, o que complementou nossas informações. A aquisição do mapa foto satélite porém evidenciou claramente toda a situação de invasão e ocupação.

Em 28.07.88, a equipe da madeira deslocou-se do PIN para os acampamentos da Perachi e Maginco.

O GT de delimitação permaneceu no Posto coletando informações dos dois sub-grupos Parakanã sobre vários aspectos: cultura, história, levantamento demográfico, relações de parentesco, descrição das aldeias e do Posto, economia(área de ocupação efetiva para subsistência), etc.

Foram realizadas algumas reuniões participando os índios e os membros do GT, quando procuramos explicar a finalidade de nosso trabalho. Para um grupo indígena recém-contatado é ainda difícil compreender o que significa uma terra com limites definidos. Não obstante, os índios nos passaram várias informações sobre sua área de perambulação(localização de aldeias antigas) e a área utilizadas para atividades de subsistência.

Além do Chefe do Posto, outra fonte preciosa de informação foi o Sr. Sebastião Cardoso de Lima (SABÁ), morador antigo do Rio Xingu - próximo à Foz do Igarapé Bom Jardim.

O Grupo é monolíngue e devido ao nosso desconhecimento da língua Parakanã, foi um fator que dificultou a coleta de alguns dados. Porém, o Chefe de Posto conhecendo a língua, nos ajudou bastante.

No dia 04.08.88, toda a equipe, juntamente com três índios Aniwa, Tainiwa e Karamoa, deixamos o Posto e subimos o Igarapé Bom Jardim a fim de conhecer alguns de seus acampamentos e aldeias antigas. O Igarapé Bom Jardim já estava secando e o nível da água baixo. Era constante termos que parar a voadeira para cortar galhos e troncos de árvores(com terçado, machado e motoserra), caídos no meio do Igarapé. Em 07.08 alcançamos um local depois do Igarapé Teimoso, quando analisamos a impossibilidade de visitar os acampamentos antigos dos Parakanã, pois situavam-se nas cabeceiras dos rios. Do



local onde estávamos levaria caminhando na mata fechada para ida e volta pelo menos dez dias. Retornamos ao Posto em 10.08.88.

Ao descermos o Igarapé Bom Jardim, verificamos haverem vários acampamentos provisórios de caça, à margem esquerda e direita e conhecemos também o atual cemitério.

O levantamento dos moradores do Rio Xingu e a aplicação dos Laudos de Vistoria e Avaliação de benfeitorias foram executados nos dias 11 e 12 de agosto, na margem direita, no trecho entre o Igarapé Bom Jardim e São Sebastião.

Retornamos dia 16.08. para Altamira, procedemos o levantamento cartorial e colhemos informações com mapa do MIRAD. Em 22.08 regressaram os técnicos lotados em Belém.



IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO

O Grupo Indígena Parakanã pertence ao tronco linguístico Tupi e família Tupi-Guarani. A denominação Parakanã foi atribuída pelos Arara-Pariri, sub-grupo Arara extinto, quando em 1910 os Parakanã os atacaram e expulsaram do Rio Iruaná, tributário da margem esquerda do Rio Pacajá (Nimuendajú:1963:206-7). Na realidade a auto-denominação dos Parakanã é AWAETÉ, que significa "gente de verdade" (AWA: gente, povo + ETÉ: de verdade, real). Magalhães: 1982: 52).

Internamente os Parakanã se reconhecem conforme quatro sub-grupos de descendência que lhes constituem:

- Apuiterewa (Apuite: centro + re: pêlo + wa: gente- trazido como gente de pêlo no centro);
- Tapiipi (Tapiira: anta + pii: pé);
- Wirapĩ;
- Mokotiwena.

Magalhães considera os Apuiterewa e os Tapiipi como os dois grandes grupos. Os dois últimos sub-grupos não puderam ser melhor identificados por esse pesquisador.

Na história do povo Parakanã ocorreram várias visões internas, havendo atualmente cinco sub-grupos contatados em épocas diferentes, nas décadas de 70 e 80, que estão distribuídos em três aldeamentos principais:

Aldeia Paranati: Localizada junto ao Igarapé conhecido como Paranati ou Rio Branco, afluente do Igarapé Andorinha, Posto Parakanã, Área Indígena Parakanã, Municípios de Itupiranga e Jacundá, ADR Marabá.

- . Grupo contatado em 1971.
- . População atual: 157 pessoas*

Aldeia Marudjewara: Localizada junto à um afluente do Igarapé Rio do Meio, esse tributário do Rio Cajazeiras, Posto Marudje-



wara, Área Indígena Parakanã, mesmos Municípios, ADR Marabá.

. Dois grupos: Um contatado em 1976 e outro em Janeiro de 1983.

População atual: 90 pessoas*

Aldeia Apyterewa: Localizada à margem direita do Igarapé Bom Jardim, esse afluente da margem direita do Rio Xingu, Posto Apyterewa, Área Indígena Apyterewa, Municípios de Altamira e São Felix do Xingu, (Municípios da Área de interdição), ADR Altamira.

. Dois grupos: Um contatado em novembro de 1983 e outro em março de 1984.

. População atual: 145 pessoas

* População Parakanã total: 392 pessoas (Paranati + Marudjewara + Apyterewa)

* Fonte de informação: Relação de PINS, Aldeias e Administrações Regionais - 4ª SUEP, julho-1988.



HISTÓRIA

A região do interflúvio entre o Xingu e Tocantins era habitat tradicional de vários povos Tupi, muitos dos quais já extintos e conhecidos apenas por crônicas de missionários e relatórios de antigas províncias, como os Pacajá, Tapiraua, Jacundá, Yauariti - Tapiiya, Kupẽ-rób, Takunyapé (Nimuendajú, 1948: 199-243). Outros grupos que também ocupavam essa região ainda existentes: Suruí, Akuáwa-Assurini, Juruna, Shipaya, Arara, Assurini, Araweté, Parakanã.

Os cursos baixo e médio dos rios Tocantins e Xingu permaneceram relativamente isolados até princípios do Século XIX.

As frentes de expansão só vieram a penetrar de modo mais frequente a região ocupada por esses grupos indígenas, a partir de 1850, mediante atividades extrativistas de borracha, castanha-do-pará, óleos de babaçú e capaíba. Com essa progressiva ocupação, alguns grupos indígenas da região começam a ser introduzidos à uma nova realidade econômica e social, enquanto outros grupos, recolheram-se para o interior da mata.

A informação mais remota sobre os Parakanã data de 1910, ocasião em que esse grupo ataca os Arara-Pariri no Igarapé Iruaná, afluente da margem esquerda do Rio Pacajá.

É principalmente nas primeiras décadas do século XX que começam a ocorrer transformações sócio-econômicas mais intensas na região do Tocantins, no tempo em que a extração da castanha e o caucho constituem-se numa forte atividade econômica regional. Nesse contexto, a construção da estrada de ferro Tocantins foi iniciada em 1895, que funcionaria como meio de ligação entre o médio Tocantins (Alcobaça) e Belém, de onde os produtos seriam exportados. O percurso original da estrada de ferro era ligar os povoados de Alcobaça, São Vicente do Araguaia e Boa Vista do Tocantins. A construção da estrada foi interrompida por diversas vezes e nunca completou seu projeto ini-



cial de percurso, alcançando só até Jatobal e encerrando a construção em 1945. O objetivo da estrada era escoar a produção de castanha-dó-pará da região do médio Tocantins.

Assim, o trajeto da estrada cortava uma parte das terras ocupadas pelos Parakanã.

Quando recomeçaram os trabalhos de construção da estrada de ferro, em 1927, os contatos com os Parakanã passam a ser mais frequentes. Nessa época houveram vários conflitos entre os funcionários que trabalhavam na construção com os Parakanã e Assurini, tendo sido organizadas algumas expedições primitivas contra os índios resultando na morte de alguns desses índios. Por diversas situações os Parakanã e os Akuáwa-Assurini (Assurini do Tocantins) foram confundidos pela população regional - trabalhadores da estrada de ferro, gateiros, castanheiros, mariscadores - possivelmente devido à semelhança cultural entre esses dois grupos Tupi.

Nessa situação de conflitos, para ajudar que os trabalhos de construção da estrada tivesse continuidade, em 1928 o SPI - Serviço de Proteção aos Índios, instalou o Posto de Atração Pucuruí, localizado à margem esquerda do Igarapé Pucuruí, a fim de estabelecer contato com os grupos indígenas em perambulação naquela região, no caso os Assurini e Parakanã que se encontravam nas imediações. Os funcionários do SPI conseguiram estabelecer apenas contatos esporádicos com uma parcela do grupo Parakanã até 1952. Após esse ano, o grupo retornou para a mata. Entre 1953 e 1965, os Parakanã não visitam mais o Posto de Atração Pucuruí.

O território tradicional dos Parakanã originalmente compreendia a região Tocantina: os Rios Cajazeiras, Têpirapé, Anapu, Pacajá de Portel, Igarapés Bacuri, Pucuruí e Pacajazinho. É provável que a aldeia mais antiga tenha sido localizada próximo ao alto curso do Rio Pacajazinho.

Uma cisão, ocorrida há mais de 50 anos, dividiu os Parakanã em dois grandes grupos. Sendo que um grupo continuou ocupando a região do Tocantins e outro grupo há aproximadamente 25 anos atrás



(a partir da década de 60), começou a perambular na região das ca-
beceiras do Rio Bacajá e posteriormente Bom Jardim, Ipixuna e São
Sebastião.

O deslocamento dos Kayapó para a região do Xingu-Tocantins,
vindos do Rio Araguaia, levou-os a expandirem-se rumo às matas à no-
roeste em 1936, e depois para a região do interflúvio Xingu-Bacajá,
mesma época da expansão dos Gorotire e da separação dos Xicrin, um
grupo Xicrin permaneceu no Cateté, enquanto outro deslocou-se para
o norte, em direção ao Rio Bacajá.

A chegada dos Kayapó-Xicrin à região do Xingu-Bacajá, pro-
vocou mortes e conseqüentemente grandes reduções populacionais, as-
sim como deslocamentos dos grupos que ocupavam essa região, por le-
varem desvantagem em seus conflitos com os Kayapó.

Os Assurini habitavam a área entre as cabeceiras do Baca-
já(até sua margem esquerda) e Bom Jardim desde o final do século
passado. Após inúmeros conflitos com os Kayapó-Xicrin recém chega-
dos, os Assurini migraram e passaram a ocupar as cabeceiras dos rios
Ipixuna e Piranhaquara desde as décadas de 60-70.

A construção da Estrada Transamazônica, a partir da déca-
da de 70, cortou o território tradicional dos Parakanã e de outros
grupos indígenas da região. Com a invasão territorial da mencionada
Rodovia, os grupos que habitavam essa região ficaram expostos e ame-
açados de sobrevivência, quando a FUNAI começou a usar de frentes
de atração objetivando estabelecer contato com os índios. O primei-
ro grupo Parakanã foi contatado nessas circunstâncias.

Em março de 1971 um grupo de 200 Parakanã foi contatado
pela FUNAI próximo às cabeceiras do Igarapé Lontra. Esse grupo encon-
tra-se atualmente na Aldeia Paranati.

Entre 1972 e 1973 dividiu o segundo grande grupo Parakanã,
sendo que um desses composto por 40 pessoas, veio a ser contatado no
Rio Anapu em janeiro de 1976. Hoje esse grupo está aldeiado no Maru-
djewara. O outro grupo dirigiu-se no sentido do Rio Bacajá, passando
a ocupar as cabeceiras desse, do Rio Branco de Cima, Arroz Crú, Bom
Jardim, Ipixuna e cabeceiras dos afluentes do São Sebastião(conheci



do pelo RADAM como São José).

A região das cabeceiras do Bacajá e Bom Jardim foi área de ocupação dos Assurini, Xicrin, Araweté e por último pelos Parakanã.

Depois dos Assurini, os Araweté também entraram em conflitos com os Xicrin do Bacajá, quando então os Araweté abandonaram a área das nascentes do Rio Bacajá e deslocaram-se em direção ao Ipixuna. Na década de 60, os Assurini estavam alojados no Alto Ipixuna. Os Araweté chegando à esse Igarapé entraram em conflitos com os Assurini e os empurraram para o Igarapé Piranhaquara e Ipiaçava. Os Assurini foram contatados pela FUNAI em 1973 nesse último Igarapé.

Depois dos Kayapó, os Parakanã foram o inimigo mais recente dos Araweté, que os deslocaram do Alto Ipixuna para o médio curso desse Igarapé. Os Sub-grupos Parakanã contatados na década de 80 os atacaram em 1976, 1977 e 1983.

O grupo Parakanã dividido do outro contatado no Anapu e que seguiu rumo às cabeceiras do Rio Bacajá, no fim de 75 ou início de 76 atacou um grupo Araweté, em sua aldeia no Alto Ipixuna. Após esse grande ataque dos Parakanã os Araweté abandonaram sua antiga aldeia situada nas proximidades das nascentes do Igarapé Ipixuna e construíram a aldeia Nova próxima ao Igarapé Jatobá. Em 19 de dezembro de 1976, há outro ataque dos Parakanã nessa outra aldeia. Nesse ataque os Parakanã mataram 7 Araweté e raptaram uma índia de nome Madpai'hi, que conseguiu fugir e retornar após 10 dias.

Em setembro de 1977, os Parakanã atacam os Araweté mais uma vez, próximo à aldeia do antigo Posto, porém não matam ninguém. Provavelmente retornando do ataque aos Araweté, rumo às cabeceiras do Rio Bacajá, em 17 de novembro de 1977, os Xicrin do Bacajá atacam um dos Grupos Parakanã, próximo às cabeceiras do Igarapé Arroz Crú, matando 16 Parakanã e nove pessoas foram aprisionadas pelos Xicrin e levadas para o Posto Bacajá. A FUNAI negociou com os Xicrin a liberdade desses Parakanã trocando-os por armamentos. Os funcionários transferiu-os para Altamira, onde duas crianças morrem. Os outros sete são transferidos para a Reserva de Pucuruí, onde mais quatro morrem. Sobreviveram dos nove, apenas uma mulher e duas crianças, integrados junto



ao grupo da Aldeia Marudjewara.

Após o conflito com os Xicrin, os Parakanã ficaram sem atacar os Araweté no Ipixuna até 1982.

Os sobreviventes do ataque Xicrin, um dos grupos Parakanã, fugiram em direção ao Sul, para os afluentes do Igarapé São Sebastião, onde se reencontram com o grupo do Nambikwarawa(B) numa aldeia onde plantaram mandioca. A maniva foi adquirida numa Aldeia Araweté abandonada. O trajeto da fuga dos Parakanã foi observado pela Equipe de Atração, onde encontrou inúmeros acampamentos abandonados, partia do Rio Branco de Cima em direção às nascentes do Rio Bacajá. Quando em perambulação construíram pequenos Tapi-ris, cujas aldeias localizavam-se às proximidades de pequenos Igarapés.

Segundo Magalhães(1985:29) foi entre 1977 e 1978 que ocorreu outra cisão no Grupo Parakanã isolado, dividindo-o em três: O grupo contatado em janeiro de 1983, o contatado em novembro de 1983 e outro em março de 1984. Entretanto parece ser provável que a primeira subdivisão dos grupos contatados na década de 80, tenha acontecido em 1981, depois da última aldeia reunida do ataque Xicrin, quando um Grupo(A) saiu para caçar em direção Leste. Em meados de 1982 um outro Grupo(B) separou-se rumando para os contrafortes da Serra dos Carajás, onde foram contatados pela FUNAI 44 pessoas em 27 de janeiro de 1983, no local próximo às cabeceiras do Igarapé São Sebastião e da Fazenda Bannach. Foram transferidos de avião em 7 viagens(do dia 19.03 à 22.03), para a Aldeia Marudjewara na Área Indígena Parakanã.

O sertanista Fiorello Parise, foi o Chefe da Frente de Atração, integrada por 3 servidores e 4 intérpretes Parakanã. No dia 22.12.83 partiu da Fazenda São José, situada à margem esquerda do Igarapé São Sebastião, atravessou para a Margem direita desse Igarapé, rumando em direção Este/NE. Nessa área foram encontrados vários vestígios dos Parakanãs. No dia 13.01.83: "(...) seguindo os rastros encontrados da estrada anterior, acharam a cerca de 12 Kms, mais a frente, dois acampamentos do Grupo Parakanã com 13 Ta-



piris cada, datando de aproximadamente dois meses, inclusive encontraram alguns materiais que o Grupo pilhou na Fazenda Bannach, como pedaço de treina e lona, o caminho deles seguia rumo N/E. (Relatório de Atividades da Frente de Atração Parakanã, Fiorello Parise, Dez.82-03.83, pg.03). No dia 18.01.83: "(...) a primeira turma passou por outro acampamento com 13 barracos, muito recentes, onde havia vestígios de terem dançado"(Idem, pg.04). No dia 21.01.83:"(...) seguindo trilhas dos "Parakas", passaram por 05 acampamentos dos quais 04 bem mais recentes provavelmente de janeiro, e um antigo com 40 barracos..."(Idem, pag.05)*.

* Em anexo, mapa do Relatório de Fiorello Parise demonstrando o local do 1º contato em 27.01.83.

Segundo o Sertanista Fiorello Parise provavelmente tenha sido esse grupo que saqueou em 1980 e 1981 a Fazenda Cajazeira, situada próxima à margem direita do Igarapé São Sebastião. Logo após esse ataque, uma equipe da FUNAI tentou realizar o contato, porém sem sucesso, devido à falta de recurso. Em 1982, possivelmente esse mesmo grupo saqueou outra fazenda próxima à Cajazeira, denominada Castanhal, situada às proximidades da margem direita do Igarapé São Sebastião. Nessa ocasião, os Parakanã atacaram uma equipe de topografia composta por oito pessoas, em 26.10.82. e novamente em 12.11.82, saqueando da equipe roupas, alimentos, ferramentas e armas, não ferindo ninguém. A FUNAI foi informada da presença dos índios e de seu ataque na citada fazenda, quando então deslocou-se uma equipe chefiada pelo sertanista Fiorello Parise, a fim de reconhecer qual era o grupo indígena isolado.

A área situada entre os afluentes do Rio Bacajá e do Igarapé São Sebastião começou a ser ocupada por fazendas, madeiras, gateiros, garimpeiros, o que ameaçava cada vez mais a sobrevivência dos Parakanã, obrigando-os a mudanças constantes, e impossibilitando-os de fixarem-se por muito tempo numa aldeia e de cultivarem suas roças. Restando como solução imediata do grupo saquear as Fazendas das adjacências. Ao Sul uma ocupação crescente



por frentes de expansão, e à norte, as terras habitadas pelos Xicrin e Araweté, seus inimigos tradicionais, o que levava os Parakanã a viverem fugindo e em constante perambulação, pelo fato de terem sido comprimidos num território menor.

Assim, em 1983, permaneceram ainda isolados dois grupos Parakanã.

Um dos grupos(C) que permaneceu numa aldeia situada à leste, provavelmente entre as cabeceiras do Rio Bacajá e o Igarapé Lontra, cultivam uma roça de mandioca e durante uma caçada encontram rastros dos Araweté e resolvem atacá-los no Ipixuna em 23 de fevereiro de 1983, flechando o Chefe do PI Ipixuna, Eliezer Gomes da Silva.

Os Parakanã atacam pela segunda vez os Araweté em 24 de abril de 1983, ferindo duas índias e uma criança. Numa atitude de represália, os Araweté aprisionam um homem Parakanã, de nome Ata'a e o decapitam.

Com a morte de Ata'a, os Parakanã fogem novamente e se reencontram com o Grupo(A).

Depois do segundo ataque nos Araweté, é constituída uma Expedição Parakanã organizada pelo sertanista Sidney Possuelo com a finalidade de contatar o Grupo Parakanã isolado. Essa equipe da FUNAI, a partir de 14.06.83, percorreu desde a Foz do Igarapé Bom Jardim, às cabeceiras do Igarapé Ipixuna e área entre as cabeceiras do Igarapé Bom Jardim e Bacajá, onde encontraram vestígios dos acampamentos dos Parakanã. "Quando traçamos o roteiro da expedição, pensávamos que se os Parakanã habitavam como supúnhamos a região norte dos maçissos que formam a Serra dos Carajás, deveriam necessariamente cruzarem algum ponto das cabeceiras do Igarapé Bom Jardim, na sua trajetória de ida para atacar os Araweté no Igarapé Ipixuna. Mais tarde, quando a expedição atingiu as cabeceiras do Bom Jardim, tivemos confirmadas nossas suposições. Encontramos a picada na direção geral Norte/Sul, e sucessivos acampamentos de caça. Hoje, conhecendo melhor a região, podemos dizer que os contra-fortes norte da Serra dos Carajás é o local em que permanecem



Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

por mais tempo, devendo estar situada aí suas aldeias".*

* Relatório "Expedição Parakanã", Sidney Possuelo, 09.09.83.

A expedição foi interrompida após dois meses e vinte e sete dias de procura, pois alguns membros da equipe ficaram adontados e por insuficiência de recursos.

Em 1983, alguns meses antes do contato dos dois últimos sub-grupos Apuiterewa, Parakanã, o Grupo A e C se divide novamente, devido a desentendimentos internos.

Um desses grupos Parakanã isolado, o maior começa a aparecer no garimpo do Mucuim ou garimpo do Teimoso, situado no Igarapé Teimoso (margem esquerda do Igarapé Bom Jardim).

A Ajudância de Altamira é informada e organiza uma equipe de Frente de Atração com a finalidade de contatar esses Parakanã. O responsável pela equipe foi o Sertanista Luiz Moreira Silva. O índio Parakanã Djuraroa participou dos trabalhos como intérprete. A equipe deslocou-se em 02 de novembro de 1983, por avião da cidade de Altamira para a pista de pouso na foz do Igarapé Bom Jardim e de lá para a pista do garimpo do Mucuim.

Foram encontrados vários vestígios dos Parakanã na área entre as cabeceiras do Igarapé Bom Jardim e Rio Bacajá. "Encontramos nesta caminhada sete acampamentos, todas as vezes conferimos 33 Tapiris.*

* Relatório de Wellington Gomes Figueiredo, de 28.11.83, pg.01.

A equipe no dia 18.11. é informada pelo rádio que os Parakanã haviam passado no Garimpo do Joel, situado próximo as cabeceiras do Rio Bacajá. Assim, o Grupo Parakanã maior, composto por 101 pessoas, foi contactado em 22 de novembro de 1983, na área entre as cabeceiras do Igarapé Bom Jardim e Rio Bacajá.

O local do contato era muito difícil de acesso, tendo a equipe de atração da FUNAI considerado que facilitaria a assistência ao grupo recém-contatado se os mesmos ficassem aldeados no baixo Igarapé Bom Jardim. Então, desceram esse Igarapé junto com



os índios numa caminhada de 50 dias até o 1º acampamento, situado à margem direita do Igarapé Bom Jardim. Nesse acampamento, em 23 de março de 1984, o segundo Grupo Apuiterewa- Parakanã, com 36 pessoas, foi contatado pela FUNAI. Como esse local não oferecia condições adequadas para instalação do Posto: muito acidentado, o Igarapé era muito estreito, o barranco alto para porto; encontraram à uma hora e meia desse acampamento, descendo o Igarapé Bom Jardim um local melhor inclusive para plantar roça. O atual Posto da FUNAI foi instalado aí, à margem direita desse Igarapé, a partir de julho de 1984.

Desde então ficaram aldeiados os dois grupos Parakanã, contatados em novembro de 1983 e em março de 1984, e construíram cada grupo sua aldeia, próxima uma da outra cerca de 50 metros.



ÁREA DE PERAMBULAÇÃO E ALGUMAS ALDEIAS ANTIGAS

Os Parakanã vieram a habitar a região do Xingu, empurrados pelas frentes de expansão da Região Tocantina.

A área de perambulação dos Grupos Parakanã contatados na década de 80, nos últimos 25 anos, formava quase um círculo. À oeste, tem o Xingu como limite; À Norte as cabeceiras do Igarapé Bom Jardim, Rio Branco de Cima e Arroz Crú; À Este, a região do encontro das águas do Igarapé Bom Jardim e Rio Bacajá e alguns de seus afluentes mais ocidentais; À Sul, os afluentes do Igarapé São Sebastião, até as proximidades de suas cabeceiras.

Como não são canoeiros, não necessitavam de grandes cursos d'água. Os Parakanã andavam no centro da mata, pelas cabeceiras dos Igarapés. Suas Aldeias principais localizavam-se às proximidades de pequenos Igarapés. Quando surgiam serras contornavam-as escolhendo as cabeceiras por onde passavam. Só subiam serra quando não havia outro caminho por onde desviar.

Quando estavam em perambulação pelo Ipixuna, no trajeto de sentido Norte/Sul, desviavam dos Xicrin-Bacajá pelas cabeceiras do Igarapé Arroz Crú e Rio Branco de Cima, em seguida descendo à área das cabeceiras do Rio Bacajá e Igarapé Bom Jardim. Uma das Aldeias permanentes dos Parakanã situava-se nessas imediações.

Nessa área foram encontrados muitos acampamentos dos Parakanã pela Equipe de Frente de Atração, na época do contato com o Grupo de novembro de 1983.

Na área à Sudeste, nas proximidades das cabeceiras do Igarapé São Sebastião, verificou-se pela equipe de atração em dezembro e janeiro de 1983, inúmeros acampamentos do grupo contatado em janeiro de 1983, atualmente na Aldeia Marudjewara.

Os grupos contatados posteriormente em novembro de 1983 e novembro de 1984 formavam um só grupo com aquele contatado em janeiro de 1983.



Portanto, esses três grupos faziam o mesmo percurso de ocupação.

Em reunião com os índios e o Chefe de Posto, nos trabalhos de campo de delimitação, os Parakanã nos informaram da existência de outra aldeia antiga permanente, que segundo eles, situava-se à margem direita de um rio largo, grande e mais aberto que o Igarapé Bom Jardim, e abaixo desse. O único Igarapé com essas características e direção geográfica existente na região é o Igarapé São Sebastião. Essa aldeia situava-se depois da taboca (sentido jusante) e distante 04 dias andando até o Rio Xingu. Era um local bonito e com muita fartura de caça, onde também cultivaram roça. Na época dessa aldeia, mencionaram a existência de muitos "civilizados" na outra margem - casas, pessoas trabalhando, motoserra, pista de pouso, abertura de estrada. Pela localização indicada supomos ser a Taboca Mineração. Algumas vezes chegaram a atravessar o Igarapé São Sebastião, indo próximo ao acampamento da Taboca, de onde levaram algumas ferramentas, como faca, facão, machado. Porém quando a área próxima à essa aldeia começou a ser muito frequentada por não-índios, os Parakanã se retiraram dessa aldeia, e instalaram nova aldeia, próxima à outro afluente do Igarapé São Sebastião.

Ao longo dos afluentes dos Igarapés Bom Jardim e Ipixuna podemos encontrar diversas aldeias antigas dos Assurini e Araweté. Essas possuíam forma circular, roças grandes de milho, macaxeira, batata-doce, cerâmicas (dos Assurini). Nessa área encontra-se também vários acampamentos provisórios (de caça) e/ou Aldeias Parakanã. Porém preferiam estabelecer-se próximo às cabeceiras dos Igarapés. Sendo assim, os Parakanã nos informaram que antes do contato nunca permaneceram por muito tempo à margem do Igarapé Bom Jardim. Geralmente utilizavam os afluentes desse Igarapé, onde já foram constatado por moradores ribeirinhos algumas de suas aldeias antigas, como por exemplo no Igarapé Cabo Verde (M/E do Igarapé Bom Jardim); Igarapé Maracaíba (m/d); Igarapé Teimoso (m/e) - próximo ao Garimpo do Mucuí e outros Igarapés das adjacências.

A ocupação crescente por frentes de expansão à Sudeste, na



região próxima às cabeceiras do Igarapé São Sebastião, por fazendas, madeiras, e à Norte, garimpos emergentes (do Joel- no Bacajá e do Mucum - no Igarapé Teimoso), além da existência dos Xicrin e dos A raweté, criava uma situação difícil para os Parakanã. Concluimos ' que os Parakanã deslocavam-se de um local para outro em função dessas pressões, assim como, à procura de caça, o básico de sua dieta alimentar. Quando permaneciam por um tempo numa aldeia e a caça ia se afastando, buscavam alimento em outra área.

LEV. POPULACIONAL DO GRUPO INDÍGENA PARAKANÃ - APYTEREWA-1988

Nº	NOME	SEXO	IDADE APROX.	DATA DO CONTATO
01	WAREUMA	Masc.	32	Novembro/83
02	PAUMA	Fem.	21	"
03	TXIGATXE' ENGA	Masc.	05	"
04	APETONGA	Fem.	13	"
05	PINATXINGA	Masc.	39	"
06	AREIÁ	Fem.	28	"
07	^u KODZAPETXINGA	Fem.	09	"
08	TXEKOA	Masc.	07	"
09	ARARAKYNGA	Masc.	04	"
10	ATOTXINA	Masc.	24	"
11	TORIMOA	Masc.	34	"
12	APEAWA	Fem.	24	"
13	INAMOA	Masc.	08	"
14	YAWA	Fem.	06	"
15	TERIA	Masc.	36	"
16	KWAI' IA	Fem.	29	"
17	PYDJYA	Fem.	08	"
18	TXINARA	Masc.	07	"
19	TAMAMÚRA	Masc.	04	"
20	NATAIRAWA	Masc.	39	"
21	AWITONGA	Fem.	31	"

LEVANTAMENTO POPULACIONAL - AGOSTO - 1988

Nº	NOME	SEXO	IDADE APROX.	DATA DO CONTATO
22	AWAKITOA	MASC.	12	NOVEMBRO/1983
23	ARARA'IA	FEM.	08	NOVEMBRO/1983
24	PARANGA	FEM.	05	NOVEMBRO/1983
25	KORERIA	MASC.	33	"
26	KODJOAROA	FEM.	29	"
27	AKWARA	MASC.	06	"
28	WAKA'IMA	FEM.	54	"
29	TXAPOKATOA	MASC.	23	"
30	MANIMÉ	MASC.	20	"
31	MAIAWA	FEM.	18	"
32	MOTXIÁ	MASC.	42	"
33	WARAPE'IA	FEM.	31	"
34	KODJAPARA	FEM.	14	"
35	TAMIKWARA	MASC.	09	"
36	KWATARIA	FEM.	05	"
37	KODZARIWA ^u	FEM.	17	"
38	ANIWA	MASC.	44	"
39	WE-WE	FEM.	28	"
40	KINGATORA	FEM.	07	"



LEVANTAMENTO POPULACIONAL - AGOSTO/1988

Nº	NOME	SEXO	IDADE APROX.	DATA DO CONTATO
41	KODJANIA	FEM.	03	NOVEMBRO/1983
42	^u KODZAPERYWA	FEM.	30	"
43	ITAINYA	MASC.	30	"
44	WIARA	FEM.	36	"
45	AWAPI'UMA	MASC.	14	"
46	APYÁ'I'MA	FEM.	10	"
47	TATURAROA	MASC.	09	"
48	MIMIA	FEM.	08	"
49	MOROMOKOA	FEM.	07	"
50	^u TAPODZA'YRA	MASC.	04	"
51	KINA'IA	MASC.	48	"
52	PODJI'IMA	FEM.	29	"
53	TEANI'INGA	MASC.	06	"
54	PEIRIA	FEM.	32	"
55	PIODJA	FEM.	09	"
56	TXANGARE'IMA	FEM.	08	"
57	^u KODZAWEWUTXA	FEM.	06	"
58	DJOAWE'IMA	MASC.	40	"
59	TXINÉ	FEM.	30	"
60	DJAKIROWA	FEM.	10	"
61	KORONÁ	MASC.	09	"
62	^u KODZA'A	FEM.	06	"



LEVANTAMENTO POPULACIONAL - AGOSTO/1988

Nº	NOME	SEXO	IDADE APROX.	DATA DO CONTATO
63	AWANGA	MASC.	38	NOVEMBRO - 1983
64	^u KODZOTXINGA	FEM.	45	"
65	TAKAPETXINGA	FEM.	08	"
66	PIRAKIÉ	MASC.	04	"
67	IATORA	MASC.	63	"
68	PIUMA	FEM.	34	"
69	AWAME'IA	MASC.	14	"
70	AWATXINGA	MASC.	09	"
71	AWAORÉ	MASC.	05	"
72	NANIRA	FEM.	14	"
73	MOKOA	MASC.	19	"
74	WARA'IRA	MASC.	42	"
75	PAREMA	FEM.	29	"
76	ORONEDJIA	FEM.	10	"
77	APEWA	FEM.	09	"
78	AWAOWIRA	MASC.	07	"
79	TAMATA	MASC.	05	"
80	KONONI'IA	MASC.	26	"
81	TENIPADJARA	FEM.	21	"
82	KAPAMA	FEM.	05	"
83	ATOWA	MASC.	27	"



Nº	NOME	SEXO	IDADE APROX.	DATA DO CONTATO
84	AKWAWADJIRA	FEM.	38	NOVEMBRO/1983
85	TAI'IA	FEM.	07	"
86	WATATXIRA	FEM.	05	"
87	KORIA	MASC.	61	"
88	KODJAITÁ	FEM.	59	"
89	TOWE'IA	MASC.	16	"
90	KWATXITXINGA	FEM.	09	"
91	TADJIKIRA	FEM.	27	"
92	DJURAROA	MASC.	27	JANEIRO/1983
93	TATOA	MASC.	09	NOVEMBRO/1983
94	ARAPIUNA	FEM.	06	"
95	TAMAKWARÉ	FEM.	03	Nasceu em 20.06.85
96	MORO'IA	MASC.	29	NOVEMBRO/1983
97	AWARI'A	MASC.	24	NOVEMBRO/1983
98	TAWARIRÁ	MASC.	27	"
99	KARATXIA	MASC.	52	MARÇO/1984
100	KOREIA	FEM.	26	MARÇO/1984
101	TORIVIRA	MASC.	05	"
102	URUBUDJURA	FEM.	17	"
103	KARAMOA	MASC.	24	"
104	TXIOMA	MASC.	25	"
105	ATXOPYGA	MASC.	53	"



Nº	NOME	SEXO	IDADE APROX.	DATA DO CONTATO
106	MITXA' ANGA	FEM.	36	MARÇO/ 1984
107	PANAMA	MASC.	20	"
108	TEVIRERA	MASC.	18	"
109	ATXIA	MASC.	11	"
110	PETANGA	FEM.	09	"
111	KODŽO' ONA	FEM.	05	"
112	PATXIÑA	FEM.	39	"
113	KORIKOA	MASC.	24	"
114	TEWATXA	MASC.	19	"
115	KAIWYGA	MASC.	13	"
116	KOKOA	MASC.	10	"
117	MAMÁ	MASC.	08	"
118	TOI' IA	FEM.	05	"
119	AWIA	MASC.	45	"
120	PINGA	FEM.	38	"
121	AKIKIA	FEM.	09	"
122	AWAPINIMA	MASC.	05	"
123	YWYTOAWA	FEM.	16	"
124	MIRIWA	MASC.	32	"
125	MIKOA	FEM.	22	"
126	WIONA	MASC.	36	"



Nº	NOME	SEXO	IDADE APROX.	DATA DO CONTATO
127	NANOA	FEM.	04	Nasceu em 06.07.84
128	NAIRE	FEM.	02	Nasceu em 24.04.86
129	IWOI'ONA	MASC.	02	Nasceu em 22.06.86
130	KORIROA	FEM.	02	Nasceu em 14.07.86
131	DJAPERIA	MASC.	02	Nasceu em 17.07.86
132	^u MORETXIA	FEM.	02	Nasceu em 03.11.86
133	TXIMAITYGA	MASC.	01	Nasceu em 02.06.87
134	NAIRE	MASC.	01	Nasceu em 07.06.87
135	DJENETXO	MASC.	01	Nasceu em 11.08.87
136	NAIRE	MASC.	01	Nasceu em 02.09.87
137	KAWORÉ	MASC.	01	Nasceu em 03.09.87
138	^u DUZREMA	FEM.	11 meses	Nasceu em 17.09.87
139	TXE'TXO'A	MASC.	9 meses	Nasceu em 02.11.87
140	NAIRE	FEM.	6 meses	Nasceu em 04.02.88
141	ARAPETXINGA	FEM.	6 meses	Nasceu em 15.02.88
142	NAIRE	MASC.	5 meses	Nasceu em 31.03.88
143	NAIRE	MASC.	2 meses	Nasceu em 24.06.88
144	NAIRE	FEM.	2 meses	Nasceu em 24.06.88
145	NAIRE	FEM.	1 mês	Nasceu em 19.07.88

OBS: Este levantamento populacional respaldou-se na idade e data de contato no catálogo do PIN Apyterewa, que foi elaborado em 24.06.1984.

*** Naire: na língua Parakanã significa criança recém-nascida, ainda sem nome.

QUADRO DE PARENTESCO

CONVENÇÕES



HOMEM



MULHER



CASAMENTO.



DESCENDENTE (FILHO OU FILHA)



IRMÃO (Ã)



FALECIDO (A)

MDJ

RESIDENTE NA ALDEIA MARUDJEWARA

ALDEIA 1

GRUPO PARAKANÃ - APYTEREWA CONTATADO
EM NOVEMBRO 1983.

POPULAÇÃO (TOTAL): 99

CASAS (TOTAL): 10

ALDEIA 2

GRUPO PARAKANÃ - APYTEREWA CONTATADO
EM MARÇO 1984.

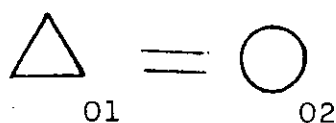
POPULAÇÃO (TOTAL): 46

CASAS (TOTAL): 05

QUADRO DE PARENTESCO POR RESIDÊNCIA

ALDEIA 1

CASA 01



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Moro'ia
02	Waka'ima

** Ascendentes

. Moro'ia

pai - Awakaé (+)

mãe - Tamare'ia (+)

Irmã: Kwai'ia

Irmãos p/pai: Wareuma, Pinatxinga,
Parema e Peiria.

. Waka'ima

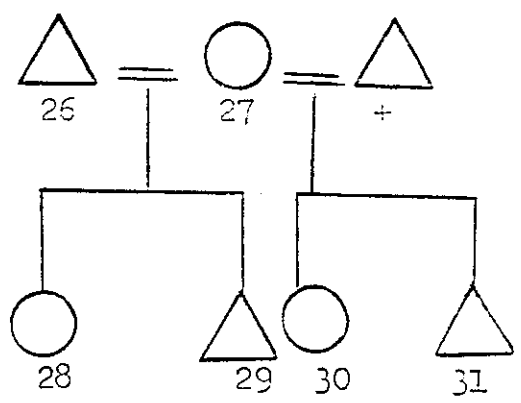
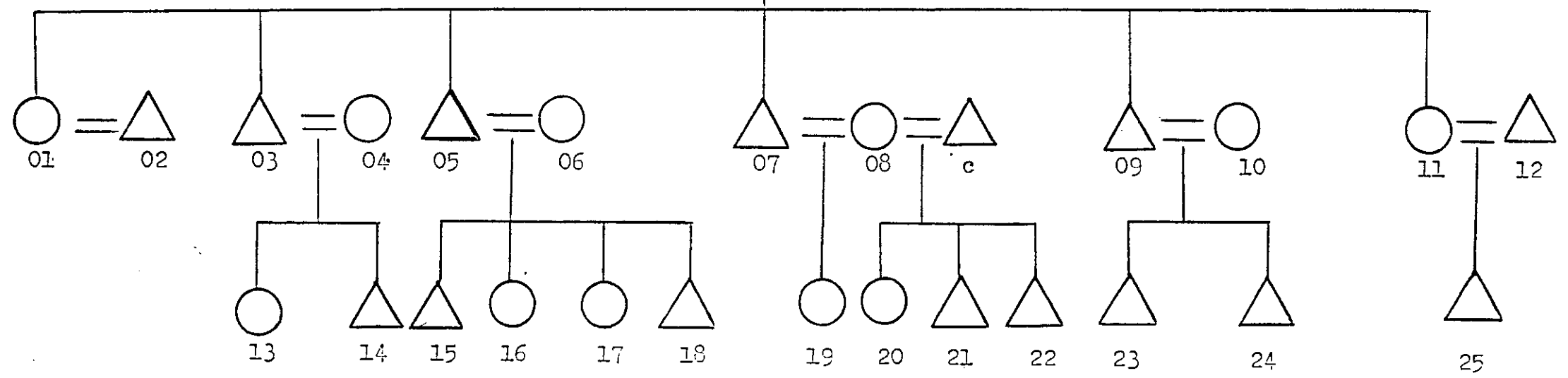
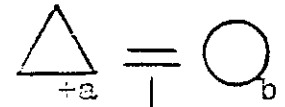
pai - Tatoá (+)

mãe - Kotakinga(+)

Irmãos: Aniwa, Iatora e Mitxa'anga

Ex-Marido: Arona (+)

TOTAL: 02 pessoas



ALDEIA 01

CASA 02

<u>Nº</u>	<u>NOME</u>	<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Kodzaperywa	17	Paranga
02	Awari'a	18	Djaperia
03	Awanga	19	Dzurema
04	Kodzotxinga	20	Pydjya
05	Natairawa	21	Txinara
06	Awitonga	22	Tamamura
07	Manimé	23	Akwara
08	Kwai'ia	24	Djenetxo
09	Koreria	25	Iwoi'ona
10	Kodjoaroa	26	Awia
11	Maiawa	27	Pinga
12	Teria	28	Nanoa
13	Takapetxinga	29	naire
14	Pirakié	30	Akikia
15	Awakitoa	31	Awapinima
16	Arara'ia		

+a. Arona

b. Waka'ima

c. Teria - Ex-marido de Kwai'ia

**Cozinhas A e B, anexas
à essa casa.

**Ascendentes

. Awia

pais falecidos em luta com os Xicrin

. Pinga

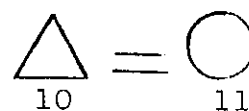
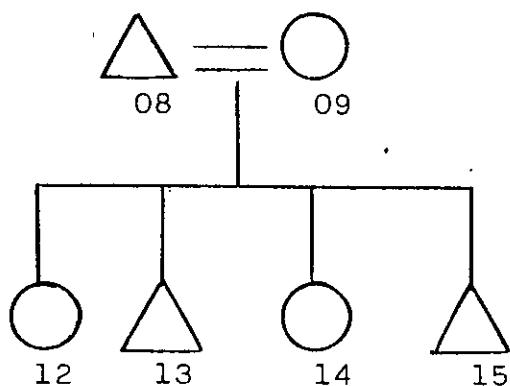
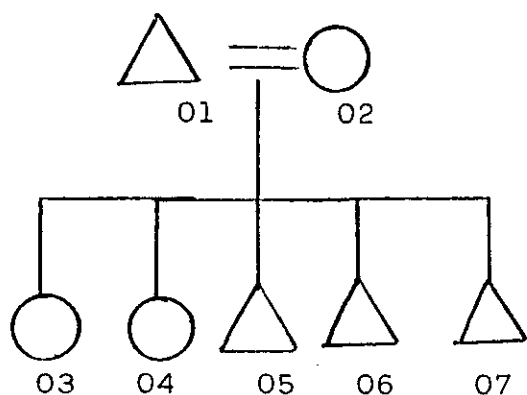
pai- Apekinga(+)

. mãe - Apytapéhe(+)

. Irmãos - Atxopyga e Djacuá(MDJ)

. Ex-marido - Atahá

TOTAL: 31 pessoas



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>	<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Wara'ira	09	Txiné
02	Parema	10	Txapokatoa
03	Oronedjia	11	Ywytoawa
04	Apewa	12	Djakirowa
05	Awaowira	13	Koroná
06	Tamata	14	Kódza'a
07	naire	15	naire
08	Djóawe'ima		

**Ascendentes

- . Wara'ira
 - pai - Djakaré (+)
 - mãe - Kodjé (+)
 - Irmão(ã) - Teikwaria (MDJ)

- . Parema
 - pai - Awakaé (+)
 - mãe - Moritxarona (+)
 - Irmãos - Wareuma, Pinatxinga,

- . Djoawe'ima
 - pai - Arawa (+)
 - mãe - Tapaia (+)
 - Irmã - Patxiña
 - Irmãos p/pai - Atowa e Kina'

- . Txapokatoa
 - pai - Arona (+)
 - mãe - Waka'ima

ALDEIA 1

CASA 03

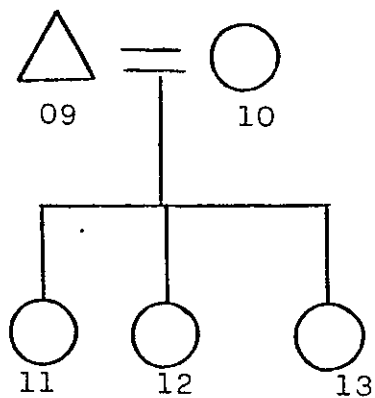
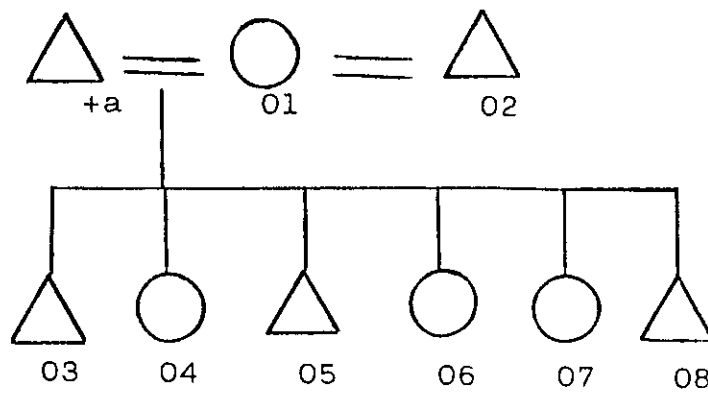
**Ascendentes

. Ywytoawa

pai - Falecido

mãe - Pinga

TOTAL: 15 pessoas



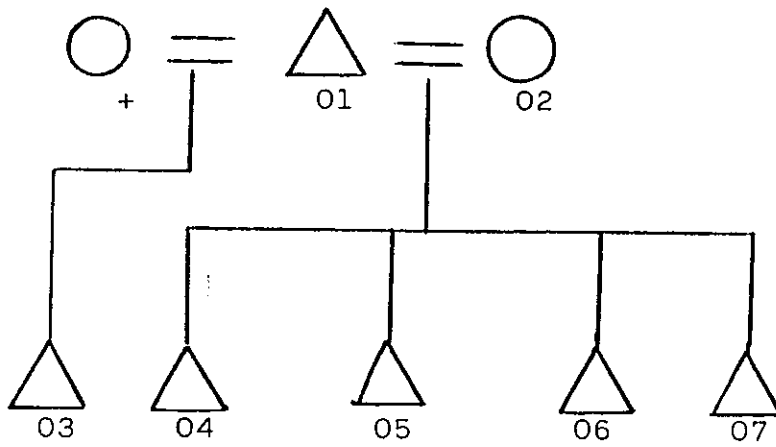
<u>Nº</u>	<u>NOME</u>	<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Wiara	09	Atowa
02	Itainya	10	Akwawadjira(índia Araweté)
03	Awapi'uma	11	Ta'ia
04	Apy'a'ima	12	Watatxira
05	Taturaroa	13	Arapetxinga
06	Mimia		
07	Moromokoa		
08	Tapodza'yra		

**Ascendentes

- Wiara
- . pai - Arona (+)
 - . mãe - Waka'ima
 - . Ex-marido - Awanamia (+a)

- . Atowa
- pai - Arawa (+)
 - mãe - Aperewa (+)
 - Irmãos p/pai - Kina'ia, Djoawe'ima, Patxiña.

TOTAL: 13 pessoas



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Iatora
02	Piuma
03	Mokoa
04	Awame'ia
05	Awatxinga
06	Awaoré
07	Tximaityga

**Ascendentes

. Iatora

pai - Tatoá (+)

mãe - Kotakinga (+)

Irmãos: Waka'ima, Aniwa, Mitxa'anga

. Piuma

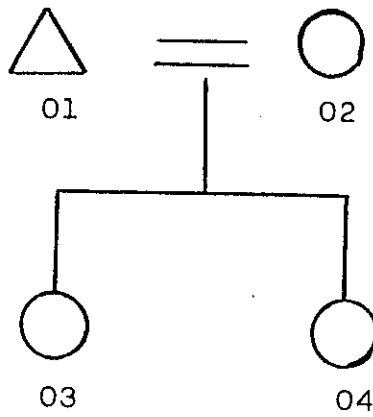
pai - Arona (+)

mãe - Waka'ima

TOTAL: 07 pessoas

ALDEIA 1

CASA 06

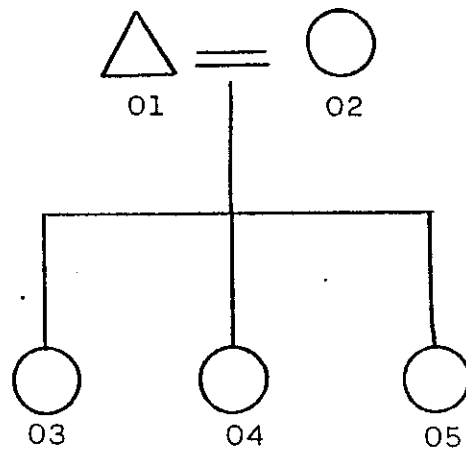


<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Konomi'ia
02	Tenipadjara
03	Kapama
04	naire

TOTAL: 04 pessoas

ALDEIA 1

CASA 07



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Aniwa
02	We-We
03	Kingatora
04	Kodjania
05	naire

**Ascendentes

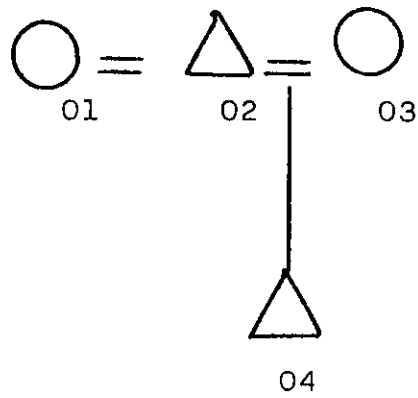
Aniwa

- . pai - Tatoá (+)
- . mãe - Kotakinga (+)
- . Irmãos - Waka'ima, Iatora,
Mitxa'anga

TOTAL: 05 pessoas

ALDEIA 1

CASA 08



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Kwatxitxinga
02	Koria
03	Kodjaitá
04	Towe'ia

TOTAL: 04 pessoas

. Filhos de Koria com Kodjaitá:

Apewa

Tadjikira

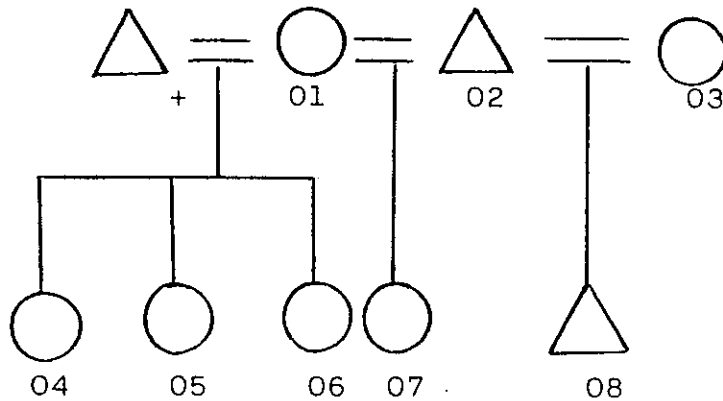
Towe'ia

. Filha de Koria com mãe falecida:

Warape'ia

. Kwatxitxinga:

Pais falecidos



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Peiria
02	Kina'ia
03	Podji'ima
04	Piodja
05	Txangare'ima
06	Kodzawewutxa
07	Txe'txo'a
08	Teani'inga

TOTAL: 08 pessoas

**Ascendentes

. Kina'ia

pai - Arawa (+)

mãe - Txovoa(+)

Irmãos p/pai - Djoawe'ima, Atowa, Patxiña

. Podji'ima

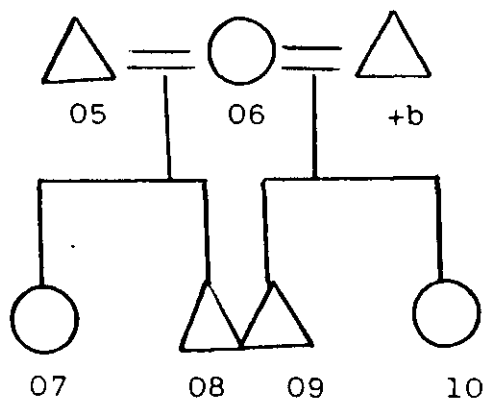
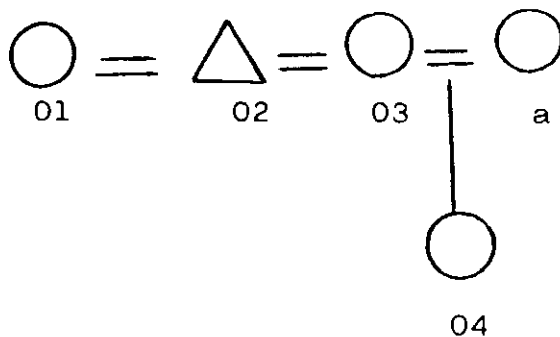
pai - Nambikwarawa (MDJ)

mãe - Iaytim (MDJ)

Irmã - Nanira

ALDEIA 1

CASA 10



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>	<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Nanira	06	Tadjikira
02	Motxiá	07	Tamakwaré
03	Kodzariwa	08	Kaworé
04	Kwataria	09	Tatoa
05	Djuraroa	10	Arapiuna

TOTAL: 10 pessoas

**Ascendentes

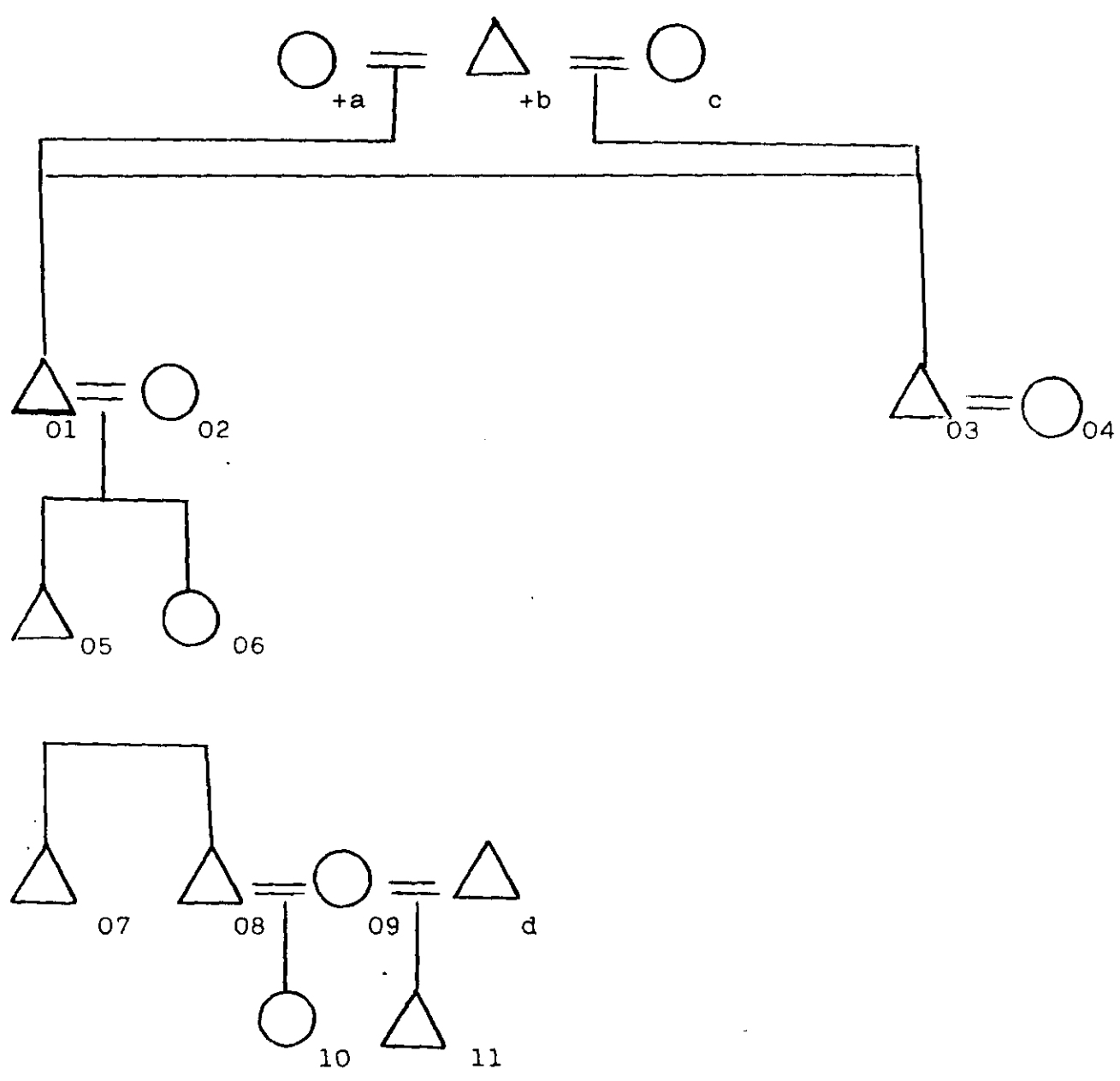
- . Nanira
 - pai - Nambikwarawa (MDJ)
 - mãe - Iaytim (MDJ)
 - Irmã - Podji'ima
- . Motxia
 - pai - Iatora
 - mãe - Falecida
 - Irmão - Mokoá
- . Kodzariwa
 - pai - Atxopyga
 - mãe - Mitxa'anga
- . Djuraroa
 - pai - Tamá (+)
 - mãe - Kwaiuna (+)
 - Irmão - Torimoa
- . Tadjikira
 - Ex-marido - Atahá(+b)
 - pai - Koria
 - mãe - Kodjaitá
 - Irmãos - Towe'ia, Apeawa
 - Irmã p/pai - Warape'ia
- . a - Warape'ia - Ex-esposa de Mothia

QUADRO DE PARENTESCO POR RESIDÊNCIA

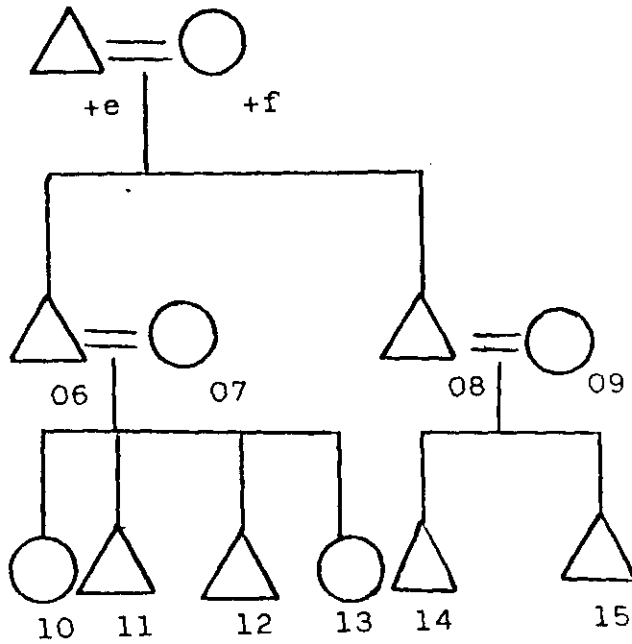
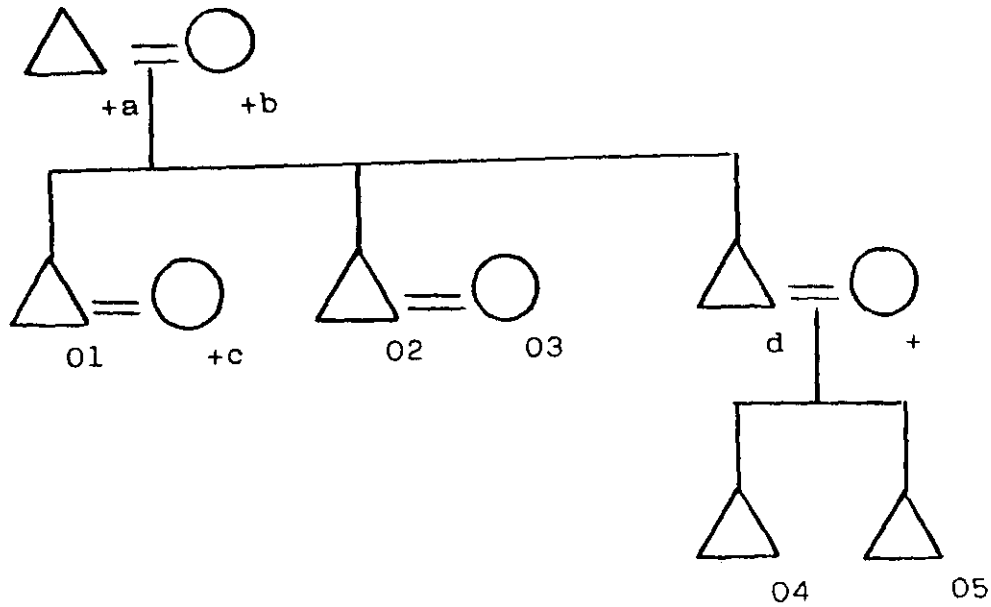
ALDEIA 2

40.

CASA 01



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>	
01	Torimoa	+a. Kawaiuna
02	Apeawa	+b. Tamá
03	Atotxina	c. Djakuá (MDJ)
04	Apetonga	d. Motxiá - ex-marido de Warape'ia
05	Inamoa	
06	Yawa	. Warape'ia e Apeawa irmãs p/pai
07	Kaiwyga	pai - Koría- mãe(+) - mãe-Kodjai
08	Tewatxa	<u>TOTAL: 11 pessoas</u>
09	Warape'ia	
10	naire	



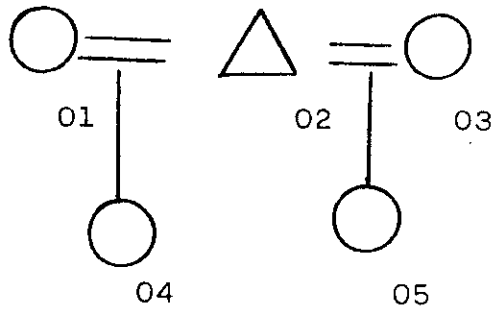
<u>Nº</u>	<u>NOME</u>	
01	Wiona	+a. Paria
02	Miriwa	+b. Tirikwamé
03	Mikoa	+c. Poa
04	Karamoa	d. Karátxia
05	Txioma	+e. Awakaé
06	Pinatxinga	+f. Moritxarona
07	Areiá	
08	Wareuma	** Irmãs do nº 06 e 08:
09	Pauma	Peiria e Parema.
10	Kodzapetxinga	
11	Txekoa	
12	Ararakynga	
13	Koriroa	
14	Txigatxe'enga	
15	naire	
16	Kokoa	

TOTAL: 16 pessoas

ALDEIA 2

42.

CASA 03



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Koreia
02	Karatxia
03	Urubudjura
04	Torivira
05	naire

** Ascendentes

. Karatxia:

pai - Paria (+)

mãe - Tirikwamé (+)

Irmãos: Miriwa e Wiona

. Urubudjura

pai - Awapiuna (+)

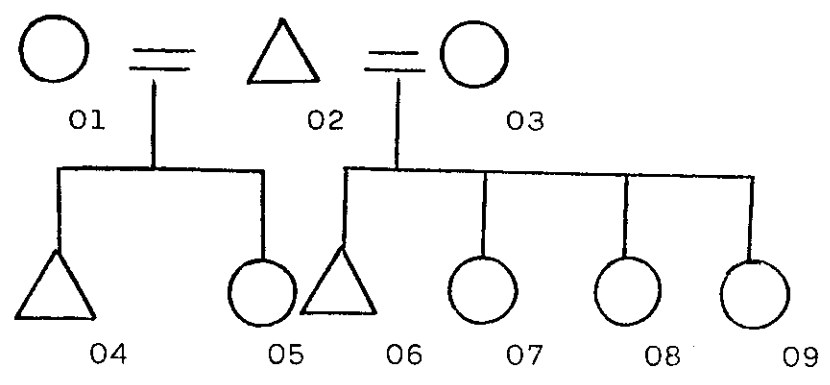
mãe - Kania (+)

Irmã: Areiá

TOTAL: 05 pessoas

ALDEIA 2

CASA 04

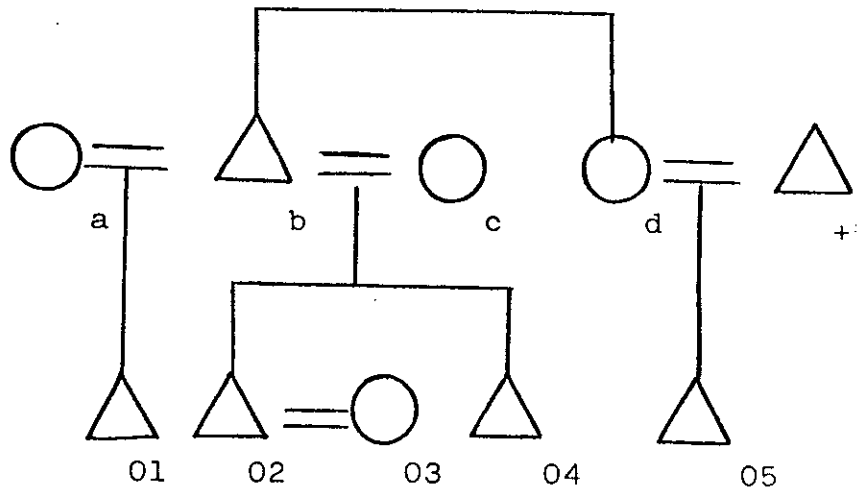


<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Patxiña
02	Atxopyga
03	Mitxa'anga
04	Koriroa (Mamá)
05	Toi'ia
06	Atxia
07	Petanga
08	Kodzo'ona
09	Moretxia

** Ascendentes

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> . Atxopyga <ul style="list-style-type: none"> pai - Apekinga (+) mãe - Apytapehé (+) Irmãs - Pinga e Djakuá (MDJ) . Patxinã <ul style="list-style-type: none"> pai - Arawa (+) mãe - Tapaia (+) Irmãos p/pai - Kina'ia e Atowa Irmã - Djoawe'ima | <ul style="list-style-type: none"> . Mitxa'anga <ul style="list-style-type: none"> pai - Tatoá (+) mãe - Kotakinga (+) Irmãos - Waka'ima, Aniwa e Iatora |
|--|---|

TOTAL: 09 pessoas



<u>Nº</u>	<u>NOME</u>
01	Korikoa
02	Tevirera
03	Kodjapara
04	Panama
05	Tawarirá

** Ascendentes

- a. Patxiña
- b. Atxopyga
- c. Mitxa'anga
- d. Pinga

TOTAL: 05 pessoas



POPULAÇÃO PARAKANÃ-APYTEREWA POR FAIXA ETÁRIA - AGOSTO - 1988

FAIXA ETÁRIA	HOMENS	MULHERES	TOTAL
0 - 10	32	38	70
11 - 20	11	07	18
21 - 30	12	13	25
31 - 40	10	09	19
41 - 50	05	02	07
51 - 60	02	02	04
61 - 70	02	-	02
T O T A L	74	71	145



NASCIMENTOS NO GRUPO APYTEREWA APÓS CONTATO:

Nº	NOME	SEXO	DATA NASC.	FILIAÇÃO	OBS.
01	NAIRE	MASC.	09.83	. ANIWA . WE-WE	Faleceu
02	PINAKIÉ	MASC.	27.01.84	. AWANGA . KODZOTXINGA	-
03	NANOA	FEM.	06.07.84	. AWIA . PINGA	-
04	NAIRE	MASC.	12.01.85	. KORERIA . KODJOAROA	Faleceu
05	KODJANIA	FEM.	03.05.85	. ANIWA . WE-WE	-
06	TAMAKWARÉ	FEM.	20.06.85	. DJURAROA . TADJIKIRA	-
07	NAIRE	FEM.	08.09.85	. TORIMOA . APEAWA	Faleceu
08	NAIRE	FEM.	24.04.86	. KONOMI'IA . TENIPADJARA	-
09	IWOI'ONA	MASC.	22.06.86	. TERIA . MAIAWA	-
10	KORIROA	FEM.	14.07.86	. PINATXINGA . AREIÁ	-
11	DJAPERIA	MASC.	17.07.86	. NATAIRAWA . AWITONGA	-
12	NAIRE	MASC.	18.08.86	. ITAINYA . WIARA	Faleceu
13	^u MORETXIA	FEM.	03.11.86	. ATXOPYGA . MITXA'ANGA	-
14	TXIMAITYGA	MASC.	02.06.87	. IATORA . PIUMA	-



Nº	NOME	SEXO	DATA NASÇ.	FILIAÇÃO	OBS
15	NAIRE	MASC.	07.06.87	.AWIA .PINGA	-
16	DJENETXO	MASC.	11.08.87	.KORERIA .KODJOAROA	-
17	NAIRE	MASC.	02.09.87	.DJOAWE'IMA .TXINÉ	-
18	KAWORÉ	MASC.	03.09.87	.DJURAROA .TADJIKIRA	-
19	^u DUZREMA	FEM.	17.09.87	.NANIME .KWAI'IA	-
20	TXE'TXO'A	MASC.	02.11.87	.KINA'IA .PEIRIA	-
21	NAIRE	MASC.	31.01.88	.MOTXIÁ .NANIRA	Faleceu
22	NAIRE	FEM.	04.02.88	.TEWATXA .WARAPE'IA	-
23	ARAPETXINGA	FEM.	15.02.88	.ATOWA .AKWAWADJIRA	-
24	NAIRE	MASC.	31.03.88	.WARA'IRA .PAREMA	-
25	NAIRE	MASC.	24.06.88	.WAREUMA .PAUMA	-
26	NAIRE	FEM.	24.06.88	.ANIWA .WE-WE	-
27	NAIRE	FEM.	19.07.88	.KARATXIA .URUBUDJURA	-

** Levantamento baseado em informações do PIN Apyterewa.

Nº	NOME	SEXO	NASC.	IDADE APROX.	RELAÇÃO DE PARENT.	DATA FALEC./LOCAL	SEPULTAM.	CAUSA
01	AWANAMIA	MASC.	-	51	TADJIKIRA E WIARA(ESPOSAS)	21.03.1984 PIN APYTEREWA	CEMITÉRIO	PNEUMONIA
02	NAIRE	MASC.	09.83	07 meses	ANIWA E WE-WE(PAI/MÃE)	04.04.84	-	
03	KOMIA	MASC.	-	06	AWANGA E KODZOTXIN- ^U GA (PAI/MÃE)	30.04.84 ALTAMIRA	-	MALÁRIA
04	ARONA	MASC.	-	60	WAKA'IMA(ESPOSA)	28.06.84	-	Pic.Cobra
05	NAIRE	MASC.	12.01.85	23 dias	KORERIA E KODJOAROA(PAI/MÃE)	05.02.85	-	não ident.
06	APYTAPÉHE	FEM.	-	58	VIÚVA	23.03.85	-	-
07	NAIRE	FEM.	08.09.85	12 dias	TORIMOA E APEAWA (PAI/MÃE)	20.09.85	-	-
08	AWAONÉ	MASC.	-	11	PEIRIA(MÃE) PAI FALECIDO	08.12.85	-	Poço D'água Gás venenoso
09	NAIRE	MASC.	18.08.86	03 meses	ITAINYA E WIARA(PAI/MÃE)	13.12.86	-	Parada Respiratória
10	TXIAMIA	MASC.	-	07	ATXOPYGA E PATXIÑA(PAI/MÃE)	19.07.87 Viagem Altamira	CEMITÉRIO	Malária Hepatite
11	POA	FEM.	-	13	PINGA(MÃE) E PAI FALECIDO	06.08.87 Viagem Altamira	CEMITÉRIO	Malária
12	TERE'IMA	MASC.	-	20	KODZOTXINGA(MÃE) E PAI FALECIDO	15.12.87	m/E IG.B. Jardim.	Ass.por mem. da Comunid.
13	NAIRE	MASC.	31.01.88	04 dias	MOTXIÁ E NANIRA (PAI/MÃE)	04.02.88	CEMITÉRIO	Dispneia e Par.Respir

OBS: Levantamento baseado em informações do PIN APYTEREWA.



PARAKANÃ - APYTEREWA TRANSFERIDOS PARA A ALDEIA MARUDJEWARA

Nº	NOME	SEXO	IDADE	FILIAÇÃO	MOTIVO
01	IDJÉIA	MASC.	28	KODZOTXIN- ^U GA (MÃE) E PAI FALECIDO.	TRANSFERIDO EM 26.12.87. APÓS ASSAS.DO IRMÃO TEREÍMA
02	TOI'IA	MASC.	22	"	"
03	AWARIKÁ	MASC.	13	"	"
04	AIROA	MASC.	11	"	"



ASPECTOS EDUCACIONAIS:

As crianças recém-nascidas até os três anos de idade são carregadas em tipóias pelas mães. Os meninos brincam com pequenos arcos e flechas, matando animais ou insetos de pequeno porte, como passarinhos, lagartixas e ratos; pescam e acompanham os pais em caçadas (Magalhães, 1982). As meninas são ensinadas pelas mães ou pessoas mais velhas a fazerem tipóias, rede e panelas de barro. É dado como tarefas das meninas maiores, ajudarem os pais a carregar as crianças, lavarem roupas, cortar lenha. As crianças frequentemente andam em grupos. Os pais são pacientes com os filhos, esses por sua vez possuem um ambiente de bastante liberdade. As mães geralmente exercem mais controle sobre os filhos.

ORGANIZAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA INTERNA:

LIDERANÇA:

Os Parakanã não tem líderes. Segundo Magalhães (1984:32) as decisões entre esse Grupo Indígena são tomadas entre os Chefes de grupos domésticos, portanto não existe um líder único, a partir de quem as decisões são tomadas. Cada chefe de família decide sobre sua família. Os mais velhos aconselham e orientam.

Sobre o local de reunião, o salão do Posto é o espaço desejado, onde os homens mais velhos, os casados e jovens encontram-se à noite diariamente para discutirem assuntos variados que dizem respeito a seu cotidiano. As mulheres não participam das reuniões ficando do lado de fora juntamente com as crianças, aguardando o término, quando retornaram com os homens para a aldeia.



CASAMENTO:

O casamento entre os Parakanã, de acordo com as pesquisas de Magalhães(1984) são realizados pelo avunculato e entre primos cruzados bilaterais. O índio Parakanã geralmente casa-se com a idade de de 15 anos, passando com isso a ser denominado de Awaramé. Os homens solteiros também são considerados Awaramé, quando ainda não se casaram em função do número reduzido de mulheres ou por essas ainda não contar com a idade suficiente. A partir do momento em que o homem concretiza seu segundo casamento, passa a ser chamado de Awaramé-Kwira. Geralmente mantém relações poligínicas quando nessa última categoria. Porém são poucos homens das duas aldeias do Igarapé Bom Jardim, casados com mais de uma mulher, devido ao reduzido número populacional. Outras duas categorias chamadas por Muruirowa-Eré e Muirirowa significam os homens casados e com descendentes, classificados como velhos.

Os casamentos devem preferencialmente ocorrer entre membros dos grupos de descendência Aputerewã, Wirapĩ, Mokotiwena. Os Tapiipi são encontrados apenas na Aldeia Paranati.

A regra de descendência é a patrilinearidade e regra de residência mais frequente é patrilocal, ou seja, a mulher vai residir na casa do marido, embora muitas vezes acontece do homem morar na casa da mulher. Isso significa que não há uma regra fixa de residência após o casamento.

Os dois subgrupos Aputerewa aldeiados à margem direita do Igarapé Bom Jardim estão distribuídos em duas aldeias, distantes 50 metros. Como pode se verificar no mapa das aldeias, a Aldeia I caracteriza principalmente o grupo contatado em novembro de 1983. Com dez casas, apresenta uma população de 99 pessoas. A Aldeia II distingue o grupo contatado em março de 1984. Distribuídos em cinco casas, soma uma população de 46 pessoas. As relações entre os dois subgrupos são constantes e conseqüentemente a distribuição da população nas residências é mutável, inclusive devido à casamentos entre membros de ambos grupos. Os dois grupos somam vinte e cinco



famílias nucleares monogâmicas e cinco poligínicas (família do Koria Kina'ia, Motxiá, Karathia e Atxopyga). Elaboramos o quadro de parentesco por residência pertinentes as duas aldeias. O quadro genealógico da aldeia foi-nos impossível esboçar, devido ao reduzido tempo em campo para execução dos trabalhos de delimitação da área.

As meninas quando pequenas são prometidas para casamento à um parente, geralmente à algum irmão de sua mãe. A criança permanece na casa dos pais até aproximadamente os dez anos, quando passa a morar na casa do marido. Sua iniciação sexual começa na adolescência.

NASCIMENTOS:

O nascimento de uma criança, se for de dia, o parto é feito no mato. Caso seja à noite, é realizado na própria casa. O cordão umbilical é cortado pelo pai se for menino ou pela mãe se for menina. Cortam-o com taboca, o mesmo material usado em ponta de flecha. Além do marido, outras pessoas acompanham a mulher gestante, sua mãe e irmã(s). Após o parto, a mãe banha-se com o recém-nascido.

Na época em que o grupo não era contatado, quando as mulheres davam a luz gêmeos, costumavam matar um, pelo fato de ser difícil transportar duas crianças recém-nascidas andando no mato.

NOME:

A criança obtém um nome geralmente a partir dos seis meses de nascida. Enquanto permanece sem nome, é chamada pela Comunidade de Naire que significa na língua Parakanã, criança sem nome. O nome escolhido não coincide com nenhum membro da Aldeia. As inspirações dos nomes será buscada nos animais, mediante analogia com a criança.

Todas as pessoas na Aldeia além de seu nome recebem apelidos.

**RITO DE PASSAGEM:**

Na idade de 06 anos, é realizada nos meninos uma perfuração abaixo do lábio inferior, para ser introduzido o itá.

MORTE:

A morte para os Parakanã é um momento forte. Não mencionam os nomes das pessoas falecidas. Quando alguém morre, apenas as mulheres e crianças choram a perda. Atualmente o sepultamento é realizado no cemitério da Comunidade, próximo ao Posto, à margem direita do Igarapé Bom Jardim. O corpo é colocado na cova de peito para cima e com as pernas encolhidas junto com alguns de seus pertences como arco, flechas, facão, rede. Após o enterro, não costumam retornar ao cemitério. Atualmente utilizam a picareta, o que torna mais fácil abrir uma cova maior e então deitar o corpo do finado.

FESTAS:

A Festa da Taboca ou Festa do Mel é realizada no primeiro ano do milho. Preparam um mingau de milho misturado com mel silvestre. Principalmente os homens e algumas mulheres fazem um círculo, dançando e cantando das dezoito horas até a aurora. Acompanha como instrumento musical várias tabocas, cada uma com um som diferente. A penas os homens tocam a taboca. A festa dura dois a três dias.

Opetymo ou Festa do Cigarro é realizada quando há excesso de comida, por exemplo, milho, jaboti, anta. As mulheres se pintam com tinta preparada da mistura de jenipapo com carvão. Os homens também se pintam até a cintura, no restante do corpo passam uma resina e antes de secar aderem plumas de Gavião Real ou de Urubú-Rei. Na cabeça os homens usam uma coroa chamada Arapetim, confeccionada de palha de babaçu com penas de arara suspensas na parte traseira. No pé esquerdo colocam um pequenochocalho, que tem como finalidade dar o



ritmo enquanto dançam. As mulheres somente entoam a música. Nessa ocasião, os homens fumam o Petyma, cigarro tradicional na cultura Parakanã. A festa tem início de manhã cedo estendendo-se ao final da tarde.

DOENÇA E PROCESSO DE CURA:

Quando o grupo ainda estava isolado, conheciam algumas doenças, como a tosse, febre, gripe. Sabiam que a gripe haviam adquirido dos "brancos". Distinguiam a febre como outra doença. Costumavam tratá-la dando banhos de água fria consecutivos na pessoa enferma, até que a febre passasse. Produziam para alguns casos, remédios feitos de ervas nativas, por exemplo, para coceira usavam a castanheira; em golpes o feijão bravo.

Se o doente está acamado, são realizadas sessões de cura. Não possuem um único Pajé, as curas são realizadas pelas lideranças dos grupos domésticos (Magalhães, 1984:33). Os parentes próximos colaboram, permanecendo em volta da rede do enfermo, quando cantam, sugam, fumam e jogam fumaça sobre seu corpo. Há cânticos especiais para essas situações. As mulheres mais velhas podem também realizar o ritual de cura.

CULTURA MATERIAL

TIPÓIA - Usada pelas mulheres para carregar as crianças. Tradicionalmente as mulheres confeccionavam primeiro preparando a linha de envira de tucum, deixando-a com sua cor natural. Atualmente a FUNAI fornece linha de algodão(Cléia), e com essa tecem a tipóia em dois dias.

REDE - Tecidas com fibra de tucumã, apenas pelas mulheres. Desde a época do contato já estavam utilizando menos esse material, pois confeccionavam algumas redes usando a linha da rede industrializada, desfiando-a e refazendo outra rede no seu modelo tradicional, num tamanho menor. Conseguiram essas redes insdustrializadas dos regionais.

CERÂMICA - Panelas de barro cozido, pequenas e grandes.
- Forno de barro.
- Não se dedicam muito à essa atividade. É um trabalho feminino.

ARCO - Iriwá: madeira que é utilizada para fazer o arco.
- Tukotinga: corda do arco.

FLEXA - A ponta da flexa é feita de taquara amarela ou taboca. Na ponta da flexa utiliza-se uma pintura preta, feita com leite de um cipó misturado com carvão. Adornam a flexa com penas de Urubú, Gavião Real, Mutum, Tucano.

ITÁ(Tembetá) -

Itá na língua Parakanã significa qualquer tipo de pedra. A pedra utilizada, cristal leitoso, é conseguida na lage de pedras grandes, encontradas em cima da serra. Também fazem o tembetá de madeira, do tronco da cajazeira. Os mais velhos, pai ou



tios, perfuram logo abaixo do lábio inferior dos meninos a partir dos seis anos de idade, usando um osso de onça.

OBJETOS DE PALHA:

CESTOS: Podem ser feitos das folhas do olho da palmeira de babaçu ou de folhas maduras da palmeira de juçara. Utilizados para transportar produtos da roça, de coleta e carne de caça.

ESTEIRAS E ABANO: Da folha da palmeira de babaçu. Confeccionadas pelas mulheres.

PENEIRA: Confeccionada pelas mulheres.

OUTROS OBJETOS:

- . Cigarro - Confeccionado e utilizado pelo homem. Enrolado com a entrecasca do Tauari.
- . Cuia, pilão -
- . Moquém - Utilizado para assar carne de caça, peixe e bolas de mandioca.

INSTRUMENTOS MÚSICAIS:

- . Chocalho - Usado no tornozelo durante as festas, fabricado do osso da asa do gavião-real, cortados em pedaços e depois unidos.
- . Buzina - Feita de taboca. É um instrumento de sopro.

CORTE DE CABELO:

O corte de cabelo tradicional desse Grupo Indígena para homens, mulheres e crianças é o mesmo. O corte constitui-se de duas etapas: primeiro raspa-se o cabelo por inteiro. Assim que começa a crescer faz-se o segundo corte, onde apresenta uma forma circular. Antigamente utilizavam para cortar o cabelo uma espécie de capim (capim navalha) ou a fibra de taboca. Atualmente utilizam gilette ou tesoura que conseguem no Posto.



PINTURA CORPORAL:

A pintura dos Parakanã atende à fins estéticos e rituais. Em ocasiões de festas, os homens aderem penas de plumas do gavião-real ou de urubu-rei. NO cotidiano costumam usar mais o urucu. A tinta pode também ser preparada com jenipapo e carvão.



DESCRIÇÃO DA ALDEIA

ARQUITETURA INTERNA:

A maioria das casas caracterizam-se por formarem uma estrutura com telhados de palha, sem paredes. Apenas duas casas possuem paredes de esteira de palha. Em outras duas, as paredes são de adobe - taipa com barro cru.

Internamente encontra-se várias redes com mosquiteiros. No telhado, entre as palhas e os esteios, guardam alguns objetos de utilidade, por exemplo, facão, faca, terçado, prato, farinha, roupas.

Geralmente, o fogo de lenha utilizado na preparação das comidas localiza-se próximo à algum canto da casa, no lado externo. Se há mais de uma família nuclear numa mesma casa, usam fazer um fogo para cada uma. À noite, fazem pequenas fogueiras internas próximas às redes, para se aquecerem.

CONSTRUÇÃO DA CASA:**MATERIAL UTILIZADO:**

TELHADO: Palha de babaçú inteira com talo, ou do olho (quando a palha não abriu). Se o talo é inteiro, corta-o ao meio e junta os dois lados da palha num só. Em caso de colher a palha ainda verde, deixa-a secando ao sol, antes de usá-la.

ESTEIOS E TRAVESSAS: De qualquer árvore da região.

TIMBÓ-AÇÚ: Cipó usado para amarrar os esteios e as palhas.

PAREDES: Confecciona-se primeiro as esteiras ou então é usado o adobe. No último caso, primeiro firma-se a taipa, depois preenche-a com barro.

TRABALHO: Os homens com a ajuda dos parentes, preparam o terreno, colocam os esteios e telhado de palha. A participação da mulher é menor. Elas colaboram abrindo a palha que vai ser colocada no telhado. Levam



no máximo duas semanas para construir uma casa aberta. Se for de barro é necessário um período maior.

Antes do contato, os Parakanã construíam para moradia, pequenos tapiris. Esses constituíam-se de casas formadas cada uma de dois esteios principais e uma travessa ao meio, com palhas cobrindo do telhado até próximo ao chão.

ASPECTOS DE SAÚDE E SANEAMENTO

A) ESTADO DE HIGIENE NA ALDEIA, CASAS E ÍNDIOS:

A aldeia possui um bom aspecto, pois os lixos, em sua maioria, são orgânicos. Há dois buracos principais, um em cada aldeia, aonde são enterrados os lixos em excesso. A Comunidade Apyterewa utiliza o mato para suas necessidades fisiológicas. Há a idéia do Chefe do Posto de projetar no futuro próximo dois banheiros para as aldeias.

No Posto Indígena há um abastecimento de água, através de bombeamento de um poço artesiano, de onde há distribuição através de encanamento. A Comunidade faz uso de uma torneira, próxima à cozinha do Posto, para abastecimento de água em suas casas, usada para cozinhar e beber.

Devido ao acúmulo de sujeira dentro das casas, é comum praga de baratas. Durante o dia, os mosquiteiros e algumas redes são guardadas, colocados entre os esteios e as palhas. Ficam encardidas porque recebem a fumaça dos fogos feitos junto e/ou dentro das casas.

Shortes, blusas e sandálias havaianas são fornecidas pela FUNAI, desde o início do contato. As roupas das mulheres e crianças são mais sujas do que as dos homens, possivelmente pelo tipo de atividades que elas exercem - cozinhar, rachar lenha, lavar roupas, cuidar de crianças, colher produtos da roça. As poucas peças de roupas que possuem, lavam quase diariamente, embora de modo superficial. Utilizam sabão de pedra fornecido pelo Posto Indígena.

Homens, mulheres e crianças se banham diariamente à margem do Igarapé Bom Jardim.

Quando as mulheres dão à luz, após se banharem, ficam deitadas numa rede de tupaba de embira, embaixo dessas colocam cinzas no chão. Permanecem na rede até estancar todo o sangue de pós-parto. As mulheres que estão amamentando, banham a si e o curumim algumas vezes ao dia no Igarapé.



B) DOENÇAS INCIDENTES:

1) MALÁRIA: Trata-se de uma infecção produzida por hematozoários do gênero Plasmodium. Atinge os recém-nascidos, crianças, jovens e adultos (homens e mulheres).

DIAGNÓSTICO - Avaliado pelos sintomas clínicos: calafrios, febre alta, suores, cefaléia; podendo ocorrer também diarreia e vômito.

PERÍODO DE MAIOR INCIDÊNCIA - Essa infecção é frequente o ano inteiro. Porém o período predominante é uma mudança de estação, ou seja, começo do verão e inverno.

TRATAMENTO RECEBIDO - São vários tratamentos usados, conforme o tipo da malária. O tipo Falciparum é a mais comum, que recebe quatro tipos de tratamentos:

- Cloroquina + Primaquina
(3 dias) (5 dias)
- Fansidar + Primaquina
(2 dias) (1Comp.no 7º dia)
- Paludil (usado no soro ou intra-muscular)
- Quinino + Tetraciclina (7 dias)

A malária é a enfermidade mais grave que atinge a Comunidade Apyterewa, pois ela já se tornou resistente aos medicamentos da SUCAM. O tratamento com Cloroquina, Primaquina e Fansidar não é mais eficiente. Por tratar-se de uma região endêmica, é comum ocorrer infecções seguidas. Os índios dificilmente recebem o tratamento por completo. Após cessar a febre, com 48 Hs, eles frequentemente falham em dar continuidade, ou seja, não vão à enfermaria do Posto tomar o medicamento necessário, mesmo porque alguns dias saem para caçar e pescar na parte da manhã e não retornam à tarde, quando dormem no mata.

No período de 20.06.88 à 20.07.88., ocorreram 29 casos de malária na Comunidade.



2) PNEUMONIA:

. Medicamentos - Antibióticos: Ampifár, Binotal e Ampicilina.

. 02 casos no mês de julho de 1988.

3) PÉ DE ATLETA(Frieira) - Ocorre mais nas crianças.

. Medicamento - Vodol solução.

4) CORTES E FERIMENTOS: Mais frequente nos homens.

. Tratamento - Sutura e curativo

5) DIARRÉIA:

. Medicamentos - Duoctrin e Colestase.

6) VÔMITO:

. Medicamento - Plasfil

7) INFLAMAÇÃO DAS AMÍDALAS:

. Medicamento - Ilosone(líquido)

8) SAPINHO: Comum nas crianças.

. Medicamentos - Nistatina(oral) e Violeta Genciana(uso local)

9) GRIPE E TOSSE: A gripe é frequente. Muitos índios tosem à noite.

. Medicamentos - EMS Expectorante(xarope); Xarope de Complexo B; Bisolvon Complexo; Naldecon(gotas e comprimido).

- Ozonil e Ampifár Balsâmico(injetável)

- Chá de limão com alho.

C) VACINAS ADMINISTRADAS NA COMUNIDADE INDÍGENA APYTEREWA APÓS O CONTA
TO: Sabin, Tríplice, Anatox, Sarampo, BCG, Anti-amarílica.

HÁBITOS ALIMENTARES

FRUTAS - Mamão, banana.

FRUTOS - Castanha do Pará, palmito de Babaçú, cacau-bravo, côco de Babaçú, cupuaçu, inajá, ingá, caju-do-mato.

GONGO - Larva do côco de inajá ou babaçú. Essa larva se desenvolve na amêndoa do côco caído. Fritam e comem misturada com farinha.

IANGA - Larva gerada no tronco do Babaçú depois de caído.

MEL DE ABELHA SILVESTRE -

TUBÉRCULOS - Cará, batata doce, macaxeira, mandioca.

FARINHA =

PROCESSO TRADICIONAL - Inicialmente deixa a mandioca na água por dois ou três dias. Depois retira-se a película marrom, separando a entre-casca da película. Às vezes é costume fazer a farinha apenas da entre-casca ou da massa da mandioca. Então pila a massa e a entre-casca formando bolinhos pequenos que são dispostos sobre o Mo-quém. No verão os bolinhos podem ser deixados para secar com o calor do sol ou para ser mais rápido, utiliza-se o calor de brasas. No inverno é mais comum secar ao calor das brasas. Após esse processo, passa a massa por uma peneira. Se ainda não estiver bem seca, complementa aquecendo na panela ou num tacho pequeno.

FARINHA DO CÔCO DE BABAÇÚ - Usa-se também preparar a farinha da película(entre casca) do côco de babaçú. Deixa-a de molho na água, depois lava para tirar o amargo. Posteriormente pila e seca ao sol ou na panela ou num forno pequeno.

FARINHA PROCESSADA NA PRENSA - A mandioca é trazidada roça num cesto confeccionado de palha, pelos homens e/ou mulheres. Permanece no pubeiro de molho por 2 a 3 dias na beira do Igarapé Bom Jardim ou em ou



tro Igarapé localizado por trás da Aldeia I. (esse último Igarapé é mais usado no inverno, quando o Igarapé Bom Jardim está cheio). Ao retirarem a mandioca da água, lugar chamado de pubeiro, descascam-a, retirando a película marrom, e em seguida colocam a mandioca quebrada na prensa de madeira (existente no Posto), onde permanece por mais ou menos 12 horas. Após ser retirada da prensa, a massa é passada na peneira, e em seguida colocada aos poucos no forno. Mexem a farinha no forno com um rodo ou remo de canoa, por um tempo aproximado de uma hora e meia. Geralmente costumam preparar farinha uma vez para cada 15 dias.

PEIXES - As espécies de peixes preferidas são: Tucunaré e Trairão. Alimentam-se também de piranha, pacú, matrinhã, fidalgo, surubim, pial, cari, curimatá, jaraqui, pescada, cachorra, bicuda, jacundá, traíra.

CARNE DE CAÇA - A proteína animal constitui o principal na dieta alimentar dos Parakanã. Se alimentam de vários tipos de caça: anta, porco-do-mato, cutia, paca, caititu, tatú, jaboti, tracajá, veado. Apenas em último caso se alimentam do macaco prego e o guariba.

PÁSSAROS - Apreciam o Jacum. Evitam o mutum e a arara.

AVES DOMÉSTICAS - Sem outra alternativa, comem pato e galinha.



ATIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA

A) CAÇA -

A carne da caça representa o básico na alimentação dos Parakanã-Apyterewa. Os tipos de caça preferidos são a anta e o porcão(ou queixada). Outros animais também procurados: caititu, capivara, cutia, jaboti, paca, tatú, tracajá, veado.

Há restrições com a carne de Jaboti-Açú e com o tatú-canastra, podendo só as pessoas mais velhas comê-las. Os homens e mulheres ainda em idade de reprodução não usam esses dois tipos de carne.

Preparam a carne cozida, assada ou moqueada.

Trata-se de uma atividade essencialmente masculina. Animais de porte menor como tatú e tracajá são capturados também pelas mulheres, transportando-os depois num jamachi.

INSTRUMENTOS: A maioria dos homens usam arco e flecha, apenas uma minoria possui espingarda. Na caça de animais pequenos usamos o facão. Antes do contato os Parakanã já caçavam com cachorro e até o presente continua sendo um auxílio.

No inverno é a época de mais caça, porque a terra estando úmida, facilita encontrar os animais através dos rastros. NO verão, quando o solo está seco, a caça torna-se mais escassa e conseqüentemente difícil de capturá-la.

Às vezes saem para caçar cedo da manhã e retornam à aldeia no crepúsculo, às seis ou sete horas da noite. Há temporadas do ano que permanecem no mato caçando por dois ou três meses. Acompanham vinte à trinta pessoas - maridos, esposas, crianças(pequenas também) e outros parentes.

Um dos Grupos Parakanã preferem caçar principalmente em direção à cabeceira do Igarapé Bom Jardim. Atravessam esse Igarapé percorrendo a partir de sua margem esquerda. A caça é procurada em vários afluentes da margem esquerda do Bom Jardim, por exemplo, no Grotão do Paraíba, no Igarapé Teomoso(ou BOM Jardim II). Costumam também descer até a área dos afluentes do Igarapé São Sebastião, acampando próximo



às cabeceiras.

A faixa de terra da margem direita do Igarapé Bom Jardim é também usada para caça, quando se deslocam em direção aos afluentes do Igarapé Ipixuna.

B) PESCA

Alimentam-se de peixe com mais frequência no verão. Preparam o moqueado ou assado.

INSTRUMENTOS: Utilizam pouco a flecha para pescar, pois ela necessita ter na ponta um gancho. Frequentemente usam o anzol com linha. Só os homens fazem uso do anzol.

No período do verão pescam com timbó em sistema coletivo, quando todos participam - adultos, jovens e crianças. Trituram o timbó e consecutivamente lavam essa raiz entorpecente na água onde fazem essa atividade - em poços d'água, grotões e lagos, geralmente localizados próximos às cabeceiras dos rios.

Antes do contato os Parakanã utilizavam para a pesca somente a flecha com gancho e o timbó.

Pescam à margem direita do Rio Xingu quase que diariamente; em direção às cabeceiras do Igarapé Bom Jardim, em seus afluentes da margem direita e esquerda, e nos Igarapés afluentes do São Sebastião.

C) COLETA

Quando o homem, a mulher e crianças saem para caçar, na volta para aldeia, vão colhendo os frutos que encontram. Fazem coleta do côco e/ou palmito de Babaçú, Castanha do Pará, Cacau nativo, gongo(larva do côco de Inajá ou Babaçú), Ianga(larva do tronco de Babaçú).

Se ao regressarem da caça estiverem carregando muito peso, retornam nos dias seguintes para buscar os frutos.

Como essa atividade é realizada paralelamente à caça, a coleta é buscada na mesma área.

A taboca e taquara, matéria-prima para confecção de flechas, é conseguida na região entre as cabeceiras do Igarapé Bom Jardim e Rio Bacajá, sendo que os índios necessitam se deslocar até essa área para adquirí-la.



D) AGRICULTURA

Os Parakanã como povo essencialmente nômade, antes do contato plantavam roças pequenas. A partir do momento em que um grupo fixa-se numa aldeia, a caça que pode ser encontrada nessas proximidades, vai tornando-se irregular. É quando a agricultura passa a ser importante na complementação da dieta alimentar.

As roças das duas aldeias começaram com a participação dos funcionários do Posto.

À margem direita do Igarapé Bom Jardim, no limite Sul da A.I Araweté, encontra-se roçados antigos e novos. Há duas roças antigas, do ano de 86/87, localizadas à esquerda dos fundos da Aldeia I e II. Nos fundos à direita, localiza-se cerca de 16 hectares de roça com culturas temporárias.

Os produtos cultivados são os seguintes:

. **MANDIOCA:** 9,5 ha de 10 meses

5,0 ha de 24 meses

. **MILHO:** 2,0 ha de 9 meses

CULTURAS PERMANENTES - Localizadas aos arredores do Posto e da Aldeia..

. Mamoeiro - 300 pés (36 meses)

. Banananeira - 1.000 pés (24 meses)

. Abacateiro - 11 pés (36 meses)

. Cupuaçuzeiro - 08 pés (36 meses)

. Cajueiro - 02 pés (36 meses)

. Citrus - 60 pés (12 meses) (laranja e limão)

. Urucú -

. Cacaueiro - 1.500 pés (4 meses)

As mudas de cacau foram adquiridas através da Administração de Altamira, com o objetivo de ser comercializado após 3(três) anos (tempo de colheita). Estão plantados no lado esquerdo da Aldeia II.

A roça do Posto do ano de 1988 localiza-se à margem esquerda do Igarapé Bom Jardim com uma extensão de 2,0 ha. Nesse local foi feita apenas a derrubada.

Outra roça do Posto localizada à margem direita do Igarapé Bom Jardim encontramos cultivado:

**FUNAI**

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

68.

- . Mandioca - 1,5 ha. de 30 meses
- . Mandioca - 1,5 ha. de 18 meses
- . Feijão - 1,5 ha. de 3 meses

A época propícia ao plantio se estende de Outubro à Dezembro. Sendo a época de colheita nos meses de março à julho.

As roças são planejadas separadas, sendo que a cada ano são cultivadas duas roças, uma para a Aldeia I e outra para a Aldeia II.

Cabe aos homens fazerem a broca e derrubada da mata, queima, limpeza e plantio. Na agricultura de subsistência compreende um processo manual que inclui primeiro a derrubada das árvores altas e grandes com motosserra e/ou machado. Depois faz-se a queima e a limpeza do terreno. Na derrubada e limpeza participam juntos, homens dos dois grupos. Na colheita as mulheres acompanham os maridos. Se acontecer de terminarem os produtos da roça pertencente à uma determinada aldeia, outra ainda abastecida, se dispõe a dividir com aquela.

MEIOS DE ACESSO AO PIN APYTEREWA. FLUVIAL:

a) No inverno: Da cidade de Altamira, subindo o Rio Xingu, até a foz do Igarapé Bom Jardim. Tempo de viagem: 03 dias e meio.

Da foz do Igarapé Bom Jardim até o Posto, utilizando voadeira, 30 minutos de viagem.

Da foz do Igarapé Bom Jardim até a cidade de Altamira, 02 dias de viagem.

b) No verão: Mesmo percurso anterior. Tempo de viagem: 04 dias e meio.

Da Foz do Igarapé Bom Jardim até o Posto, 01 hora e 30 minutos.

. AÉREO: Pista de pouso localizada à margem direita do Rio Xingu, próxima à Foz do Igarapé Bom Jardim. Duração da viagem: 01 hora e dez minutos.



CARACTERES FISIOGRAFICOS DA REGIÃO

SOLOS:

- 1ª PREDOMINANTE - (SOLOS PODZÓLICOS):

- . Podzólico Vermelho
- . Amarelo Distrófico Tb + Podzólico Vermelho
- . Amarelo Eutrófico Tb

- 2ª PREDOMINANTE - (SOLOS LATOSSOLOS):

- . Latossolo Vermelho
- . Amarelo Distrófico + Podzólico Vermelho
- . Amarelo Distrófico Tb

- 3ª PREDOMINANTE - (SOLOS LITÓLICOS):

- . Solos Litólicos³ Distróficos e Eutróficos.

- 4ª PREDOMINANTE - (SOLOS PODZÓLICOS):

- . Podzólico Vermelho
- . Amarelo Eutrófico Tb + Terra Roxa estruturada similar Eutrófica + Podzólico Vermelho.
- . Amarelo Distrófico Tb

* Fonte de informação: Bibliografia.

CLIMA:

a) Temperatura Média:

- \bar{T} : 25° C | Temperatura Média Anual
- \bar{T} : 20° C | Temperatura Mínima - Média Anual
- \bar{T} : 31° C | Temperatura Máxima - Média Anual
- \bar{T} : 26.8° C | Ano: 1987 para o Município de Altamira



- \bar{T} : 25.5°C | Ano: 1987 para o Município de São Félix do Xingu

b) **INSOLAÇÃO:**

I: 1.800 horas (média anual)

c) **UMIDADE RELATIVA:**

-UR.: 85% (Média anual)

-UR.: 81% | Ano 1987, para o Município de Altamira

-UR.: 83% | Ano 1987, para o Município de São Felix do Xingu

d) **PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA:**

- \bar{P} : 2.000mm (Média anual)

- \bar{P} : 1.638.2 mm | Ano: 1987 - para o Município de Altamira

- \bar{P} : 2.212.0 mm | Ano: 1987 - para o Município de S.Félix do Xingu

e) **FREQUÊNCIA MÉDIA DE DIAS COM PRECIPITAÇÃO:**

\bar{F} .: 160 dias (aprox.) | média anual de dias com chuva.

f) **VERÃO** (Período mais seco):

. Geralmente inicia no mês de junho e término até primeira quinzena de novembro.

g) **INVERNO** (Período mais chuvoso):

. Geralmente tem início após a primeira quinzena de novembro, estendendo-se até o final de maio.

VEGETAÇÃO:

Os tipos florestais encontrados:

a) Floresta Perenifólia Higrófila Hileiana Amazônica
(Corresponde à mata de terra firme);

b) Floresta Perenifólia
Paludosa Ribeirinha
Periodicamente inundada (Mata de várzea);



c) Floresta Perenifólia

Ribeirinha Permanentemente Inundada (Mata de Igapó);

d) Floresta Subcaducifólia Amazônica

FLORA:

Principais espécies de árvores nativas encontradas nessa Região:

- Açaí, Abacaba, Amarelão, Andiroba, Aquariquara, Angelim, Babaçú, Buriti, Cacau, Castanha do Pará, Cedro, Copaíba, Cupuaçú, Faveiro, Frutão, Ingá, Inajá, Ipê, Itaúba, Jarana, Jatobá, Louro Rosa, Maçaranduba, Mogno, Muiracatiara, Piquiá, Pupunha, Sapucaia, Seringueira, Taperebá, Tatajuba e Tucumã.

RELEVO: Principais Linhas:

a) Planície de Inundação:

Caracterizada por relevo que não ultrapassa 200 metros. Área de várzea, inundada pelas cheias ao longo do curso do Rio Xingu e seus afluentes, ocasionadas no inverno. São vários aspectos incluídos no leito maior dos rios dessa planície: canais, furos, paranás, meandros, lagos e ilhas.

b) Terra Firme:

Planícies suavemente ondulada (com altitude no máximo de 100 metros).

c) Serras:

- Serra do Carajás: Localizada à sul da Área Apyterewa (no limite da Área interditada) e à sudeste.

- Serra São José: Localizada à sul.

- Serra Oeste: Localizada à Sudeste.



RECURSOS HUMANOS DA FUNAI NO PIN APYTEREWA

Nº	NOME	FUNÇÃO
01	GERSON DOS REIS CARVALHO	CHEFE DE POSTO
02	RAIMUNDO MAGALHÃES	AUXILIAR DE SERTANISTA (CH.DE POSTO SUBSTITUTO)
03	JOSÉ GOMES	AUXILIAR DE SERTANISTA
04	ALBERTINA PEREIRA	ENFERMEIRA



INFRA ESTRUTURA DO POSTO INDÍGENA APYTEREWA

Nº	ESPECIFICAÇÃO	MATERIAL
01	Alojamento: 03 quartos, 01 salão e 01 mesa.	Parede: Paxiuba(Açai) Teto: Palha de Babaçu Esteios:Maçaranduba e/ou intaúba e quariquara. Travessas: Condurú e/ou Amejur e camurum.
02	Casa da Enfermeira: 01 quarto, 01 sala de rádio e depósito de motores.	Parede: Paxiuba(Açai) Teto: Palha de Babaçu Esteios: mesmo anterior Travessas: mesmo anterior
03	Farmácia: 02 quartos: depósito de medicamentos e consultório; Enfermaria e 01 salão.	Parede: Paxiuba(Açai) Teto: Palha de Babaçu Esteios: mesmo anterior Travessas: mesmo anterior
04	Cozinha: fogão a lenha, armário, filtro e pia. Almoxarifado: depósito rancho Salão: mesa e banco	Parede: mesmo anterior Teto: mesmo anterior Esteios: mesmo anterior Travessas: mesmo anterior
05	Banheiro: 02 sanitários e um chuveiro com pia.	Parede: mesmo anterior Teto: cavaco Esteios: mesmo anterior Travessas: mesmo anterior
06	Fossa Biológica	



Nº	ESPECIFICAÇÃO	MATERIAL
07	Casa de Farinha: 01 prensa de massa para mandioca; esteiras, 02 fornos, 01 ralador(catitú), 01 motor Montgomer _y 3,5.	Parede: Paxiuba(Açaf) Teto: cavaco Esteios:Maçaranduba e/ou intaúba e quar _{quara} . Travessas: Conduru e/ou Amejúr, camurum.
08	Casa de Farinha:(em construção) Projeto: 02 fornos, 01 ralador, 01 motor, 01 prensa. Pedreiro: Sr. João Dias Pereira contratado pela ADRA como empreiteiro.	Parede: Tijolo Teto: Telha de barro Piso: cimento. Esteios: mesmo anter Travesas: mesmo ant.
09	Porto para armazenamento de Castanha.	Teto: Palha Parede e base: Ripa
10	01 horta	Cerca de madeira
11	01 galinheiro	Taipa: Palha, Ripa e Barro.
12	01 Viveiro de Jaboti e Tracajá	
13	Casa da bomba d'água (01 poço e 01 bomba a motor náutica) profundidade: 7.50m e Diam.2.50m	Casa: esteio com palha. Poço: cimento forrado com tábua.



Nº	ESPECIFICAÇÃO	MATERIAL
14	Casa de Força: 01 motor Diesel - Yamaha 9	Teto: Palha Parede: Paxiuba Piso: Cimento
15	02 Caixas d'água suspensa de 1.000 litros.	
16	01 Tanque	Cimento
17	02 Antenas	
18	02 Voadeiras 01 Barco com capacidade de 4 Ton.	
19	<u>03 Motores</u> : - 01 motor Jonhson 45HP - 01 motor Yamaha 6 HP Rabudo e - 01 motor MONTgomery 7 HP Rabudo	
20	04 Motoserras: - 02 Motos. (FUNAI) - 02 Motos. apreendidos do madeireiro Wilson Moreira Torres.	



RELAÇÃO INTERÉTNICA

. RELAÇÃO DOS PARAKANÃ COM OS REGIONAIS.

Antes do contato, o Grupo Parakanã quando se aproximavam dos moradores regionais, geralmente ocorria em função de necessitarem de algumas ferramentas, como faca, facão, machado, espingarda. Não estabeleciam uma relação hostil com àqueles, apenas se sentissem ameaçados. Segundo informações dos Parakanã, algumas vezes os regionais chegaram a formar grupos, que após localizarem suas aldeias antigas, enganavam-os, presenteando, enquanto outros homens escondidos, subitamente começavam a atirar.

O atual Chefe do PIN, recomenda aos Parakanã a não frequentarem as casas dos ribeirinhos, para que não corram o risco de adquirir doenças: catapora, caxumba, impinge, pano branco. Não obstante, frequentam quase diariamente a casa do Sr. Sebastião Cardoso, morador antigo da margem direita do Rio Xingu, com residência próxima à Foz do Igarapé Bom Jardim, quando as deslocam da aldeia até o Xingu para pescarem. A Comunidade Indígena mantém bom relacionamento com essa família.

. RELAÇÃO DOS PARAKANÃ COM O POSTO INDÍGENA.

O contato com o Grupo foi conseguido mediante brindes e presentes - machado, faca, facão, terçado. Não possuem uma idéia definida do que significa a Instituição FUNAI. Com relação ao Posto, esperam junto à esse, adquirir alguns objetos e ferramentas: painéis de alumínio, roupas, sandália, lanterna, linha de anzol, terçado, redes, mosquiteiros, etc. Exceto esse tipo de influência, isto é, a introdução de alguns objetos industrializados no cotidiano da Comunidade Indígena, culturalmente não observamos interferências no modos vivendi por parte dos funcionários do Posto.



RELAÇÃO DOS PARAKANÃ COM OUTROS GRUPOS INDÍGENAS QUE HABITAM OU HABITAVAM ESSA REGIÃO.

A) SUBGRUPO PARAKANÃ DA ALDEIA MARUDJEWARA - A.I. PARAKANÃ-(ADR MARABÁ)

Os dois Grupos Parakanã aldeizados na margem direita do Igarapé Bom Jardim já formaram um só grupo com o existente na Aldeia Marudjewara, até sua cisão, ocorrida provavelmente entre 1980-1981. Em 27 de janeiro de 1983, o grupo atualmente no Marudjewara foi contatado próximo às cabeceiras do Igarapé São Sebastião e posteriormente transferidos pela Frente de Atração da FUNAI para a aldeia acima mencionada.

Após a transferência do grupo da região do médio Xingu para a A.I. Parakanã, o relacionamento com os outros Grupos Parakanã (na época do contato do grupo do Marudjewara, os dois grupos do Igarapé Bom Jardim ainda não haviam se separado, limita-se atualmente à contatos esporádicos quando se comunicam através do rádio do Posto.

Há vários vínculos de parentesco entre esses três grupos. O índio Djuraroa contatado em janeiro de 1983, auxiliou a Equipe de Frente de Atração, como intérpretes no contato do Grupo Parakanã encontrado próximo à cabeceira do Rio Bacajá, em novembro de 1983. Djuraroa após o contato desse grupo optou por não retornar junto aos seus parentes aldeizados no Marudjewara, integrou-se ao Grupo recém-contatado, inclusive se casando e constituído família.

Em 26 de dezembro de 1987, foram transferidos quatro membros do grupo contatado em novembro de 1983, para a Aldeia Marudjewara: Idje'ia, Awariká, Toi'ia e Airoa, são irmãos, filhos de Kodzotxinga^u, que após o assassinato de seu irmão Tere'ima, expressaram ao Chefe do Posto, sua vontade de mudarem para a Aldeia do Marudjewara. A família de Kodzotxinga^u é procedente do Marudjewara. Seus filhos não partilhavam de boa convivência com a Comunidade Apyterewa do Igarapé Bom Jardim, principalmente Tere'ima, que comportava-se ameaçante e apelativo com outras pessoas. Além de seu comportamento, outro aspecto era o fato de Tere'ima ser amante de Kodzariwa^u, sendo ela casada com Motxiá, a Comunidade rejeitava que a mesma tivesse ido residir com Tere'ima. Ameaçava-



do de morte, algumas pessoas da aldeia esboçaram ao Chefe de Posto, que se o mesmo continuasse na aldeia, essa intenção seria cumprida e para evitá-la, a FUNAI devia retirá-lo de lá. Vários meses antes de sua morte, Tere'ima expressava querer morar junto ao Grupo no Ma rudjewara. Nesse interim, a Comunidade do Marudjewara, mediante a ADR de Marabá, havia sido consultada sobre a ida de Tere'ima, tendo o mesmo sido aceito. Porém, no dia 15 de dezembro de 1987, saíram para caçar, Aniwa, Txapocatoa, Awia, Tawarirá, combinados que durante a caçada flechariam Tere'ima. Idjéia e Toi'ia, presenciando o irmão numa cilada, esconderam-se e fugiram. Receosos desejaram sua transferência.

B) GRUPO INDÍGENA ASSURINI DA ÁREA INDÍGENA KOATINEMO.

Nos poucos confrontos que os Parakanã tiveram com os Assurini, foram bem sucedidos. Na época em que os Parakanã passaram a perambular na região da cabeceira do Rio Bacajá, Igarapé Bom Jardim e cabeceiras do Ipixuna; os Assurini se encontravam direcionados do médio Ipixuna para o Igarapé Ipiaçava. Em um dos conflitos com os Assurini, os Parakanã após matarem seus pais, roubaram-lhes a criança: Mikoa, atualmente com 22 anos, casada com Miriwa.

C) GRUPO INDÍGENA ARAWETÉ-IGARAPÉ IPIXUNA.

Foi o último grupo com quem os Parakanã mantiveram uma relação hostil. Subiam o Ipixuna para atacar os Araweté, às vezes com a finalidade de roubarem suas mulheres. Os Parakanã em seus ataques sempre se sobressaíam, devido à fragilidade bélica dos Araweté. No último ataque ocorrido em abril de 1983, sete meses antes de ser contatado o 1º Grupo (em novembro), os Parakanã flecham ferindo duas índias e uma criança Araweté. Em revanche, nessa mesma ocasião, os Araweté mataram um homem chamado Ata'a, e deixaram-o acéfalo.

Em outro ataque dos Parakanã nos Araweté, roubaram várias mulheres, permanecendo com vida apenas a índia Akwawadjira, que ca-



sou-se depois com Atowa.

Hoje os Araweté ainda sentem temor dos Parakanã pois esses chegaram a matar no passado recente, muitas pessoas de seu grupo. Os Parakanã, desde feito o contato, não se aproximaram mais da atual aldeia Araweté, com o objetivo de atacá-los.

D) GRUPO INDÍGENA XICRIN (SUBGRUPO KAYAPÓ) - A.I. BACAJÁ.

Os Parakanã não diferenciam os subgrupos Kayapó existentes. São inimigos mortais dos Kayapó. Os Xicrin da Área Indígena Bacajá, foi o grupo com o qual os Parakanã mais se defrontaram. Os Parakanã mais velhos contam que quando andavam na mata não buscavam nenhuma forma de relação com os Kayapó, evitavam-os; mas eram os Kayapó que saíam buscando-os através de suas picadas na mata.

Os Xicrim sempre ficavam em vantagem nos seus ataques, porque usavam espingarda enquanto os Parakanã se defendiam e atacavam com arco e flecha.

No ataque de 1977, nas proximidades da cabeceira do Igarapé Arroz Crú, os Xicrin pegaram os Parakanã de surpresa, matando dezesseis pessoas. Quatro Parakanã que sofreram o ataque dos Xicrin, conseguiram escapar e sobreviver: Karathia, Karamoa, Kinair e Pinatxinga.

Karathia e seu filho Karamoa fugindo perderam seus arcos e flechas. Tomaram um caminho diferente do grupo restante, se perdendo na mata. O ataque ocorreu num inverno, conseguiram encontrar novamente o grupo apenas no inverno seguinte, ou seja, cerca de um ano depois. Como não dispunham de nenhum instrumento: arco, flecha, facão ou machado, passaram todo esse tempo sem se alimentar, apenas bebendo água.

Kinair também se perdeu na mata ao correr dos Xicrin. Até reencontrar o caminho, já era o outro inverno. Porém como possuía um machado, alimentou-se nesse período com côco e palmito. Sua esposa e filhos foram capturados e levados para a aldeia Xicrin. A FUNAI entrou num acordo com os índios, para liberá-los. Tendo sido levados



para a Aldeia Marudjewara.

Pinatinga conseguiu escapar, mesmo ferido com algumas balas no corpo.



HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO RECENTE POR FRENTES DE EXPANSÃO NA REGIÃO DA
ÁREA INDÍGENA APYTEREWA.

Em 1979, teve início um garimpo, próximo às nascentes do Rio Bacajá, à margem esquerda, conhecido regionalmente como Garimpo do Joel. Seu primeiro dono chamava-se Joel Pinto.

Foi construída uma pista de pouso, pois o acesso fluvial próximo às nascentes do Rio Bacajá é impraticável principalmente no verão. Da pista de pouso do Garimpo do Mucuim (situado no Igarapé Teimoso) até o Garimpo do Joel levava 5 min. de voo.

Em 1983, 200 pessoas estavam trabalhando nesse Garimpo. Havia alguma infra-estrutura, como cantina e alojamento que servia como moradia para os garimpeiros. A extração do ouro era realizada mediante um processo manual. Quando o minério exauriu, em 1983, paralisaram essas atividades, e conseqüentemente todos garimpeiros se retiraram.

O Garimpo do Teimoso ou Mucuim, localizou-se às cabeceiras do Igarapé Teimoso ou Igarapé Bom Jardim II, afluente da margem esquerda do Igarapé Bom Jardim. A exploração do ouro teve início em 1982 e conclusão em 1984. A primeira pessoa a penetrar a extrair ouro na área próxima ao Igarapé Teimoso foi um morador da margem esquerda do Rio Xingu, em 1974, junto com três pessoas, por um período de três meses. Extraíram cerca de 300 gramas de ouro. Pararam com a atividade porque o resultado obtido não compensou o trabalho. Apenas em 1982, que um morador do Rio Xingu, Sr. Eloi Viana da Silva,** pesquisando em outro local desse Igarapé, encontrou uma pequena mina aurífera de 200 mil m².

** Sr. Elói Viana da Silva, cunhado do Sr. Sebastião Cardoso de Lima (Sabá), morador antigo da margem direita do Rio Xingu, com residência próxima à Foz do Igarapé Bom Jardim.



Em sociedade com um seringalista, Sr. José Nunes da Silva,** deram início ao Garimpo. No processo de extração, utilizavam duas chupadeiras. Nessa ocasião construíram uma Pista de Pouso à margem direita do Rio Xingu - próxima à Foz do Igarapé Bom Jardim (atualmente usada pelo Posto Apyterewa) e outra Pista no Igarapé Teimoso - próximo ao acampamento do Garimpo. O acampamento desse Garimpo compunha-se de cantina e casas. Cerca de 200 pessoas procedentes do Rio Xingu, Tucumã e Altamira garimpavam no Teimoso até 1984, quando terminou o ouro.

Em maio de 1983, os Parakanã estiveram no acampamento desse garimpo, quando armados com arco e flecha levaram espingarda, terçado, redes, mosquiteiros, farinha. Os Garimpeiros comunicaram a Ajudância da FUNAI em Altamira, tendo dessa posteriormente se deslocado uma equipe frente de Atração para então tentar contatar os Parakanã.

** Sr. José Nunes da Silva, atravessador que há onze anos monopoliza quase toda compra de borracha da maioria dos moradores seringueiros do Rio Xingu nessa região.

Mineração Taboca

Empresa de mineração de cassiterita, uma das principais do Grupo Paranapanema. Possui alvará de lavra do DNPM. A mina começou a operar em 1980. Possui uma grande infra-estrutura: pista de pouso, acampamento, cantina, hospital, escola, comércio, energia a motor. Localiza-se junto ao Igarapé São Raimundo, afluente da margem esquerda do Igarapé São Sebastião, portanto fora da A.I. Apyterewa em proposta para delimitação. Da margem direita do Rio Xingu, há uma estrada até o acampamento da taboca de 35 Km aproximados.



Os Moradores Ribeirinhos da margem direita e esquerda do Rio Xingu, na faixa entre os Igarapés Bom Jardim e o São Sebastião, constituem-se de famílias que se sustentam basicamente com roças de subsistência, pesca e da coleta da seringa. Algumas famílias chegaram à essa área do Rio Xingu há 35 anos atrás. Os moradores ribeirinhos e os gateiros foram um dos ocupantes não índios mais antigos da área. Por ser uma área de acesso quase que exclusivamente fluvial, essa região manteve-se até o presente relativamente ocupada por poucos.

À margem esquerda do Rio Xingu, no mesmo trecho, a única vila existente denomina-se São Sebastião. Essa dista duas horas de voadeira do Igarapé São Sebastião. A história do início da vila data de 1917. Atualmente composta de nove casas e uma população aproximada de 60 pessoas e 10 famílias. A escola existente há nove anos, no momento não possui professora. O ramo principal de trabalho dos moradores da vila é a extração de seringa. As seringueiras exploradas localizam-se nas terras à margem esquerda e direita do Rio Xingu. As famílias vendem a borracha para um morador da vila, Sr. Leonídeo Marques Filho, que por sua vez revende para o Sr. Tadeu Bitar, proprietário da Firma "S.A. Bitar Irmãos", que possui representação na Cidade de Belém. Sr. Tadeu é o proprietário titular das terras circunvizinhas à Vila São Sebastião, com uma área de 39.486,92 ha. de extensão.

Nessa faixa do Xingu, a expansão de ocupações, tem avançado principalmente a partir das cidades de São Felix do Xingu e Tucumã. Ambas ligadas pela PA-279, pode-se encontrar-se ao longo de seu trajeto povoados, fazendas, exploração por madeireiras e algumas glebas já discriminadas pelo MIRAD. Verifica-se também a existência de uma estrada que liga o acampamento da Taboca Mineração à Cidade de São Felix do Xingu.

Há um projeto do DNER para construção de uma estrada de grande extensão, PA-158, cujo percurso passa no limite Oeste da A.I. Cateté, no centro da AI Bacajá e no lado Este da AI Apyterewa de delimitada.

LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

O Levantamento Cartorial realizado no Cartório Moreira de Registro de Imóveis, demonstrou a ausência de qualquer propriedade particular incidentes nas terras da Área Indígena Apyterewa Interditada. Apresentamos, em anexo, a Certidão negativa do Cartório. A Certidão com informações acerca de possíveis propriedades no restante das terras no momento incluídas para delimitação, poderá ser fornecida pelo Cartório quando acompanhada do seu novo mapa e respectivo memorial descritivo. O levantamento cartorial referente à Área Apyterewa delimitada será providenciado consecutivamente após a conclusão desse relatório.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL- DNPM

Conforme informações fornecidas pelo DNPM a respeito de Requerimentos de pesquisa, Autorizações para pesquisa e Concessões de lavra dentro da A.I. Apyterewa delimitada, apresentamos abaixo o resumo da relação das Empresas interessadas:

1) Requerimentos de Pesquisa:Grupo CVRD - Empresas:

- Mineração Capoeirana Ltda.
- Walter Scoot Ranieri
- Mineração Mapúena Ltda.
- Mineração Jarauçú Ltda.
- Mineração Jatapu Ltda.
- Mineração Guariba Ltda.
- Mineração Itapi Ltda.
- Empresa de Mineração Curuá Ltda.
- Mineração Mamocore Ltda.



Grupo PARANAPANEMA - Empresas:

- Matapi Exploração Ltda.
- Timbó-Indústria de Mineração Ltda.
- Acari-Indústria de Mineração Ltda.
- Rio Negro Mineração Comércio Ltda.

Grupo SOPEMI - Empresa:

- Engescano Mineração Ltda.

Grupo Norte do Brasil - Empresa:

- Mineração Aurífera Ltda.

Substâncias - Mineração de Zinco, Estanho, Ouro, Tântalo, Prata, Berílio, Cobre, Manganês, Chumbo.

2) Alvarás de Pesquisa:

Grupo CVRD - Empresas:

- Mineração Itacaiunas Ltda.
- ICONAV Indústria e Comércio Navegação Pinto.
- Mineração Santarém Ltda.

Grupo PARANAPANEMA - Empresas:

- Canoas Mineração Comércio Ltda.
- Mineração Velho Guilherme Ltda.
- Japura Indústria de Mineração Ltda.

Grupo Norte do Brasil - Empresas:

- Mineração Norte do Brasil Ltda.
- Mineração Lemúria Ltda.
- Sistema Mineração Ltda.



Substâncias: Ouro, Estanho, Cobre, Cassiterita, Titânio Zircônia, Zinco, Tantalita, Ilmenita, Berilo.

3) Concessão de Lavra:

Grupo CVRD - Empresa:

- CIA. VALE DO RIO DOCE

Substância: Cassiterita

Somam 16 Empresas com Requerimento para Pesquisa, 9 Empresas com Alvará para Pesquisa e 01 Empresa com concessão de Lavra.

A Mineração Taboca é ainda a única Empresa em atividades nessa Região. Porém localiza-se no Igarapé São Raimundo, afluente da Margem Esquerda do Igarapé São Sebastião, portanto fora dos limites da A.I. Apyterewa Delimitada.

Outra Empresa subsidiária da Paranapanema com alvará do DNPM, esteve de 1986 até início de 1987, realizando uma pesquisa no solo entre o Igarapé Bom Jardim e o São Sebastião. A área pesquisada ficou marcada por picadas e ramais. A equipe liderada pelo geólogo, Sr. Luis Fernando chegou a pesquisar 30 Kms distante do Posto Indígena. Suas atividades restringiram-se à pesquisa.

No 5º Distrito do DNPM, com sede em Belém-Pa., os requerimentos à esse Órgão encaminhados para requerimento da pesquisa e/ou lavra, passam por uma triagem, sendo analisados na Seção de Fomento, onde é verificado se as áreas interessadas pelas Empresas incidem em Áreas Indígenas. No caso da A.I. Apyterewa, o DNPM tem tomado como referência a Área de Interdição. Na relação e overlay fornecidas pelo DNPM (anexados nesse Relatório), verificamos já haverem muitas Empresas interessadas em pesquisa e lavra nas terras que estropolam à referida Área Indígena interdita. Consideramos portanto, a urgência do encaminhamento e aprovação da área delimitada, a fim de que com respaldo jurídico sejam vetadas esses pedidos de mineração dentro do território indígena Apyterewa.



MIRAD - Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário.

Segundo informações solicitadas ao MIRAD, Projeto Fundiário de Altamira e Delegacia Regional de Belém, relacionamos abaixo os Projetos de Colonização abrangentes nas terras da A.I. Apyterewa delimitada:

. Gleba Diamantina:

- Extensão: 224.606 ha.
- Localização Geográfica: Abrange as terras situada entre a margem esquerda do Rio Bacajá - com limite Sul próximo às cabeceiras desse Rio, e limite Norte no Rio Branco de Cima - afluente da margem esquerda do Rio Bacajá.
- Matrícula: 5.270
- Municípios: Altamira e Senador José Porfírio - Pará.
- Jurisdição: Sob jurisdição do extinto GETAT, hoje MIRAD, com representação em Marabá.
- Situação: Gleba arrecadada e matriculada em nome da União, porém não discriminada.

. Incidência na A.I. Apyterewa delimitada:

A Gleba Diamantina incide cerca de 90% à Norte da Área Indígena, ou seja, quase a totalidade de sua área. Abrange uma pequena parte no limite Este da A.I. Araweté.

. Gleba Primavera:

- Extensão: 186.542 ha.
- Localização geográfica: Margem direita do Rio Bacajá até sua confluência com o Igarapé Águas Claras ou Lontra (em sentido montante).

Matrícula: 5.271



- Municípios: Altamira e Marabá-Pará.

- Jurisdição: Sob jurisdição do extinto GETAT- Grupo Executivo de Terras Araguaia Tocantins, hoje MIRAD, com representação em Marabá.

Situação: Gleba arrecadada e matriculada em nome da União, porém não discriminada.

. Incidência na A.I. Apyterewa Delimitada:

Inclui-se totalmente à Nordeste dessa Área Indígena.

. Gleba Serra Oeste:

- Extensão: 186.542 ha.

- Localização Geográfica: Situada nas imediações das nascentes do Igarapé Águas Claras(ou Lontra) e do Igarapé São Sebastião (ou São José - denominação RADAM).

- Município: São Félix do Xingú - Pará.

- Jurisdição: Sob jurisdição do extinto GETAT, hoje MIRAD com representação no Projeto Fundiário de Conceição do Araguaia-Pa.

- Situação: Gleba arrecadada e matriculada em nome da União, porém ainda não discriminada.

. Incidência na A.I. Apyterewa Delimitada:

inclui-se 5% dentro dessa A.Indígena à Sudeste.

. Gleba São José:

- Extensão: 276.283 ha.

- Localização Geográfica: Situada entre a margem direita e esquerda do Igarapé São Sebastião(ou São José - RADAM).

- Município: São Félix do Xingú - Pará.

- Jurisdição: Sob jurisdição do extinto GETAT, hoje MIRAD, com representação no Projeto Fundiário de Conceição do Araguaia.



- Situação: Gleba arrecadada e matriculada em nome da União, porém não discriminada.

. Incidência na A.I. Apyterewa Delimitada:

Essa Gleba inclui-se cerca de 70% na Área Indígena.

. Gleba São José:

- Extensão: 514.240 ha.

- Localização Geográfica: Situada entre a Serra dos Carajás, Igarapé Bom Jardim e Rio Bacajá.

- Município: Altamira-Pará.

- Jurisdição: Gleba sob jurisdição do Projeto Fundiário de Altamira.

- Situação: Terra devoluta, não foi arrecadada e discriminada.

. Incidência na A.I. Apyterewa Delimitada:

Incluída 80% nessa A.Indígena.

Observação: Encontra-se anexado ao Relatório Mapa fornecido pelo MIRAD, constando plotadas as Glebas acima mencionadas.

ITERPA - INSTITUTO DE TERRAS DO PARÁ:

Segue abaixo uma relação dos Processos do ITERPA(Belém - Seção do Cadastro), referentes à Regularização de Posse, mediante pedido de compra ou legitimação, incluídos nos limites da Área Indígena Apyterewa Delimitada:

- Igarapé Bom Jardim - Margem Esquerda:

. Processo 03635/75

. Processo 4237/74

- Entre Igarapé Bom Jardim e São Sebastião - À Oeste:

. Processo 4234/74

. Processo 2924/74

Processo 2751/75

Processo 4236/74 (pedido de compra - cancelado)



- Igarapé São Sebastião - Margem Direita:

- | Processo 3614/74
- | Processo 03725/75
- | Processo 3613/74
- | Processo 03724/75
- | Processo 03049/75
- | Processo 3555/74(cancelado)
- | Processo 2321/75
- | Processo , 1912/74 (cancelado)
- . Processo 0941/74(pedido de compra - cancelado)
- | Processo 2322/75
- | Processo 1911/74 (pedido de compra - cancelado)
- . Processo 0940/74 (pedido de compra - cancelado)
- | Processo 2320/75
- | Processo 1910/74 (pedido de compra - cancelado)
- | Processo 1920/74
- | Processo 02343/75
- | Processo 8981/74
- | Processo 2284/75(cancelado)
- | Processo 1919/74
- | Processo 02316/75 (cancelado)
- | Processo 979/74
- | Processo 02282/75(cancelado)
- | Processo 1918/74 .
- | Processo 02328/75 (cancelado)
- | Processo 2283/75
- | Processo 0980/74 (cancelado)
- | Processo 1917/74
- | Processo 02327/75
- | Processo 0982/74
- | Processo 2285/74 (cancelado)
- . Processo 0940/74 (cancelado)
- . Processo 0945/75



FUNAI

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

92.

-Igarapé São Sebastião - Margem direita - À Sudeste:

- . Processo 8126/74
02600/75
- . Processo 03284/75
- . Processo 03286/75

Após o Decreto nº 2375/87 que revogou o Decreto 1164/71, ficou indefinido os limites das terras que pertencem ao Estado (ITERPA) e ao Governo Federal (MIRAD).

- MORADORES RIBEIRINHOS:

No Rio Xingu, especificamente no perímetro entre o Igarapé Bom Jardim e o Igarapé São Sebastião, à Oeste da Área Indígena Apytere_w delimitada, existem apenas 05 famílias à margem direita, com residências e cultura permanente, e 03 famílias com residência à margem esquerda e cultura permanente à margem direita. Foram aplicados Laudos de Vistoria e Avaliação de Benfeitoria para essas 08 famílias. Embora mais 05 famílias residam à margem esquerda do Rio Xingu e possuam roça de subsistência na margem direita, limite da Área Apytere_w, para fins de indenização a FUNAI considera apenas os moradores que possuem roça de cultura permanente. Apresentamos uma relação das 13 famílias que cultivam roça de subsistência e/ou cultura permanente no trecho mencionado e o Mapa demonstrativo de localização.

Outrossim, cabe lembrar que todas as famílias com as quais conversamos, eram cientes que as terras situadas entre o Igarapé Bom Jardim e São Sebastião é uma área historicamente ocupada por índios. Com a instalação do Posto Indígena Apytere_w e a ocupação mais permanente dos Parakanã nessa área, esses moradores expressaram que não desejavam aumentar sua ocupação nas terras da margem direita do Rio Xingu.

PROPRIEDADES À SUDESTE DA A.I. APYTEREWA DELIMITADA:

1) Propriedade da Exportadora Perachi Ltda.

- Área: 693,5 ha aprox.



- Perímetro: 10.730,2 metros

. Fazenda com área de pasto, gado, pista de pouso e outras benfeitorias. (no mapa B₁, dentro da Área delimitada)

2) Propriedade da Exportadora Perachi Ltda:

- Área: 115,7 ha. aproximadamente

- Perímetro: 4.235,1 metros

. Área de acampamento de extração de madeira, com pista de pouso.

(No mapa B₂, dentro da Área delimitada)

3) Propriedade da MAGINCO - Madeireira Araguaia S/A Indústria, Comércio e Agropecuária:

- Área: 974,3 ha. aprox.

- Perímetro: 13.847,3 metros.

. Fazenda com área de pasto, gado, pista de pouso e outras benfeitorias.

(No mapa C₁, dentro da Área delimitada).

4) Propriedade da BANACH:

- Área: 2.250,9 ha. aprox.

- Perímetro: 43.278,2 metros.

(No mapa D₁, dentro da área delimitada, à margem direita do Igarapé São Sebastião).

5) Propriedade do INPA:

- Área: 1.616,3 ha. aprox.

- Perímetro: 26.136,9 metros

(No mapa E₁, dentro da área delimitada, no limite da linha seca, próximo ao Igarapé São Sebastião).

Total da Área das propriedades: 5.650,7 ha.



ÁREAS NÃO IDENTIFICADAS COMO PROPRIEDADES:

1) Área: 74.0 ha. aprox.

Perímetro: 3.360,4 metros

. área com pista de pouso.

(No mapa F₁, dentro da área delimitada)

2) Área: 11,66 ha. aprox.

Perímetro: 1.495,6 metros

. área com pista de pouso

(No mapa F₂, dentro da área delimitada)

3) Área: 245,7 ha. aprox.

Perímetro: 6.919,2 metros

(No mapa F₃, dentro da área delimitada)

4) Área: 77,1 ha. aprox.

Perímetro: 3.389,3 metros

. área com pista de pouso

(No mapa F₄, dentro da área delimitada)

5) Área: 17,36 ha. aprox.

Perímetro: 1.736,06 metros

(No mapa F.5.0, dentro da área delimitada)

6) Área: 26,46 ha. aprox.

Perímetro: 2.072,63 metros

(No mapa F.5.1, dentro da área delimitada)

7) Área: 41.56 ha. aprox.

Perímetro: 3.376,4 metros

(No mapa F.5.2, dentro da área delimitada)



8) Área: 406,93 ha. aprox.

Perímetro: 13.393,7 metros

. Área com pista de pouso.

(No mapa F.5.3, dentro da área delimitada)

Total: 900,77 ha.

Não foram incluídas como propriedades os acampamentos da Perachi e Maginco, que estão situados na área de interdição Apyterewa, pelo motivo de terem sido caracterizados como invasão, conforme explicitado na Portaria PP Nº 69 de 24.02.1989:

"Considerando o que preceitua o Artigo 231,86º da Constituição Federal, segundo o qual os atos que tenham por objeto a ocupação, o domínio e a posse de terras indígenas são nulos e extintos, não gerando direitos a indenização ou a ações contra a União, salvo na forma da lei, quanto às benfeitorias derivadas da ocupação de boa-fé;

V- O pedido de indenização será indeferido, em qualquer fase do processo, quando ficar evidenciada a existência de má fé, se ocorrentes, entre outras, quaisquer das seguintes situações:

- e. Quando o possuidor sabia ou podia saber que se tratava de terra indígena e, ainda assim, apossou-se dela;
- i. Quando ciente de qualquer modo da irregularidade de sua ocupação, o possuidor prosseguiu na turbação ou esbulho da terra indígena".

As informações sobre as propriedades (extensão, pistas de pouso e estradas), descritas foram adquiridas mediante interpretação de um mapa Foto Satélite, imagem de 04 de julho de 1988. Para as propriedades da Perachi, apresentamos anexado documentos referentes às certidões de Registro de Imóveis expedida pelo Cartório Moreira, da Comarca de Altamira; Título Definitivo de Venda de Terra do ITERPA; Memorial Descritivo; Imposto Territorial Rural e autorização do IBDF para explorar madeira.

Da Maginco segue 06 ITR'S - Imposto Sobre a Propriedade Territorial Rural, autorização de desmate do IBDF.

**FUNAI**

Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

96.

Nos Títulos Definitivos e nas Certidões de Registros de Imóveis da Perachi, há uma localização do imóvel imprecisa quanto às coordenadas geográficas, pois não menciona a latitude e longitude do mesmo. A única referência de localização geográfica o situa à margem direita do Rio Pacajá, sendo esse um afluente do Rio Pará, tributário do Tocantins. O Rio Pacajá encontra-se entre as Áreas Indígenas Bacajá e Parakanã. Desse modo, a atual área ocupada e explorada pela Perachi, situada na região do Bacajá, deveria de fato localizar-se nas terras do Rio Pacajá.

Devido ao tempo reduzido que a equipe teve para execução dos trabalhos de campo, assim como dificuldades de acesso na área à Sudeste, os Laudos de Vistoria e Avaliação de Benfeitorias foram aplicados somente aos moradores do Rio Xingu. Além disso, muitas informações concernente a existência e localização das propriedades à Sudeste da área delimitada foram confirmadas posteriormente aos trabalhos em campo, mediante a obtenção do mapa foto-satélite. Portanto, sugerimos que levantamento "in loco" e a aplicação de laudos seja programado o mais breve possível, a fim de que essas informações sejam complementadas.



RELAÇÃO DOS MORADORES RIBEIRINHOS QUE RESIDEM E/OU POSSUEM ROÇA À MARGEM DIREITA DO RIO XINGU, NAS TERRAS ENTRE IGARAPÉ BOM JARDIM E SÃO SEBASTIÃO - INCLUIDAS NA PROPOSTA DE DELIMITAÇÃO PARA A ÁREA INDÍGENA APYTEREWA:

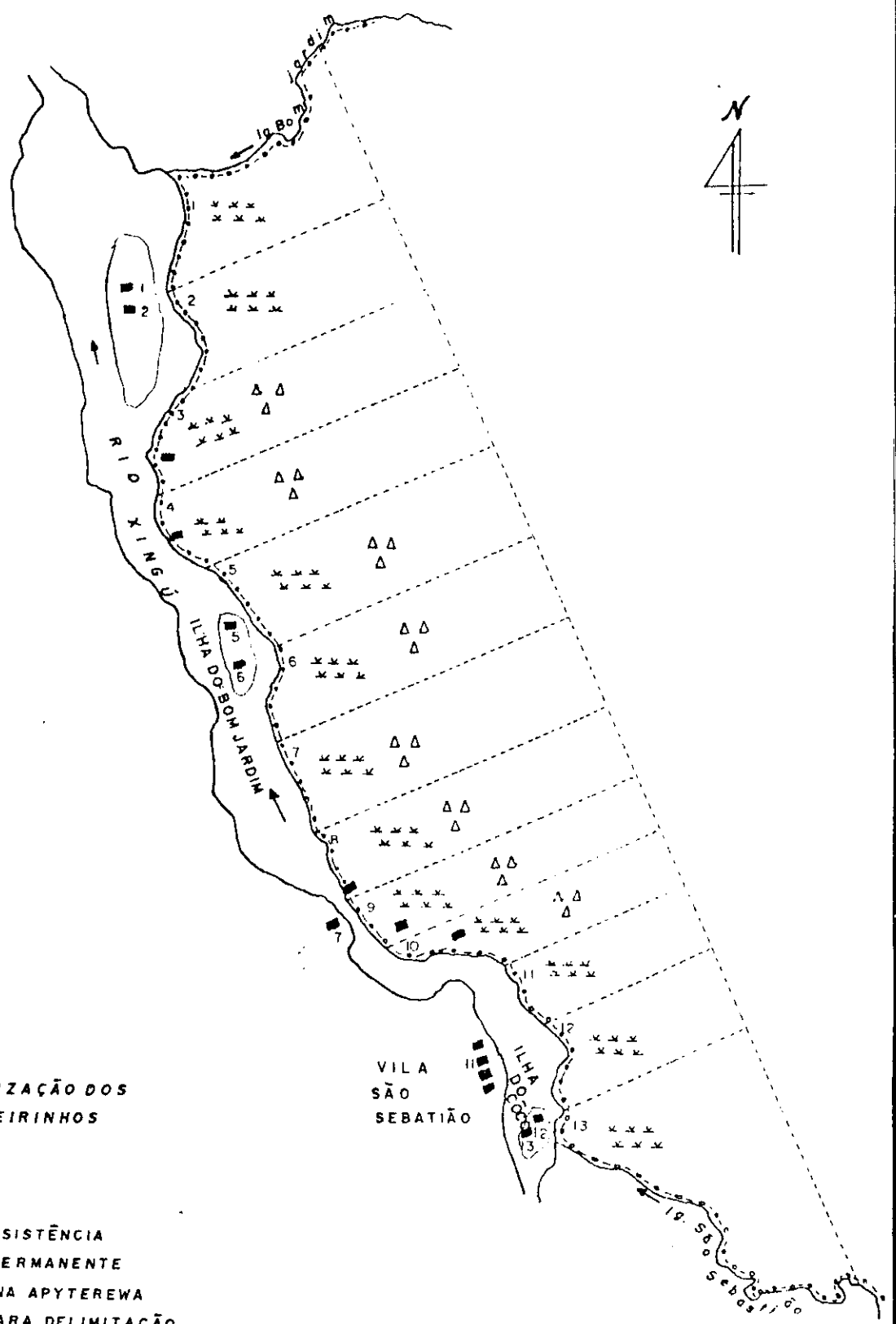
Nº	NOME	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICA DA OCUPAÇÃO
01	.ROQUE PAIXÃO DOS SANTOS.	. Residência numa ilha à m/E do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência dentro da Área Indígena.
02	.PAULO BRASIL DOS SANTOS.	. Residência numa ilha à m/E do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência dentro da Área Indígena.
03	.PEDRO BRASIL DOS SANTOS. **	. Residência à m/D do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência e <u>cultura permanente</u> dentro da Área Indígena.
04	.NAPOLEÃO BARBOSA BRASIL DOS SANTOS FEITOSA.**	. Residência à m/D do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência e <u>cultura permanente</u> dentro da Área Indígena.
05	.FRANCISCO BARBOSA BRASIL DOS SANTOS **	. Residência na ilha do Bom Jardim - m/E do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência e <u>cultura permanente</u> dentro da Área Indígena.
06	.MARIA BRASIL DOS SANTOS **	. Residência na ilha do Bom Jardim - m/E do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência e <u>cultura permanente</u> dentro da Área Indígena.



Nº	NOME	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICA DA OCUPAÇÃO.
07	. ANASTÁCIO DA SILVA DE LIMA.**	. Residência à m/E do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência e <u>cultura permanente</u> dentro da Área Indígena.
08	. RAIMUNDO CLEMENTINO SOBRINHO. **	. Residência à m/D do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência e <u>cultura permanente</u> dentro da Área Indígena.
09	. MARIA JACINTA DOS SANTOS. **	. Residência à m/D do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência e <u>cultura permanente</u> dentro da Área Indígena.
10	. MANOEL FERREIRA ORIS**	. Residência à m/D do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência e <u>cultura permanente</u> dentro da Área Indígena.
11	. LEONÍDEO MARQUES FILHO.	. Residência na Vila São Sebastião, à m/E do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência dentro da Área Indígena.
12	. PEDRO PENCA	. Residência na Ilha do Côco, à m/E do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência dentro da Área Indígena.
13	. FRANCISCO VIEIRA	. Residência na Ilha do Côco, à m/E do Rio Xingu.	. Roça de Subsistência dentro da Área Indígena.

Nº	NOME DO IMÓVEL	ÁREA TOTAL(Ha.)	ANOS DE OCUPAÇÃO	MUNICÍPIO	ESTADO	TOTAL DE PESSOAS RESID. IMÓVEL	CADASTRADO NO INCRA
01	SEM DENOMINAÇÃO	-	-	ALTAMIRA	PA.	-	NÃO
02	SEM DENOMINAÇÃO	-	-	ALTAMIRA	PA.	-	NÃO
03	SÍTIO BEIRA RIO	100	08	ALTAMIRA	PA.	09	NÃO
04	SÍTIO GOLOZEIRA	100	03	ALTAMIRA	PA.	01	NÃO
05	SEM DENOMINAÇÃO	100	11	ALTAMIRA	PA.	0	NÃO
06	SEM DENOMINAÇÃO	100	30	ALTAMIRA	PA.	0	NÃO
07	SÍTIO MORRO DA BOA SORTE	200	09	ALTAMIRA	PA.	0	NÃO
08	SÍTIO SÃO JOSÉ	100	34	S.F.XINGU	PA.	01	NÃO
09	PUXADA NOVA	100	16	S.F.XINGU	PA.	05	NÃO
10	SÍTIO BANDEIRA	100	03	S.F.XINGU	PA.	-	NÃO

Nº	NOME DO IMÓVEL	ÁREA TOTAL (Ha.)	ANOS DE OCUPAÇÃO	MUNICÍPIO	ESTADO	TOTAL DE PESSOAS RESIDENTES NO IMÓV.	CADASTRADO NO INCRA
11	-	-	-	S.F.XINGU	PA.	-	NÃO
12	-	-	-	S.F.XINGU	PA.	-	NÃO
13	-	-	-	S.F.XINGU	PA.	-	NÃO



MAPA COM LOCALIZAÇÃO DOS MORADORES RIBEIRINHOS

LEGENDA

- RESIDÊNCIA
- xxx ROÇA DE SUBSISTÊNCIA
- △△ CULTURA PERMANENTE
- - - ÁREA INDIGENA APYTEREWA PROPOSTA PARA DELIMITAÇÃO

MAPA DEMONSTRATIVO

	—	—	—	
—	—	—	—	PRANCHA

INVASÃO DAS MADEREIRAS EXPORTADORA PERACHI LTDA E
MADEREIRA ARAGUAIA S/A INDÚSTRIA COMÉRCIO E AGROPECUÁRIA.

A invasão das madeiras na Área Apyterewa foi tomada conhecimento pelo atual Chefe do Posto, Sr. Gerson dos Reis Carvalho, quando no início de março de 1988 foi informado por um morador antigo da foz do Igarapé Bom Jardim, Sr. Sebastião Cardoso, da existência de uma pessoa conhecida como Pé-de-Cobra explorando e retirando madeira dentro dessa Área Indígena, no Igarapé Teimoso. Com base nessa informação, a ADRA tentou requisitar os serviços da Polícia Militar, porém sem sucesso, pois a 4ª SUER, respondeu que a mesma não dispunha de recursos para essa finalidade. Sobrando então como alternativa contar com o pessoal disponível do Posto, para verificar a existência de invasão. No dia 20 de abril de 1988, se deslocaram do Posto ao Igarapé Teimoso, com esse objetivo, os servidores Sr. José Gomes, Sr. Henrique Estevan com 16 índios Parakanã. Confirmaram a exploração e extração de madeira no Igarapé Teimoso, dentro da A.I. interditada, onde encontraram uma pista de pouso conhecida por Santo Antônio e 35 homens trabalhando para o Sr. Wilson Moreira Torres, comerciante da cidade de Tucumã-PA.

Os Parakanã recolheram algumas armas desses trabalhadores, duas motosserras e levaram para o PIN, dois trabalhadores. Nessa ocasião, os funcionários do PIN foram informados que havia madeira sendo extraída do Igarapé Ipixuna, localizado dentro da A.I. Araweté.

Em 26/04/88, o Sr. Wilson Moreira Torres foi a Altamira a fim de liberar seus dois funcionários. Em troca, ele levou cerca de 100 redes para os índios.

Como a notícia de que as A.I. Apyterewa e Araweté estariam sendo invadidas por madeiras vazou nos jornais de Belém, os Srs. Idacir Perachi e Darci Remor, respectivamente sócio da Exportadora Perachi e gerente administrativo da Madeira Araguaia S/A Maginco, foram a Altamira para comunicar a ADRA o fato deles estarem retirando, por desconhecimento, madeiras nestas terras indígenas. Pretendiam verificar mapas e saber os reais limites das AIs.



No dia 24/05/88, estes senhores juntamente com o Superintendente da 4ª SUER/FUNAI, Salomão Santos, retornaram a ADRA para explicar que as madeiras já tinham, até aquele momento, retirado muita madeira de prováveis locais situados nas AIs, e que estava estocada na pista "Teimoso".

Na ocasião, os madeiros propuseram a indenização da madeira que tinha sido retirada da A.I. Para isto, a FUNAI deveria medir a madeira a definir os limites reais destas áreas. A ADRA, por sua vez, propôs que eles custeassem as despesas para a delimitação da AI Apyterewa assim como as despesas da equipe que iria medir a madeira derrubada. Os custos, posteriormente seriam abatidos do valor total que seria pago pela madeira extraída. Os madeiros concordaram com esta proposta.

A 4ª SUER solicitou a Brasília autorização para executar o trabalho de delimitação e no dia 28/06/88 foi assinada a PORT.PP nº 0720 designando o GT que delimitaria a AI Apyterewa, depois retificado os nomes na Portaria PP nº 0769 de 12/07/88.

O grupo que mediu a madeira, realizou este trabalho no período de 21/07/88 a 25/09/88. O relatório desta equipe foi apresentado à ADRA no dia 11/10/88. Segundo os Srs. Idacir Perachi e Darci Remor, desde a saída do grupo que mediu a madeira, eles haviam abandonado seus serviços próximos das AIs. Apyterewa e Araweté, mas continuaram próximos do rio Branco de Cima (na Área que a FUNAI pretende como AI Xingu/Bacajá).

No início de novembro, o administrador da ADRA foi até Tucumã, para lá participar de uma reunião com os Kayapó do PIII Gorotire. Durante a viagem passou pelas pistas Teimoso, Pretensão e Santo Antônio e constatou que todas estavam abandonadas e que não havia nem máquinas, nem homens trabalhando nas AIs. Araweté e Apyterewa interditas.

No dia 11/11/88 foi realizada a reunião entre a ADRA e a 4ª SUER e os madeiros para definir o pagamento às comunidades indígenas à título de indenização pela madeira retirada ilegalmente de suas áreas. O pagamento deveria ser em OTN, descontado os gastos feitos pelas empresas com a delimitação da A.I. Apyterewa e a medição da ma-



deira.

Os critérios exigidos pela Portaria PP nº 1.263 de 01.08.88, que normatiza as providências a serem tomadas quando da apreensão de bens pertencentes ao Patrimônio Indígena, não puderam ser considerados, pois o acordo feito entre a ADRA/4ªSUER e as madeiras Perachi e Maginco foi efetuado antes da expedição desta Portaria, isto é em maio de 1988.

Outro fator diz respeito a Portaria PP nº 3.632 de 06.11.87. de interdição que não determina com precisão o limite Este da AI Apyterewa. Na época soube-se com certeza de que apenas as madeiras retiradas da pista Santo Antônio estava dentro desta área; e da pista Pretensão dentro da A.I. Araweté.

As Empresas Maginco e Perachi exploram mogno na região das cabeceiras do Rio Bacajá e afluentes desde 1986. Para isto, abriram uma estrada com aproximadamente 240 Km partindo da cidade de Tucumã-PA, além de várias pistas de pouso e ramais.

Durante os trabalhos de Delimitação e da medição da madeira tornou-se difícil localizar geograficamente com precisão as Pistas de pouso e os ramais da estrada construída pelas Madeiras Perachi e Maginco.

Com o mapa foto-satélite adquirido do INPE-Instituto de Pesquisas Espaciais, imagem de 04 de julho de 1988, podemos visualizar a exata localização dos acampamentos dos madeireiros. Antes dessas informações, calculamos que alguns dos acampamentos localizavam-se fora da A.I. Apyterewa interditada e dentro do corredor da proposta de A.I. Xingu-Bacajá.

Dessa forma, baseando-se em informações mais seguras do Mapa Foto-Satélite, apresentamos a relação das pistas de pouso e ramais das madeiras Perachi e Maginco que demonstram os locais de onde foi extraído madeira:

.PISTA SANTO ANTÔNIO (C)- Localizada à margem esquerda do Igarapé Bom Jardim. É o local do acampamento do madeireiro Wilson Moreira Torres. Dentro da A.I. Apyterewa interditada.

.PISTA PRETENSÃO (D)- Localizada no médio curso do Igarapé Ipixuna. Dentro da A.I. Araweté. Pertence à Madeira Perachi.



- . PISTA TEIMOSO (E) - Localizada à margem esquerda do Igarapé Bom Jardim. Dentro da A.I. Apyterewa interdita. É o local do acampamento principal da Perachi.
- . PISTA TEIMOSO (F) - Localizada à margem esquerda do Igarapé Bom Jardim. Dentro da A.I. Apyterewa interdita. Pertence à Perachi.
- . PISTA RESSACA (G) - Localizada distante 12 Km aproximadamente das cabeceiras do Igarapé Arroz Crú. Construída pela Maginco. Dentro da proposta da A.I. Xingu-Bacajá. Continuam explorando e retirando madeira dessa área.
- . PISTA (H) - Localizada próximo à um Igarapé sem denominação, afluente da margem direita do Igarapé Arroz Crú. Pertence à Maginco. Dentro da A.I. Xingu-Bacajá.
- . PISTA FIM DO MUNDO (J) - Pertence à Maginco, situada à margem direita do Rio Bacajá. Dentro da Área Apyterewa Interditada e incluída na proposta de delimitação.

As pistas da Perachi K e L e da Maginco M estão fora da A.I. Apyterewa, porém incluídos na delimitação.

Como se pode observar no mapa em anexo, existem vários ramos (por onde a madeira é escoada) ligando as pistas de pouso e acampamentos. A estrada à norte que passa pelo Rio Bacajá, alcança próximo ao Rio Branco de Cima. Como a imagem do Foto Satélite é do mês de julho de 1988, supomos que após essa data a estrada deve ter avançado mais à norte até a Pista G, pois a Maginco continua retirando madeira dessa área. Ou então o restante dessa estrada não configurou no mapa-satélite por essa estar coberta pelas copas das árvores.

Devido à anterior ausência de informações que nos possibilitassem saber de onde as Madeiras estavam retirando a madeira, se dentro ou fora dos limites da área Apyterewa, pensou-se que grande parte da madeira extraída estava dentro de uma faixa conhecida como A.I. Xingú-Bacajá.

Os dois acampamentos e pistas principais da Perachi (Pistas Teimoso) (no Mapa E e F), e outra pista da Maginco, (Pista Fim do Mundo) (J) ligadas por ramos, verificou-se estarem situados próximos da margem esquerda do Igarapé Bom Jardim, na faixa de terra entre as cabeceiras do Ig. Bom Jardim e Rio Bacajá - totalmente dentro da



da Apyterewa interdita.

A pista Pretensão, no médio curso do Igarapé Ipixuna, dentro da A.I Araweté, é ligada por um ramal ao acampamento Teimoso, para onde era levada a maior parte da madeira e daí seguia até Tucumã. A maior parte das medições foi realizada nesse acampamento.

Um outro ramal em direção ao Norte, cruza o Rio Bacajá, depois de suas cabeceiras (até a margem direita do Rio Bacajá está dentro da A.I Apyterewa Interditada), cujo ramal segue chegando próximo ao Rio Branco de Cima. Essa faixa de terra entre a margem esquerda do Rio Bacajá e o Rio Branco de Cima faz parte da proposta de área Xingu - Bacajá e agora incluída na delimitação Apyterewa.

Como observamos há um ramal principal dentro dos limites da AI Apyterewa Interditada e outro ramal dentro da AI Araweté.

E ainda outro ramal entre o Rio Bacajá e o Rio Branco de Cima. O que nos leva a concluir que o volume total de madeira retirada dentro da A.I Apyterewa e Araweté se não foi igual à quantidade extraída da A.I Xingu - Bacajá, não pode ter sido menor, mesmo pelo fato dos acampamentos principais e maior infraestrutura das madeiras estarem localizados dentro da A.I Apyterewa, que na época da medição supunha estarem dentro da A.I Xingu - Bacajá.

Além disso, no mês de julho (quando começou a medição) a madeira Perachi já havia retirado quase toda a madeira derrubada dentro das AIs. Apyterewa e Araweté e transportado para a pista do Teimoso(a principal).

Assim, foi extraída madeira das AIs. Araweté e Apyterewa Interditada e do corredor Xingu - Bacajá. Mas como a A.I Xingu - Bacajá ainda não foi reconhecida oficialmente, as madeiras apesar de estarem depredando o Patrimônio da União; neste caso, não estariam delapidando, na lei, o Patrimônio Indígena. A proposta de reconhecimento desta área é justamente para fechar o corredor existente entre as AIs Apyterewa, Araweté e Koatinemo à leste e Bacajá à oeste.

A Maginco ainda tem duas pistas dentro da área considerada Xingu - Bacajá todas duas nas proximidades do Igarapé Arroz Crú(no mapa pistas G e H). A pista J, possivelmente ainda esteja em funcionamento, por ter pensado estar localizada fora da A.I Apyterewa Inter



ditada.

Por falta de respaldo jurídico, não se pôde fazer nada neste caso, nem medir essa madeira e nem impedir a sua retirada.

A maior parte da madeira medida foi efetuada na pista do Teimoso, acampamento principal da Perachi, e outra menor na pista Santo Antônio, acampamento de Wilson Moreira Torres, situada na margem esquerda do Igarapé Bom Jardim. A madeira extraída neste local foi adquirida pela Perachi e Maginco, quem indenizou os índios.

O resultado da medição de madeira cubou um total de 8.980.192 m³ de mogno. Considerando que grande parte da madeira tivera sido extraída dentro da A.I. Xingu-Bacajá e fora das A.I. interditadas, em reunião dia 31.10.88 na ADRA junto com os madeireiros, decidiu-se aleatoriamente que 1.480.192 m³ da madeira cubada fora retirada fora das A.Is Interditadas que deveria ser subtraído do total de madeira cubada.

Os madeireiros indenizariam então 7.500.000 m³, na quantidade de madeira que se considerou ter sido retirada das AIs. Araweté e Apyterewa. A Perachi pagaria 6.885 m³ e a Maginco 615 m³, sendo calculado para cada m³ o valor de 05 OTN'S. A OTN no mês de novembro de 1988 correspondia a Cz\$ 3.774,73, ficando portanto para cada m³ um valor Cz\$ 18.873,65.

Multiplicando o valor de cada m³ -Cz\$ 18.873,65 por 6.885 m³ (a ser pago pela Perachi) e por 615 m³ (a ser pago pela Maginco), cada firma deveria pagar Cz\$ 129.945.080,00 e Cz\$ 11.607.000,00 respectivamente. Somando esses dois valores: Cz\$ 141.552.080,00. Desse total foi subtraído Cr\$ 10.183.930,00 referente à todas as despesas dos trabalhos das equipes de delimitação e medição. Portanto a indenização a ser paga pelas duas firmas ficou em Cz\$ 131.368.150,00.

Na reunião realizada em 11.11.88, na 4ªSUER, na presença do Administrador Regional de Altamira, Sr. Antônio Pereira Neto, do Superintendente da 4ªSUER, Sr. Salomão Santos, e dos representantes das firmas Perachi e Maginco, Sr. Idacir Perachi e Darci Remor respectivamente, ficou estipulado que o pagamento dos Cz\$ 131.368.150,00 seria efetuado em OTN'S (OTN de novembro) da seguinte forma:



- . 25/11/88 - 2.402 OTN (Maginco)
- 10.800 OTN (Perachi)
- . 23/12/88 -10.800 OTN (Perachi)
- . 23/01/89 -10.800 OTN (Perachi)

TOTAL 34.802 OTN

O valor pago pela indenização da madeira derrubada nas AIs. Araweté e Apyterewa foi dividido igualmente e depositado em duas cadernetas de Poupança do Banco do Brasil de Altamira, uma conta em nome da Comunidade Indígena Araweté e outra em nome da Comunidade Indígena Apyterewa.

Embora a Perachi e a Maginco tenham retirado seus equipamentos, e paralisada suas atividades e exploração na pista Santo Antônio; na pista Teimoso (M/e do Igarapé Bom Jardim) e na pista Pretensão (A.I Araweté) e tinham se comprometido formalmente a não mais invadir essas, é difícil assegurar-nos disso, porque não há uma fiscalização constante da FUNAI na área, pois o Posto Apyterewa localiza-se próximo ao Rio Xingu (à oeste) e essa invasão situa-se no limite Este da área indígena.

A faixa de terras onde a Maginco continua retirando madeira, à norte, entre o Rio Bacajá e o Rio Branco de Cima (e que a FUNAI não tem base legal para impedi-la, é a área considerada o corredor da área Xingu Bacajá, cuja proposta não foi aprovada pela FUNAI), está sendo incluída na proposta de delimitação para A.I Apyterewa.

**FUNAI**

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

108.

HISTÓRICO DE PROPOSTAS DE DELIMITAÇÕES ANTERIORES DE ÁREAS INDÍGENAS VIZINHAS À APYTEREWA:

A Região do interflúvio Xingu-Bacajá, onde localizam-se as Áreas Indígenas Koatinemo, Araweté - Igarapé Ipixuna e Bacajá foram objetos de várias propostas de delimitação.

Em 1971 foi elaborada a primeira proposta, para interdição da Área Indígena Assurini, com uma área correspondente à 1.950.000 Ha. Essa área considerava além dos Assurini que estavam sendo contatado naquele ano, outros grupos ainda arredios que habitavam essa região.

A segunda proposta ocorreu em 1976; para delimitações das Áreas Indígenas Bacajá e Assurini, mediante um Grupo de Trabalho pelo Convênio FUNAI/RADAM.

A A.I. Bacajá, demarcada em 1979, com uma extensão de 192.126 Ha. tomou os limites propostos pelo GT de 1976, sendo posteriormente considerada uma área insuficiente para a subsistência dos índios Xicrin, pois excluiu dos limites vários de seus castanhais.

Em fevereiro de 1979, foi encaminhada pela Ajudância de Altamira uma proposta territorial para os Araweté, numa área de 1.200.000 Ha.. Essa proposta de interdição considerava uma área comum para os Assurini, Araweté (áreas contíguas), Xicrin e um território para Grupos arredios que perambulavam naquela região.

Constituiu-se então um grupo de trabalho criado pela Portaria nº 627/E de 15.10.1979, formado por Regina Muller (Antropóloga), José Jaime Mancin (Engenheiro Agrimensor), Salomão Santos (Chefe da Ajudância de Altamira), José Batista da Silva (Auxiliar Técnico Indigenismo - PI Bacajá), Raimundo Alves (Sertanista H - F.A. Araweté). O objetivo do GT era propor áreas de



Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

Interdição para os Assurini, Araweté; área ocupada por índios arredios (entre a área Assurini e Bacajá) e re-examinar os limites da A.I. Bacajá. Desse estudo, resultou uma proposta de delimitação, com uma área de 2.391.600 ha, englobando uma terra contínua para os Xicrin, Assurini, Araweté e índios arredios. Os limites dessa área compreendia à Norte o Igarapé Ipiaçava; à Sul o Igarapé Bom Jardim, à Oeste do Rio Xingu e no lado Este as terras do Bacajá incluindo o Igarapé Rio Branco de Cima - terras que na época perambulavam índios arredios. A proposta de um território comum e contínuo para os Grupos Indígenas dessa região dos Rios Xingu e Bacajá, levou em consideração dois pontos importantes: a redução da grande parte dessas terras, com a construção de algumas Hidrelétricas no Rio Xingú (principalmente Babaquara e Ipixuna) e evitar o começo de invasões, principalmente no corredor existente entre as Áreas Assurini e Araweté com a A.I. Bacajá. Com vários argumentos demonstrando a necessidade dessa área para subsistência e proteção desses grupos indígenas, essa delimitação não recebeu a devida atenção pela Direção da FUNAI.

Foi solicitado em abril de 1982 ao antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, um novo estudo de delimitação para A.I. Araweté. Tendo sido sugerida então uma proposta de demarcação de uma área conjunta para os Assurini e Araweté. Entretanto, tal proposta foi refutada, e as Áreas Indígenas passaram a ser analisadas separadamente. A A.I. Assurini é encaminhada isolada ao Grupo Interministerial em 1984, conforme os limites da proposta do GT de 1979, a saber, 288.600 ha. e 350 Km. No mesmo ano, o Mapa da A.I. Araweté configura-a desmembrada das propostas anteriores de áreas conjuntas, restringindo-a aos limites contidos na Proposta de 1982.

O grupo Indígena ainda isolado, mencionado na proposta do GT de 1979 (Portaria 677/E de 15.10.79), foi identificado quando realizado o contato dos dois últimos sub-grupos Parakanã, o primei

**FUNAI**

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

ro contatado em novembro de 1983, entre as cabeceiras do Rio Bacajá e Igarapé Bom Jardim e o Segundo Grupo, em março de 1984, foi contatado num acampamento provisório da Frente de Atração, da FUNAI à margem direita do Igarapé Bom Jardim.

Após realizado o contato com os dois últimos Grupos Parakanã, e com informações mais concretas sobre sua área de ocupação, foi encaminhada à FUNAI outra proposta de área conjunta para os Grupos Xicrin, Assurini, Araweté e Parakanã. Trata-se de uma proposta dirigida à CVRD, e consecutivamente à FUNAI, em outubro de 1985, elaborada pelos antropólogos Prof^a Lux Vidal (Assessora do Projeto Apoio Ferro-Carajás), Regina Muller, Eduardo Viveiros de Castro e Antônio Carlos Magalhães. Retomam a proposta de área única formulada pelo GT de 1979, devendo-se porém acrescentar à essa proposta uma faixa de terras para os índios Parakanã - da margem esquerda do Igarapé Bom Jardim à margem direita do Igarapé São Sebastião ou São José (denominação RADAM). Sabendo que nos últimos vinte e cinco anos os Parakanã ocupavam uma extensa região entre o Xingu e Bacajá, Igarapé Bom Jardim, Igarapé São Sebastião, Igarapé Ipixuna e Rio Bacajá, ficou caracterizada a história recente de perambulação desse grupo étnico. Os Grupos Indígenas Xicrin e Parakanã foram incluídos pela CVRD no Projeto de Apoio Ferro-Carajás, por extensão dos outros dois Grupos - Xicrin da A.I. Cateté e Parakanã da A.I. Parakanã, cujas terras localizam-se na área de influência direta do Projeto Ferro Carajás. Isso significa apoio financeiro da CVRD para a demarcação dessas Áreas Indígenas. E como a A.I. Assurini e Araweté continuavam indefinidas quanto à sua demarcação, estando o território de ambas áreas indígenas mais a dos Xicrin e Apyterewa sob influência do Programa Carajás, justificou-se mais uma vez a necessidade de se resguardar uma área conjunta para os



Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

Grupos Indígenas dessa região. Essa proposta denominada A.I. Xingu - Bacajá, obteve o apoio e concenso por parte de profissionais da CVRD, Eletronorte, FUNAI - Superintendente da 4ªSUER, Administrador da ADRA, de alguns técnicos da SUAF e da Coordenadoria de índios Isolados. Encontra-se anexado cópia do Mapa da A.I. Xingu-Bacajá, proposta-1985.

A A.I. Xingu-Bacajá não teve mais andamento. Segundo a direção da SUAF, deveria se evitar duplicidade de ações e propostas que podem caracterizar falta de critérios no processamento de delimitações. Mesmo com inúmeros argumentos como justificativas para uma área contínua, (propostas de 79, 82 e 85), entre esses motivos destacamos o mais emergente no momento - a invasão do território indígena por madeiras e garimpeiros, justamente no corredor onde os técnicos haviam previsto de começar; não obstante a FUNAI nunca sustentou junto ao Grupo Interministerial essa proposta de área. Em 31.10.1986, foi colocado ao SEMA a possibilidade de criação de uma Reserva Ecológica contígua às Áreas Indígenas Bacajá e Koatinemo, Araweté, Apyterewa. O IBDF porém não quis assumir essa responsabilidade. Transformar um território de ocupação indígena numa Reserva Ecológica, ao nosso ver, não resolveria a questão, porque é de praxis acontecer do IBDF agir impedindo que o índio tenha livre acesso às terras da Reserva Ecológica.

Desse modo, as Áreas Indígenas Koatinemo, Araweté, Bacajá e Apyterewa continuaram a ser encaminhadas separadas para análise no Grupo Interministerial.

Em 05.11.1986, a Área Indígena Araweté foi apresentada ao Grupo de Trabalho Interministerial (Dec.88.118/83), tendo sido então aprovada (Parecer nº 132/86), a interdição é assinada em 30.12.1987 mediante Portaria PP Nº 4.101, conforme limites propostos em 1982 pelo Antropólogo Eduardo Viveiros de Castro - 985.000 ha. aproximadamente e 500 Km de perímetro. A definição de seu limite Este, mediante a construção de uma linha seca, começou em Dezembro de 1988, com previsão de conclusão para início de 1989.



FUNAI

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

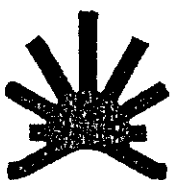
PROPOSTA DE DELIMITAÇÃO PARA A A.I. APYTEREWA

A proposta de Interdição da A.I. Apyterewa foi aprovada mediante Portaria PP nº 3.632 de 06.11.1987. para uma área de 266.800 ha. e 350 Km. Os limites foram sugeridos pelo Sertanista Sidney Possuelo, ex-coordenador da Frente de Atração Parakanã. Compreendemos a interdição como uma medida provisória, até que seja realizado um estudo para delimitação de um território, onde se caracterize a área de ocupação efetiva do grupo, suficiente para sua subsistência e cujos limites proporcionem segurança futura frente à invasões.

Após à execução dos trabalhos em campo, com objetivo de delimitar essa área, temos a considerar alguns pontos no que se refere Área Interditada:

- A área de 266.800 ha não é suficiente para subsistência dos sub-grupos Parakanã. O limite Oeste da Área Interditada começa no Igarapé Cavalhada (último afluente da margem esquerda do Igarapé Bom Jardim - sentido Jusante). No mapa RADAM, o Igarapé Cavalhada aparece, com uma configuração, localizando-o junto à Foz do Igarapé Bom Jardim. Verificamos in-loco a localização desse Igarapé ser um equívoco. Com o limite Oeste a partir desse Igarapé, a área indígena ficou sem frente para o Rio Xingu. Sabemos que os índios vão quase diariamente pescar até a margem direita do Rio Xingu, ou seja, além desse Igarapé.

- O limite Sul, partindo do Igarapé Cavalhada, percorre uma área que inclui os afluentes da margem esquerda do Igarapé Bom Jardim, até a cabeceira do 2º afluente (Igarapé sem denominação) da margem direita do Rio Bacajá, passando pelo pé da Serra do Bacajá, através de uma extensa linha seca. A área de ocu-

**FUNAI**

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

pação do grupo estrapola esses limites, pois caçam, pescam e coletam até as proximidades do Igarapé São Sebastião. Podemos encontrar várias aldeias antigas (do período antes do contato), e acampamentos provisórios recentes dos Parakanã, quando passam até dois meses na mata caçando, nas terras próximas ao Igarapé São Sebastião. Outro aspecto do limite Sul da Interdição a ser mencionado, diz respeito à linha seca que o contorna, o que ficaria deveras dispendioso e difícil executá-la numa demarcação.

O Limite Norte, começa na margem esquerda do Igarapé Bom Jardim, tanto nos limites da área interditada como na presente proposta de delimitação. O fato das duas aldeias Parakanã e o Posto Indígena da FUNAI localizarem-se à margem direita do Igarapé Bom Jardim, torna necessário uma explicação detalhada. Dos dois grupos atualmente aldeados à margem direita do Igarapé Bom Jardim, o primeiro foi contatado por funcionários da Frente de Atração da FUNAI, em novembro de 1983, à margem direita do Rio Bacajá, região entre as cabeceiras do Igarapé Bom jardim e Rio Bacajá. É um local de difícil acesso, o que dificultaria a assistência médica ao grupo recém-contatado. A Equipe de Frente de Atração decidiu descer o Igarapé Bom jardim, com a finalidade de localizarem-se mais próximo ao Rio Xingu, para facilitar a assistência pela Instituição. Junto com o grupo contatado, levaram andando aproximadamente 50 dias até o local denominado primeiro acampamento, situado à margem à margem direita do Igarapé Bom Jardim (fica há mais ou menos uma hora de voadeira do atual PIN). Permaneceram nesse local por uns três a quatro meses. Nesse primeiro acampamento o segundo grupo foi contatado em março de 1984. O local porém não oferecia boas condições físicas para instalação de um Posto. Por exemplo, era muito acidentado - com algumas serras, o barranco alto para ser um porto, o Igarapé Bom Jardim era estreito nesse local - durante a estiagem secava boa parte do rio, ficando apenas poços. Nessas



Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

114.

proximidades, foi escolhido um local mais adequado para iniciar um Posto, onde se localiza o atual - não era um terreno acidentado, era uma terra boa para plantar roça, bom porto e oferecia boas condições para transporte no período do inverno e verão. Do primeiro acampamento ao atual Posto, levaram dois dias andando.

Assim, as duas Aldeias e o Posto Indígena ficaram situados à margem direita do Igarapé Bom Jardim, ou seja, no limite Sul da A.I. Araweté. Alguns motivos nos levaram a não incluir as terras onde localizam-se as Aldeias e o Posto, nessa proposta de Delimitação. Após termos discutido essa questão com alguns Assesores e Antropólogo da SUAF-Brasília, compreendemos ser importante antes de propormos uma área, levar em consideração criteriosamente alguns aspectos: cautela jurídica, evitando redefinição de uma área indígena já aprovada. Ou melhor, incluir a faixa de terras onde estão aldeados os Parakanã e instalado o Posto da FUNAI, na proposta Apyterewa, implicaria numa revisão dos limites da Área Indígena Araweté, o que significaria um impasse no andamento jurídico da Área Araweté, atualmente com portaria de interdição e definição do limite Este da área. Repetimos que a escolha para localização do Posto deve-se ao fato de ter sido o local encontrado mais estratégico em termos de condições geográficas e visando facilitar a assistência. Não obstante esse fator, verificamos que a área efetivamente ocupada pelo grupo para sua subsistência - atividades de caça, pesca e coleta, quanto ao limite Sul, estende-se ao Igarapé São Sebastião. Como podemos observar na história recente dos Parakanã, um dos motivos que os levaram a andarem e deslocarem-se de um local para outro era em função da procura de caça, base de sua dieta alimentar. Os aspectos referentes à área de ocupação e utilização pelo grupo são abordados nesse relatório no item sobre área de perambulação e atividades de subsistência.*

**FUNAI**

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

115.

Salientamos também que os Parakanã como um Grupo de característica nômade, na condição de recém-contatado, o fato de estarem aldeados no momento junto ao Posto da FUNAI, é uma situação que pode ser temporária, não significando que permaneçam residindo nesse mesmo local indefinidamente.

À Nordeste da Área Indígena Apyterewa Delimitada, encontra-se o Rio Branco de Cima. A faixa de terras, entre o Rio Bacajá e o Rio Branco de Cima, está incluída na A.I. Xingu-Bacajá, nas propostas dos Grupos de Trabalho de 1979 e na de 1985 encaminhada à CVRD. Essa porção de terra foi incluída à nossa proposta por dois motivos principais. Ela é uma área historicamente ocupada pelo grupo. O ataque Xicrin (A.I. Bacajá) ao Grupo Apyterewa em 1977, próximo ao Igarapé Arroz Crú, é um dos dados que confirma a presença do Grupo Parakanã nessas imediações. (maiores detalhes vide no item História do Grupo). Outro fator relevante de sua inclusão, por ser a única forma no momento de proteger a Área Indígena intacta de invasões. Não só a Área Indígena Apyterewa, como as outras áreas próximas, Araweté e Bacajá. Um dos argumentos fortes da proposta da A.I. Xingu-Bacajá, caracterizava essa área como o corredor existente entre a A.I. Bacajá e as A.I. Araweté e Assurini. Enquanto a aprovação da A.I. Xingu-Bacajá permaneceu no impasse, o previsto de invasão se concretizou. Em abril de 1988 verificou-se haverem três madeiras explorando madeira dentro do território das áreas indígenas Apyterewa, Araweté (ambas interditadas) e na área Sul da Proposta Xingu-Bacajá. Trata-se principalmente de duas madeiras de grande porte, Maginco e Perachi, que exploram preferencialmente o mogno, visando a exportação. A FUNAI só foi tomar conhecimento da invasão das madeiras nessas áreas indígenas no mês de abril. Para Chegarem nas terras indígenas, foi construída uma extensa estrada, de aproximadamente 240 Kms, cujo trajeto passa pelo lado Este da A.I.

**FUNAI**

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

Apyterewa rumo à cidade de Tucumã. Essa estrada levou cerca de dois anos para ser concluída. Embora as propriedades da Perachi e Maginco estejam situadas muito abaixo do Rio Bacajá, à Sudeste da A.I. Apyterewa delimitada, a estrada estendeu-se através de vários ramais no sentido Norte. Três ramais ligaram a estrada principal à A.I. Apyterewa Interditada, localizados entre as cabeceiras do Rio Bacajá (desde o segundo Igarapé da margem direita desse Rio - limite Este da interdição) e margem esquerda do Igarapé Bom Jardim. À margem esquerda do Igarapé Bom Jardim, encontra-se um ramal que passa pelos acampamentos principais da Perachi e Maginco. Daí segue um ramal até o acampamento principal de Wilson Moreira Torres - não visualizado no Mapa Foto Satélite. Outro ramal invadiu a A.I. Araweté, cruzando da margem esquerda do Ig. Bom Jardim para a direita, alcançando até as proximidades das cabeceiras do Ig. Ipixuna. Outra parte da madeira explorada foi retirada da A.I. Xingu-Bacajá, escoada por um ramal que passa pelo Rio Branco de Cima.

No ato da indenização das madeiras exploradas nas A.I. Apyterewa e Araweté, é feito um acordo, na Ata de Reunião (em anexo) de paralisação das atividades das duas madeiras dentro das Áreas Indígenas mencionadas. No entanto, continua sendo retirada madeira das terras entre o Rio Bacajá e Rio Branco de Cima e a FUNAI não possui respaldo jurídico para impedi-la. Atualmente as madeiras avançaram mais à Norte, até as proximidades das cabeceiras do Igarapé Arroz Crú. Levando em conta a fragilidade da FUNAI no tocante à recursos financeiros e humanos, seria muito difícil controlar futuramente as terras indígenas de invasões. Esses dados levam-nos a compreender a necessidade de inclusão de todo esse território situado à Este e Sudeste na delimitação da área, a fim de que se possa preservar a integridade física e cultural dos Grupos Parakanã, Araweté e Xicrin. Portanto, a presente proposta de delimitação engloba uma superfície total de 981.772,5 ha e um perímetro de 510.741,3 m (respectivamente aproximados), conforme detalhado no memorial descritivo e mapa em anexo.

**FUNAI**Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

117.

CONCLUSÃO

Apresentamos a seguir, um resumo dos motivos que justificam a presente proposta de delimitação para Área Indígena Apyterewa:

. Território de ocupação histórica nos últimos 25 anos dos dois subgrupos Parakanã contatados há cinco anos atrás, o primeiro grupo em novembro de 1983 e o segundo em março de 1984. Esse território abrange os afluentes dos Igarapés Ipixuna, Bom Jardim, Bacajá e São Sebastião, onde se pode encontrar inúmeras aldeias e acampamentos antigos.

. Área de ocupação efetiva necessária à subsistência do grupo, para caça, pesca, coleta e agricultura.

. Proteção da área de invasões principalmente à Este e Sudeste, onde tem sido rapidamente ocupada por madeiras e garimpos. A extensa estrada construída pelas madeiras Perachi e Maginco abriu maior possibilidade para entrar invasores e posseiros a se instalarem dentro da Área Indígena, o que poderá criar no futuro próximo um grande problema, difícil de controlar. Refutar a forma irracional de exploração da flora amazônica, quando se visa grandes lucros econômicos e as consequências do desmatamento são no mínimo um desequilíbrio ecológico, é uma atitude de consciência pela preservação da floresta Amazônica, uma das últimas reserva florestal.

. O Plano 2.010 da Eletronorte prevê a construção de várias Hidrelétricas, conhecido como Complexo Hidrelétrico de Altamira, sendo cinco no Rio Xingu (Kararaô, Babaquara, Ipixuna, Kokraimoro, Jarina), e uma no Rio Iriri. Porém são três hidrelétricas que vão



FUNAI

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

118.

afetar mais diretamente a região da Área Indígena Apyterewa: Kara-raô, Babaquara e Ipixuna. Com a construção da Hidrelétrica de Kara-raô, agora denominada Belo Monte, a A.I. Apyterewa será afetada in diretamente, o que significa que a longo prazo essa região sofrerá mudanças sócio-econômicas - como construção de estradas, aumento populacional, em função da desestruturação e deslocamentos dos moradores afetados diretamente com a implantação da Hidrelétrica ou da população atraída pela mesma. As Hidrelétricas de Babaquara e Ipixuna além de preverem uma inundação nas terras Apyterewa, provocarão impactos sócio-econômicos mais acentuados para essa região. Se de fato essas hidrelétricas forem efetivadas, uma grande porção de terras dos Parakanã será inundada, o que atingirá sua atual aldeia, roças, áreas de caça, pesca e coleta. Com essa inundação, os Parakanã serão obrigados à deslocarem-se em direção Este, para as áreas das cabeceiras do Igarapé Bom Jardim e Rio Bacajá.

. O crescente interesse de exploração de minérios por Empresas de mineração nas terras da A.I. Apyterewa delimitada, já com várias solicitações ao DNPM para pesquisa e lavra.

. A ausência de colonização pelo MIRAD, cujas glebas são projetos, não tendo sido ainda discriminadas.

. A existência de poucos moradores à margem direita do Rio Xingu, no limite Oeste da A.I. Apyterewa delimitada, constando 5 moradores com residência e 3 com roças de cultura permanente.

. A A.I. Apyterewa delimitada possui quase todos os limites naturais, havendo apenas três linhas secas:

- Do Ponto 2 ao 3: 1.777,00 metros
- Do Ponto 3 ao 4: 12.047,00 metros

(* está sendo realizada agora na definição do limite Este da A.I. Araweté).

- Do Ponto 7 ao 8: 29.906,00 metros



FUNAI

Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

119.

. Há disponibilidade de verba da CVRD para demarcação dessa Área Indígena, incluída no programa de apoio, por extensão à assistência dos outros Grupos Parakanã da A.I. Parakanã, que estão localizados na área de influência direta do Projeto Ferro Carajás.

Belém - PA., Abril de 1989.

Tânia Chaves
Tânia Chaves
Antropóloga - 4ª Suer

PISTAS DE POUSO

. ANEXO DO MAPA DE DELIMITAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA APYTEREWA.

PISTA A: Localizada à margem direita do Rio Xingu, próxima à Foz do Igarapé Bom Jardim. Foi construída na época do garimpo do Mucuím, com a finalidade de servir de apoio ao garimpo. O Posto da FUNAI construiu mais alguns metros, totalizando atualmente 350 metros aproximadamente. Esse garimpo foi extinto, sendo que no momento essa pista é utilizada pelo Posto Indígena Apyterewa. Encontra-se dentro dos limites Sul da Área Indígena Araweté.

PISTA B: Pista do garimpo Mucuím ou Teimoso, atualmente abandonada. Localizada à margem direita de um dos afluentes do Igarapé Teimoso ou Bom Jardim II. Encontra-se dentro Área Apyterewa interdita.

PISTA C: Pista conhecida como Santo Antônio, utilizada até 1988 para servir de apoio ao acampamento do madeireiro Wilson Moreira Torres. Localiza-se num Igarapé sem denominação, afluente da margem esquerda do Igarapé Bom Jardim, distante desse 14 Kms. Encontra-se dentro da Área Apyterewa interdita.

PISTA D: Pista construída pela Madeireira Exportadora Perachi LTDA, conhecida como pretensão. Localizada no médio curso do Igarapé Ipixuna. Encontra-se dentro da Área Indígena Araweté.

PISTA E: Pista localizada próxima às cabeceiras do Igarapé Bom Jardim, à sua margem esquerda, distante desse 04 Kms aprox., conhecida como Pista do Teimoso, a mais utilizada pela Madeireira Exportadora Perachi LTDA, porque possui uma grande extensão e pelo fato de ser onde estabeleceu-se o acampamento principal dessa Madeireira. Encontra-se dentro da



Área Apyterewa interditada.

PISTA F: Pista também conhecida como teimoso, construída pela Madereira Perachi, situada às proximidades da Cabeceira de um Igarapé sem denominação, à margem esquerda do Igarapé Bom Jardim, distante desse cerca de 13 Kms, dentro dos limites da Área Indígena Apyterewa interditada.

PISTA G: Pista conhecida como Ressaca, localizada próxima às cabeceiras do Igarapé Arroz CRÚ, cerca de 12 Kms. Encontra-se dentro da Área Proposta Xingu-Bacajá. Essa pista pertence à Maginco.

PISTA H: Pista construída pela Madereira Maginco. Localiza-se próximo à um Igarapé sem denominação, afluente da margem direita do Igarapé Arroz Crú. Encontra-se dentro da Área Indígena Xingu-Bacajá.

PISTA I: Pista do garimpo do Joel, extinto desde 1983. Localiza-se à margem direita de um Igarapé sem denominação (embora a pista esteja plotada no mapa à margem esquerda, conforme o mapa foto satélite, está localizada na margem direita), afluente da margem esquerda do Rio Bacajá. Encontra-se dentro da Área proposta Xingu-Bacajá, no momento incluída na Delimitação da Área Apyterewa.

PISTA J: Pista conhecida como fim do mundo. Construída pela Madereira Maginco. Localiza-se à margem direita do Rio Bacajá e encontra-se dentro da Área Apyterewa interditada e na proposta de delimitação.

PISTA K: Pista da Madereira Perachi, distante cerca de 14 Kms da Fazenda Perachi. Fora da Área Indígena Apyterewa interditada e dentro da proposta de delimitação.

PISTA L: Pista da Fazenda Perachi, fora da Área Indígena Apyterewa interditada e dentro da proposta de delimitação.

PISTA M: Pista da Fazenda Maginco. Fora da Área Indígena Apyterewa



interditada e dentro da proposta de delimitação.

PISTA N: Pista da propriedade do INPA, situada próximo as cabeceiras de um afluente da margem direita do Igarapé São Sebastião. Dentro da Área Indígena Apyterewa delimitada.

OBSERVAÇÃO: As outras pistas plotadas no mapa, pertencem à propriedades até o momento não identificadas.



Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

ANEXOS:

- . Mapa de Identificação e Delimitação da Área Indígena Apyterewa.
- . Mapa de Delimitação constando as propriedades existentes e as estradas construídas pelas madeiras Perachi e Maginco, que invadiram a Área Indígena Apyterewa e Araweté; de acordo com informações do Mapa Foto Satélite, imagem de 04 de julho de 1988.
- . Mapa da Área Indígena Xingu-Bacajá, proposta à CVRD, 1985.
- . 02 Mapas do MIRAD, demonstrando as glebas nessa região e a divisão de Municípios.
- . Mapa das aldeias e infra-estrutura do Posto Indígena Apyterewa.
- . Mapa Demonstrativo com localização dos moradores ribeirinhos.
- . Overlay do DNPM e listagem das Empresas de Mineração com Requisitos, Autorização de pesquisa e Concessão de lavra nas terras da Área Indígena Apyterewa.
- . Certidão do Cartório de Registro de Imóveis - Moreira, Comarca de Altamira.
- . 08 Laudos de Vistoria e Avaliação de Benfeitoria.
- . Memorial Descritivo de Delimitação.
- . Documentos da Exportadora Perachi Ltda referentes: Títulos definitivos das áreas; Memorial Descritivo; Autorização do IBDF para explorar madeira (para os lotes 31 e 32, a autorização do lote 30 em andamento; Protocolo do pedido de Certidão negativa do ITERPA; Imposto Territorial rural atualizado (am andamento).



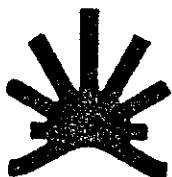
FUNAI

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

124.

- . Documentos da Madereira Maginco referentes: Autorização de Desmate do IBDF; 06 Certificados de Cadastro do INCRA(1987).
- . Declaração do encontro com o Antropólogo Eduardo Viveiros de Castro do Museu Nacional - UFRJ, em São Paulo, dia 30.09.1988.



FUNAI

Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

125.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- . Ribeiro, Berta G.
"Araweté: A índia vestida".
Museu Nacional, 1981.
- . Castro, Eduardo Batalha Viveiros de
"Araweté: Os Deuses Canibais",
Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1986.
- . Povos Indígenas no Brasil -
Sudeste do Pará (Tocantins),
Volume 8, CEDI, São Paulo, 1985.
- . As Hidrelétricas do Xingu e Os Povos Indígenas,
Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1988.
- . Magalhães, Antônio Carlos
" Os Parakanã: Quando o rumo da estrada e o curso das águas
perpassam a vida de um povo".
Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, D.C.S., F.F.
L.C.H., USP, São Paulo, 1982.
- . Idem
"Os Parakanã - O Destino de uma Nação Indígena",
Museu Goeldi.
- . Arnaud, Expedito
"Grupos Tupi do Tocantins",
Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, 1967.
- . Mello, Lúcia Helena S. de
" Parakanã - A Etnicidade de Tapiipi e Apuiterewa".
Revista



FUNAI

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

- . Silva, Orlando Sampaio
" Casamento e Residência entre os índios Parakanã do Igarapé Lontra".
- . Steward, J.
" Tribes Of Lower Tocantins - Nimuendaju - The Parakanã, Handbook Of South American Indians, Vol.3 (The Tropical Forests Tribes), Smithsonian Institution, Bureau Of American Ethnology, Bulletin 143, Washington D.D., USA.
- . Atlas Climatológico,
SUDAM - Projeto de Hidrologia e Climatologia da Amazônia, 1980.
(Período de estudo: 1960 à 1980).
- . Geografia do Brasil,
Região Norte, Volume 01, IBGE, Rio de Janeiro, 1977.



FUNAI

Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

127.

ARQUIVO CONSULTADO

- 1) Relatório Frente de Atração Parakanã - Ipixuna.
Sertanista João Evangelista de Carvalho
Data: 21.03.1978
- 2) Relatório Frente de Atração Rio Anapú:
Data: 20.01.1977
Gerson Reis Carvalho e Genésio Reis Carvalho
- 3) Relatório Frente de Atração Parakanã
Anapú - Bacajá
Data: 27.07.1978
Sertanista João Evangelista de Carvalho
- 4) Relatório da Viagem de Reconhecimento ao Grupo Indígena Arredio
que atacou a Fazenda Castanhal no Igarapé São José - Rio Xingu.
Sertanista Fiorello Parise
Data: 31.11 à 03.12.1982.
- 5) Sugestões para contato com Grupo Arredio Parakanã
Sertanista Sidney Possuelo
Data: 1983
- 6) Relatório das Atividades no PIA Parakanã - Marabá
Sertanista João Evangelista de Carvalho
Data: 07.1983
- 7) Relatório Frente de Atração Parakanã - Xingu
Sr. Wellington Gomes Figueiredo
Data: 28.11.1983
- 8) Expedição Parakanã
Sertanista Sidney Possuelo
Data: 09.09.1983



FUNAI

Fundação Nacional do Índio

Ministério do Interior

128.

- 9) Relatório Final de Atividades do P.I.A. Parakanã
Sertanista João Evangelista de Carvalho
Data: 1983
- 10) Relatório da Frente de Atração Parakanã - Igarapé Bom Jardim.
Sr. Wellington Gomes Figueiredo
Data: Novembro de 1983
- 11) Relatório P.I.A. Marudjewara
Frente de Atração Parakanã
Data: 1º Semestre de 1984
- 12) Relatório do P.I.A. Parakanã - Marabá
Sertanista João Evangelista de Carvalho
Data: 01.03.84
- 13) Relatório de Atividades da Frente de Atração Parakanã.
Sertanista Fiorello Parise
Data: Dezembro 1982 à Março 1983
- 14) Relatório de Ocorrências da Frente de Atração Parakanã.
Sertanista Fiorello Parise
- 15) População Arara e Parakanã (Igarapé Bom Jardim) por Faixa Etária
Sr. Wellington Gomes Figueiredo.
Data: 12.02.1984
- 16) Relatório de Atividades do P.I.A. Marudjewara e Frente de Atração Parakanã..
Sertanista Fiorello Parise
Data: Outubro de 1983 à Janeiro de 1984.
- 17) Relatório sobre os Índios Parakanã e Reinvidicações de Indeni-
zação sobre a Área invadida pelo Reservatório de Tucuruí Sr. Jo-
sé Porfírio Fontenele de Carvalho
Data: 12.11.86.



FUNAI

Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

129.

- 18) Programa Parakanã
Sr. Cornélio Vieira de Oliveira
Srtª Marise Batista Reis
Data: 16.12.1986
- 19) Relatório de Viagem
Área Indígena Parakanã e Eletronorte
Sr. Cornélio Vieira de Oliveira
Data: 14.11.1986
- 20) "Diretrizes de Saúde para os Parakanã do Marudjewara".
Dr. João Paulo Botelho Vieira Filho
Relatório à CIA. VALE DO RIO DOCE
Data: Julho de 1984
- 21) "Diretrizes de Saúde para os Parakanã do Paranati".
Dr. João Paulo Botelho Vieira Filho.
Relatório à CIA. VALE DO RIO DOCE
Data: Julho de 1984
- 22) " A saúde dos índios Parakanã - Apiterewa (Povo abandonado ou perdido ou deserdado) do Igarapé Bom Jardim".
Diretrizes para a Assistência à Saúde
Dr. João Paulo Botelho Vieira Filho
Relatório à CIA. VALE DO RIO DOCE
Data: Janeiro de 1985
- 23) Relatório de Atividades do Posto
"Óbito ocorrido em 21.03.84. índio Wanami do Grupo Apyterewa - Parakanã".
Data: 21.03.1984.
- 24) Relatório da Frente de Atração Araweté
Sertanista João Evangelista de Carvalho,
Data: 19.01.1977



FUNAI

Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

130.

25) Relatório Parcial

"Pesquisa Etnobotânica Quantitativa entre os Araweté"

Antropólogo Willian Balée, DCH - Antropologia, Museu Goeldi, Belém.

Data: 03.03.1986.

26) Relatório ao CNPQ

" Ecologia Dietética Comparativa de três tribos indígenas da Amazônia (Arara, Parakanã, Mayoruna)", Katharine Milton, Dep. Antropologia, Universidade da Califórnia, Berkeley, USA

Data: 10.04.88

27) Relatório do Dr. Carlos Fausto, pesquisador junto ao Grupo Apyterewa,

Data: Altamira, 11.10.1988.

** Observação: Os relatórios acima encontram-se no Arquivo do SEP-Serviço de Estudos e Pesquisas, DDC, 4ªSUER.

Documentos ADRA:

- . "Plano para executar Delimitação e Metragem de madeira derrubada na Área Indígena Apyterewa".

Sr. Antônio Pereira Neto - Administrador Regional.

CI nº 107/ADRA/4ªSUER/FUNAI/88).

Data: 06.06.1988.

- . "Área Indígena Xingu - Bacajá".

Sr. Antônio Pereira Neto

(Parecer nº 001/ADRA/4ªSUER/87).

Data: 23.12.1987.



Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

- . "Ata da Reunião entre os representantes das Firms Madereira Araguaia S/A Indústria Comércio e Agropecuária, Exportadora Perachi Ltda., o titular da Administração de Altamira e o Superintendente Executivo Regional da FUNAI" - 4ª SUER.

Data: 11.11.88. (em anexo).

- . " Relatório conclusivo sobre a retirada de madeira nas Áreas Índigenas Apyterewa, Araweté do Igarapé Ipixuna e na Área Pretendida denominada Xingu/Bacajá".

Sr. Antônio Pereira Neto

CI nº 231/ADRA/88

Data: 19.11.1988. (em anexo)

Processos SUAF - Brasília:

- . "Acréscimo da Área Indígena Bacajá".
Processo FUNAI/BSB/4728/79.
- . "Araweté do Igarapé Ipixuna - PA.
Identificação e Delimitação"
Processo FUNAI/BSB/nº 707/79.
- . "Área Indígena Xingu - Bacajá - Companhia Vale do Rio Doce encaminha Proposta para criação da A.I. Xingu - Bacajá - 1985.
Processo FUNAI/BSB/28870.003951/85.

Mapas:

- . Mapa de Solos do Brasil,
EMBRAPA - Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos, escala 1:5.000.000, 1981.



FUNAI

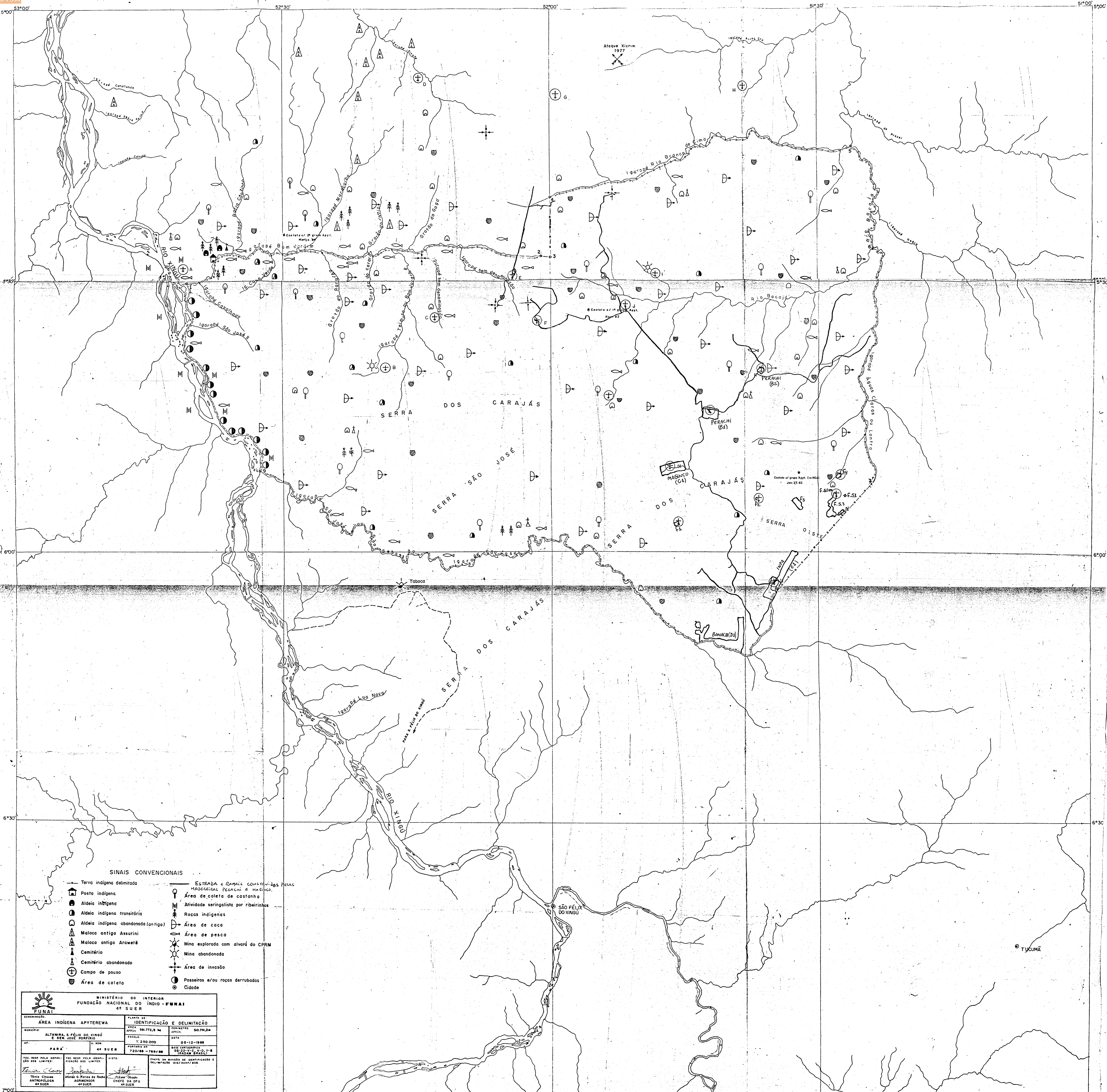
Fundação Nacional do Índio
Ministério do Interior

132.

. Mapa Foto - Satélite


INPE - Instituto de Pesquisas Especiais,

Código do mapa: WRS 225/064, Banda 5, imagem de 04.07.88.



SINAIS CONVENCIONAIS

- Terra indígena delimitada
- ☒ Posto indígena
- Aldeia indígena
- ⊙ Aldeia indígena transitória
- ⊙ Aldeia indígena abandonada (antiga)
- △ Maloca antiga Assurini
- △ Maloca antiga Araweté
- ⊙ Cemitério
- ⊙ Cemitério abandonado
- ⊙ Campo de pouso
- ⊙ Área de coleta
- Estrada e ramais construídos pelas Magestades Pesachi e Magicho
- ⊙ Área de coleta de castanha
- ⊙ Atividade seringalista por ribeirinhos
- ⊙ Rochas indígenas
- ⊙ Área de cacá
- ⊙ Área de pesca
- ⊙ Mina explorada com alvará do CPRM
- ⊙ Mina abandonada
- ⊙ Área de invasão
- ⊙ Posses e/ou roças derrubadas
- ⊙ Cidade

 MINISTÉRIO DO INTERIOR FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI 4º SUER			
denominação: ÁREA INDÍGENA APYTEREWA		PLANTA DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO	
número: ALTAMIRA, S. FÉLIX DO XINGU E SEN. JOSÉ PORFÍRIO	área: 981.772,3 ha	perímetro: 50.741,3m	data: 05-12-1988
escala: 1:250.000	portaria nº: 720/88 - 789/88	base cartográfica: IBGE - 1:250.000 - T-8 INDIAS BRASILEIRAS	
para: 4º SUER	chefe do Serviço de Identificação e Delimitação: [Assinatura]	chefe do Serviço de Registro e Arquivo: [Assinatura]	chefe do Serviço de Planejamento e Administração: [Assinatura]